



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e são alunas de uma
Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas**

ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA

MANAUS – AM

2023

Bolsista: Elza Beatriz Barros de Paiva, FAPEAM

**Discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e são alunas de uma
Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI, da Universidade Federal do Amazonas, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicológicos e Saúde

ORIENTADOR: PROF. Dr. BRENO DE OLIVEIRA FERREIRA

CO-ORIENTADORA: Prof^ª Dr^ª. DENISE MACHADO DURAN GUTIERREZ

Esta pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas – FAPEAM, através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

MANAUS – AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P149d Paiva, Elza Beatriz Barros de
Discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar são
alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus,
Amazonas / Elza Beatriz Barros de Paiva. 2023
120 f.: color.; 31 cm.
Orientador: Breno de Oliveira Ferreira
Coorientadora: Denise Gutierrez
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicológicos eSaúde) -
Universidade Federal do Amazonas.
1. Violência familiar. 2. violência de gênero. 3. violência contra mulheres
idosas. 4. gênero. 5. Interseccionalidade. I. Ferreira, Breno de Oliveira. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e a minha irmã, que são sempre as primeiras pessoas em quem eu penso quando cogito desistir de algo. Vocês continuam acreditando em mim mesmo quando a minha fé enfraquece, diante dos obstáculos, da distância, do peso das decisões. Obrigada por nunca deixarem de acreditar e nunca deixarem de mandar amor, mesmo de longe.

Ao meu pai, que constantemente expressa seu orgulho e sempre me permitiu acreditar que eu sou capaz de fazer qualquer coisa.

Ao meu companheiro e melhor amigo, Anthony. Tantos anos juntos, mas nunca vai ser o suficiente. Ter você ao meu lado foi tudo. As cargas seriam infinitamente mais pesadas se não fossem divididas. O amor, carinho, apoio e a leveza dos nossos momentos foram cruciais para que eu perseverasse. Obrigada! A vida é muito mais feliz com você.

A todos os meus amigos, em especial à Leninha, Bruno, Bia, Lu, Victor e Gabriel. Estamos nessa caminhada há alguns anos e eu espero que continuemos por muitos mais. Vocês tornam tudo mais fácil.

Às minhas parceiras de mestrado: Rosa, Ana e Stella, obrigada por dividirem as angústias comigo, por me nortearem quando eu precisava e por me permitirem tentar fazer o mesmo por vocês. O percurso foi bem menos árduo graças a isso.

À minha terapeuta, Thacianne, pelo cuidado com que me ouviu nos últimos meses e por me proporcionar um lugar seguro e acolhedor para ser eu mesma.

Ao meu orientador, Breno, que esteve presente desde o início da jornada, dando luz, animação, possibilidades. Tudo em você grita possibilidades e você sempre tem a bondade de partilhá-las comigo. Foi um privilégio.

À professora Denise, minha co-orientadora, por seus ensinamentos e toda a experiência compartilhada.

Aos professores e professoras do PPGPSI, por todas as discussões profundas em sala, pelos conhecimentos e oportunidades.

À Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade, que abriu suas portas a mim e permitiu que eu realizasse a pesquisa nesse espaço tão rico e cheio de vida. Em especial à Stella, Verônica e Kennya, que me apoiaram nessa jornada.

À todas as colaboradoras desta pesquisa, que confiaram em mim o suficiente para compartilharem a história de suas vidas. Vocês são algumas das mulheres mais corajosas que eu tive o prazer de conhecer.

À Universidade Federal do Amazonas e à Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas – FAPEAM, que com o financiamento permitiu que esta pesquisa ocorresse.

“Tudo o que sabemos sobre as mulheres, primeiro foi contado pelos homens”

Feminismo em Comum – Marcia Tiburi

RESUMO: A violência contra as mulheres é um fenômeno de existência milenar, que se dá com grande influência das construções de gênero incrustadas no seio da sociedade, fundadas no pensamento patriarcal. As mulheres são entrelaçadas por camadas de opressão ao longo da história, que as alcançam em proporções e intensidades diferentes de acordo com questões de gênero, geração, raça e classe social. Esses fatores influenciam para que mulheres idosas sejam grandes vítimas de violência familiar, e que essa violência seja legitimada pelas famílias. Quando idosas, as mulheres com frequência sofrem discriminações no mercado de trabalho, discriminações de classe, pois perdem o dinheiro de suas aposentadorias para filhos, netos e outros adultos da família, assim como também sofrem com os preconceitos de gênero, tendo em vista que as violências ocorrem com menor frequência com homens idosos, que continuam ocupando o papel de chefes dos lares. Partindo desse pressuposto, a Interseccionalidade é um conceito que fará parte das análises dos dados desta pesquisa, visto que tal teoria, fundada no feminismo negro, permite que os preconceitos e as iniquidades sejam estudados de acordo com os atravessamentos de cada mulher. As violências, embora atinjam praticamente a totalidade das mulheres, não atingem de forma igual, isto porque cada uma é atravessada por uma realidade subjetiva que é definida a partir de sua faixa etária, sua raça, classe social, contexto socioeconômico, dentre outros. E todas essas características estão interligadas, formando um entrelaçamento de opressões. Esta pesquisa pode servir de aporte para auxiliar na formulação de novas leis e mecanismos que possam agir de modo mais célere e proficiente nesse novo contexto pandêmico que modificou as relações e o cotidiano, e nas consequências que aparecerão no futuro, trazer informações e dados confiáveis à sociedade como um todo, que pode fazer parte da rede de apoio, auxiliando membros da vizinhança, círculos de amizade e familiares no enfrentamento dessa situação. Dito isso, a pesquisa teve como objetivo geral compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas à luz da Teoria dos Dispositivos de Zanello (2018) e da Interseccionalidade, a partir de Nogueira (2017) e Akotirene (2020), além de repercussões vividas no contexto da pandemia, enfatizando o cenário político regional e os apagamentos territoriais. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório. As colaboradoras são mulheres idosas que já vivenciaram ou vivenciam situações de violência familiar e que são alunas da Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI) de Manaus. Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. Ao final do estudo, vimos que os discursos das colaboradoras, em torno da violência, são diversos, e elas atribuem diferentes sentidos para o fenômeno. Embora haja um fator em comum entre elas: a violência sempre foi uma constante em suas vidas, e por isso, a entendem como algo inevitável. A partir disso, encontram estratégias para conviver com essas violências, ao invés de se afastar das relações abusivas e cortar o vínculo com seus agressores. Assim como a busca por conforto e respostas através da espiritualidade, ainda que a religião, por outro lado, seja reconhecida por elas como fortalecedora de violências. Concluímos também que a forma com que enxergam as violências quando vindas dos filhos é diferente de quando o autor é o companheiro. Como principal limitação deste estudo ressaltamos as dificuldades em recrutar colaboradoras dentro da FUNATI, tendo em vista que se trata de um tema delicado. Conseguimos contornar tal limitação a partir de conversas com professores/as e outros/as profissionais que tem um olhar atento e cuidadoso, e estes sugeriram nomes que pudéssemos conversar e apresentar a pesquisa. É necessário trabalhar para minimizar o descaso das instituições que trabalham com o enfrentamento direto das violências, em especial as delegacias, já que estas são o primeiro contato dessas mulheres após tomarem a decisão de realizar a denúncia. São necessários estudos futuros que considerem a Interseccionalidade entre gênero e geração e tenham como plano de fundo o contexto do norte do país. Além de estudos que explorem com profundidade o papel socioemocional que instituições como a FUNATI possuem em seus alunos/as.

Palavras-chave: Violência familiar; violência de gênero; violência contra mulheres idosas; gênero; Interseccionalidade.

ABSTRACT: Violence against women is a phenomenon that has existed for millennia of years and is greatly influenced by gender constructions embedded in society, based on patriarchal

thinking. Women are intertwined by layers of oppression throughout history, which reach them in different proportions and intensities according to issues of gender, generation, race and social class. These factors make elderly women the main victims of family violence, and this violence is legitimized by families. When elderly, women often suffer discrimination in the labor market, class discrimination, as they lose their retirement money to children, grandchildren and other adults in the family, as well as suffering from gender prejudice, given that women violence occurs less frequently with elderly men, who continue to occupy the role of heads of households. Based on this assumption, Intersectionality is a concept that will be part of the analysis of this research's data, since such a theory, founded on black feminism, allows prejudices and inequities to be studied according to the crossings of each woman. Violence, although affecting virtually all women, does not affect them equally, because each one is crossed by a subjective reality that is defined based on their age group, race, social class, socioeconomic context, among others. And all these characteristics are interconnected, forming an interweaving of oppressions. This research can serve as a contribution to assist in the formulation of new laws and mechanisms that can act more quickly and proficiently in this new pandemic context that has changed relationships and daily life, and in the consequences that will appear in the future, bringing reliable information and data to the society as a whole, which can be part of the support network, helping neighborhood members, friendship circles and family members in coping with this situation. That said, the research has the general objective: to understand the discourses of elderly women who have suffered family violence and attend an Open University for the Third Age in Manaus, Amazonas in the light of Zanello's Theory of Devices (2018) and Intersectionality, based on Nogueira (2017) and Akotirene (2020) in addition to repercussions experienced in the context of the pandemic, emphasizing the regional political scenario and territorial erasures. This is a research with a qualitative approach, with an exploratory character. The collaborators are elderly women who have experienced or are experiencing situations of family violence and who attend the Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI) in Manaus. The instruments used were a socioeconomic questionnaire and a semi-structured interview. At the end, we saw that the collaborators' speeches, around violence, are diverse, and they attribute different meanings to the phenomenon. Although there is a common factor between them: violence has always been a constant in their lives, and therefore, they understand it as something inevitable. From this, they find strategies to live with this violence, instead of moving away from abusive relationships and severing the bond with their aggressors. As well as the search for comfort and answers through spirituality, even though religion, on the other hand, is recognized by them as strengthening violence. We also concluded that the way in which they see violence when it comes from their children is different from when the perpetrator is the partner. As the main limitation of this study, we emphasize the difficulties in recruiting collaborators within FUNATI, considering that this is a delicate topic. We managed to get around this limitation from conversations with teachers and other professionals who have an attentive and careful look, and they suggested names that we could talk about and present the research. It is necessary to work to minimize the neglect of the institutions that work with the direct confrontation of violence, especially the police stations, since these are the first contact of these women after taking the decision to file a complaint. Future studies are needed that consider the Intersectionality between gender and generation and have the context of the north of the country as a background. In addition to studies that explore in depth the socio-emotional role that institutions like FUNATI have on their students.

Keywords: Familiar violence; gender violence; violence against elderly women; gender; Intersectionality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. JUSTIFICATIVA.....	13
3. QUADRO TEÓRICO	14
3.1. Envelhecimento	14
3.2. Violência	16
3.3. Gênero.....	21
4. OBJETIVOS.....	24
5. QUADRO METODOLÓGICO.....	25
5.1. Tipo de pesquisa.....	25
5.2. Participantes da pesquisa	26
5.3. Instrumentos	26
5.4. Procedimentos para análise de dados.....	28
6. CUIDADOS ÉTICOS	30
6.1. Riscos	30
6.2. Benefícios	30
7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	31
7.1. Artigo 1.....	32
Violência familiar contra mulheres idosas: uma análise sob o prisma da interseccionalidade e da teoria dos dispositivos.....	32
Introdução.....	32
Cultura e a subjetivação feminina através dos dispositivos.....	34
O amor que se revela fatal: as faces da violência que se perfaz nos dispositivos	37
Considerações finais.....	42
Referências.....	44
7.2. Artigo 2	47
Violência familiar contra mulheres idosas alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade: compreensão analítica de seus discursos.....	47
Introdução.....	48
Percurso Metodológico	50
Análise e discussão dos resultados	52
Práticas e pressupostos morais em torno da violência	53
Imbricamentos de gênero e geração na potencialização da violência	57
Serviços e políticas públicas de acolhimento, orientação e apoio	61
Referências.....	67
7.3 Artigo 3	70

Violência familiar contra mulheres idosas durante a pandemia da Covid-19 sob a perspectiva da Interseccionalidade.....	70
Introdução	71
Percurso Metodológico	73
Análise e discussão dos resultados	75
Novas interfaces da violência na pandemia da Covid-19 e o encontro identitário do território.....	77
Dificuldades no enfrentamento da violência no cenário político nacional e regional	80
Considerações Finais.....	83
Referências.....	85
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
10. APÊNDICES.....	99
10.1. APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO.....	99
10.2. APÊNDICE 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA	100
10.3. APÊNDICE 3 – TCLE.....	102
11. ANEXOS	105
11.1. ANEXO 1 – TERMO DE ANUÊNCIA CSPA.....	105
11.2. ANEXO 2 – TERMO DE ANUÊNCIA DO LOCAL DE PESQUISA.....	106
11.3. ANEXO 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA – UFAM.....	107
11.4. ANEXO 4 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA – UEA	117

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento faz parte do desenvolvimento humano e de fato a população brasileira está cada vez mais composta por pessoas idosas. Contudo, observa-se que temáticas relacionadas à velhice, em termos investigativos no país, ainda são consideradas recentes, principalmente dos pontos de vista científico e social (VIEIRA, 2012). O envelhecimento é um fenômeno biológico, psicológico e social que interfere na existência do ser humano, podendo modificar a sua relação com o tempo, o mundo e sua própria história de vida (MORAES; MORAES; LIMA, 2010).

O processo de envelhecimento acontece de maneira particular e complexa e não deve estar ligado a incapacidade funcional, dependência ou ausência de vivências sociais e sexuais (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016). Contudo, isso é costumeiramente vinculado pelas mídias, o que contribui para uma visão preconceituosa dos idosos como pessoas de papel inativo na sociedade, seja em termos econômicos ou nas relações familiares e sociais.

Essa representatividade social do envelhecimento propicia que idosos/as sejam vistos/as como mais vulneráveis a sofrer violências, e a desvalorização de seu papel social também atua na intensificação desse processo. A falta de investimento político e social na saúde e prevenção de violências e maus tratos à população idosa é uma realidade cultural de uma sociedade que além disso ainda segrega e negligencia. E quando falamos de mulheres idosas, esse fenômeno se fortifica, tendo em vista que as questões de gênero afetam diretamente na maneira como se configura (MINAYO, 2003).

A violência contra as mulheres é um fenômeno de existência milenar, que se dá com grande influência das construções de gênero incrustadas no seio da sociedade, fundadas no pensamento patriarcal. De acordo com Scott (2017), gênero pode ser compreendido como uma forma primária de constituição de relações sociais de poder e de dominação, que se faz a partir das diferenças percebidas entre os sexos. As concepções de gênero são produzidas a partir da crença de que há uma identidade binária natural de gênero: feminino ou masculino, e entre os dois, existe a superioridade do gênero masculino (TIBURI, 2020). Na Grécia Antiga as mulheres eram consideradas seres inferiores, sendo suas opiniões nulas nos âmbitos político e social; o Cristianismo aponta as mulheres como pecadoras e principal causa para que o homem seja banido do paraíso, devendo o sexo feminino ser obediente e submisso ao masculino; até mesmo a medicina por cerca de dois séculos teve como teoria anatômica a teoria do sexo único, onde se

considerava a mulher como um homem invertido e inferior, que não havia conseguido chegar à evolução completa (PINAFI, 2007; LAQUEUR, 2001).

Tais fatos e teorias demonstram que as mulheres foram entrelaçadas por camadas de opressão ao longo da história e tais camadas as alcançam em proporções, intensidades e sentidos diferentes de acordo com questões de gênero, faixa etária, raça e classe social (AKOTIRENE, 2020). Portanto, embora as violências atinjam a todas, elas não são atingidas de formas iguais. No envelhecimento, a violência contra as mulheres idosas alcança novos patamares, isto porque no mínimo dois marcadores de opressão irão se associar: o de ser mulher e o de ser idosa. Deste modo, além dos preconceitos de gênero que sustentam a violência doméstica e familiar, institucional e estrutural, ainda há o preconceito contra a pessoa idosa, que é vista pela sociedade como alguém vulnerável, sem desejos ou planos de vida, além de inativa economicamente. Esses fatores influenciam para que as mulheres idosas sofram mais violência do que homens idosos, e que essa violência seja legitimada pela família, principalmente se a violência não for explícita ou deixar marcas, como a física (DAMACENO, *et al.*, 2020).

A partir do abordado, também utilizamos de embasamento a Teoria dos Dispositivos, cunhada por Valeska Zanello (2018), que empresta o conceito de “dispositivos” de Foucault, que os definiu como um grupo heterogêneo que compreende organizações, instituições, leis, produções científicas, filosóficas, morais e culturais. Em outras palavras, os dispositivos vêm a ser uma complexa e ampla rede de produções sociais que impactam no comportamento dos indivíduos, em suas relações, percepções, discursos e no modo de ser como um todo.

Zanello (2018) apresentou em sua teoria três dispositivos baseados nas construções sociais, tendo como plano de fundo os constructos de gênero, que subordinam minorias, aprisionam e oprimem, assim como ditam os comportamentos e afetos que são permitidos e os que devem ser reprimidos, em sua chamada “pedagogia afetiva”. Os dispositivos são: dispositivo da eficácia, dispositivo amoroso e dispositivo materno. Focaremos nos dispositivos amoroso e materno, mas vale ressaltar que o dispositivo da eficácia também surgiu a partir de construções sociais gendradas e diz respeito ao reconhecimento de qualidade inerentes aos homens, que compõem a identidade do que é ser homem dentro da sociedade. São elas: vigor, seja ele laboral ou sexual, força física e autocontrole emocional. A ausência desses atributos abre margem para o questionamento da própria identidade de ser homem, sendo, portanto, a descrição de padrões comportamentais e discursos prejudiciais e limitantes.

A construção histórica do dispositivo amoroso, por sua vez, se deu a partir da análise das submissões as quais as mulheres foram forçadas ao longo da história em nome da dedicação ao lar, aos maridos e a construção de famílias. Os corpos femininos foram controlados por inúmeras instituições, desde a Igreja até as instituições legais, que subalternizavam as vontades das mulheres e as controlavam na esfera política e social (ZANELLO, 2018; FOUCAULT, 1984). A partir do dispositivo amoroso surgiu o dispositivo materno. Isto porque as instituições traziam para as mulheres a maternidade como um destino nobre e inevitável. O ato de ser mãe passou a ser santificado e os discursos religiosos e políticos manipulavam as mulheres para que estas se enxergassem como as únicas capazes de cuidar. O dispositivo materno traz em seu cerne o cuidado. As mulheres cuidam mais de seus próprios filhos e lares do que de si mesmas. O cuidado passou a ser sua única e principal ocupação. Nessas pedagogias afetivas o controle e a limitação de suas potencialidades mascaram a violência pungente que se transformou ao longo das eras, mas que ainda tem como grandes vítimas as mulheres (ZANELLO, 2018).

Também levamos em consideração o contexto da pandemia causada pela Covid-19, que trouxe mudanças profundas nas relações interpessoais, tendo em vista que os protocolos sanitários exigiram isolamento social, com um cuidado maior na população idosa, que é mais propensa a contrair a forma grave da doença.

Diante do exposto, pensamos na Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI) como um marco institucional para se realizar as entrevistas pelo fato de a instituição representar uma rede de apoio a essas mulheres, e a partir da pesquisa de campo podermos explorar esse contexto e a representação da FUNATI na vida das mesmas, assim como seu papel no enfrentamento indireto à violência.

A partir desses dados, formulamos a seguinte pergunta de pesquisa: **Quais os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas?**

2. JUSTIFICATIVA

O grande aumento nos índices de violência doméstica e familiar, incluindo o cenário da pandemia da Covid-19 (BRASIL, 2020a; IPEA, 2020; BRASIL, 2020b) indica a necessidade de se estimular a produção científica a esse respeito, para que se possa colocar este assunto em evidência e trazer à luz conhecimentos complementares e bem fundamentados aos profissionais envolvidos no acolhimento e assistência dessas vítimas.

Importante ainda auxiliar na formulação de novas leis e mecanismos que possam agir de modo mais célere e proficiente nesse novo contexto pandêmico que modificou as relações e o cotidiano, e nas consequências que aparecerão no futuro, trazer informações e dados confiáveis à sociedade como um todo, que pode fazer parte da rede de apoio, auxiliando membros da vizinhança, círculos de amizade e familiares no enfrentamento dessa situação.

Primordialmente, é importante trazer um maior amparo e proteção às vítimas, destacando todas as ferramentas que possuem a seu favor e que podem valer no enfrentamento desse contexto violento, que atravessa a sociedade desde sua origem (LOPES, 2012). Ouvir seus discursos, mergulhar em suas histórias é fundamental para que suas realidades sejam visualizadas e compreendidas, e para que se caminhe para cada vez mais longe do silenciamento, utilizado por muito tempo como ferramenta de subjugação das mulheres.

Do ponto de vista pessoal, esse tema surgiu a partir de experiências com a população idosa durante os estágios e atividades de pesquisa na graduação. Mais tarde, construí um projeto de pesquisa que deu origem a minha monografia, tal projeto versava sobre grupos de reflexão para mulheres que sofreram violência familiar. Durante os seis meses passados como convidada do grupo, que integrava mulheres jovens, adultas e idosas, compreendi, de modo sensível, os contextos de violência que cada uma das participantes trazia. Visualizar a prática, após conhecer as teorias para construção da monografia, foi fundamental para a sensibilização e o afeto que foram criados em torno do tema. As angústias, os medos e a manipulação dos agressores, que conseguem ler as inseguranças das vítimas e usá-las contra elas, são alguns dos aspectos mais marcantes que ficaram dessa experiência. Perceber que as mulheres daquele grupo se fortaleciam a partir do apoio que forneciam umas às outras, faz com que queiramos fortalecer essas mulheres também a partir deste trabalho.

3. QUADRO TEÓRICO

3.1. Envelhecimento

No Brasil, são consideradas idosas as pessoas com 60 anos ou mais, e o aumento dessa população ocorre de maneira gradual, em um processo conhecido como envelhecimento demográfico. Tal processo traz diversas consequências, tais como o número de diferentes gerações que convivem em uma mesma residência, assim como o crescimento das demandas em serviços de saúde e psicossociais e aumento do número de idosos/as institucionalizados/as, dentre outras, que repercutem nos âmbitos: social, econômico, político e da saúde (ZIMERMAN, 2007).

O processo de envelhecimento traz alterações perceptíveis não somente na velhice, mas ao longo de toda a vida. Mudanças fisiológicas, sociais e psicológicas que ocorrem de formas diferentes em cada indivíduo, isto porque tais mudanças têm muito mais a ver com o modo de vida do que com a idade cronológica, embora essa também tenha relevância. Os fatores externos ao indivíduo contribuem muito para seu comportamento e seu emocional. A sociedade enxerga a pessoa velha como alguém cansado, inativo, sem desejos sexuais, anseios ou planos para o futuro, entretanto, essas não são características da velhice, e logicamente podem estar presentes em quaisquer fases da vida. O/a idoso/a terá comportamentos correspondentes aos que sempre teve em sua juventude e ao longo da vida. A idade cronológica, portanto, não determina características comportamentais próprias, o processo de envelhecimento é marcadamente subjetivo, sendo moldado de acordo com as vivências particulares de cada um (ZIMERMAN, 2007; DARDENGO; MAFRA, 2018).

O envelhecimento é, portanto, um processo multifatorial, que envolve questões biológicas, psíquicas e sociais. Do ponto de vista fisiológico o envelhecimento traz alterações no organismo que atuam sobre o equilíbrio homeostático, diminuindo, por exemplo, o fluxo sanguíneo para os rins, fígado e cérebro, a capacidade pulmonar de mobilização do ar, a função celular no combate às infecções, dentre outros fatores orgânicos. Esse aspecto do envelhecimento está ligado diretamente ao estilo de vida que a pessoa assumiu ao longo da vida. O aspecto psicológico do envelhecimento refere-se às questões comportamentais, emocionais, processos psicológicos básicos tais como: memória, inteligência, linguagem, percepção e pensamento. Por fim, o aspecto social do envelhecimento relaciona-se principalmente ao papel que aquela pessoa assumiu dentro da sociedade ao longo de sua vida e como esse papel é modificado à medida que ela envelhece e passa por mudanças sociais de grandes repercussões, como a aposentadoria, por exemplo. Também está ligada aos hábitos, cultura, história e às relações interpessoais

que se dão com os familiares, colegas de trabalho, amigos de infância, e outras figuras que tem impacto ao longo da vida (MORAES; MORAES; LIMA, 2010).

Parte dessas características do envelhecimento fazem com que as representações sociais em torno do fenômeno sejam de desvalorização, incapacidades, perdas e doenças. No entanto, nos estudos atuais de Gerontologia Social, existem propostas que analisam de modo multidimensional as relações de ganhos e perdas na velhice. Reconhecendo que existem muitos ganhos inexplorados, que acabam sendo desvalorizados, o que ocasiona consequências negativas que fazem com que as representações sociais da velhice sejam sustentadas com base na noção de perdas e declínios (VELOZ; NASCIMENTO-SCHULZE; CAMARGO, 1999; ARAUJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005).

Em torno dessa representação social do envelhecimento foram criados diversos termos utilizados para se referir às pessoas idosas que variam desde adulto maduro à terceira idade e é comum que a maioria das pessoas mais velhas tenha grande resistência a ser chamada de velho, tendo em vista os sentidos negativos que são atribuídos à palavra, demonstrando preconceitos e estereótipos incorporados na linguagem, que fazem com que velho signifique desgaste, decrepitude, declínio, ao invés de simplesmente significar o número de anos que uma pessoa viveu (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008)

Deste modo, a velhice é um processo construído social, histórica e culturalmente que, embora marcado por alterações fisiológicas, é indiretamente ligado à idade cronológica, é complexo e profundamente definido pelas vivências individuais de cada um, assim como pelos modos de vida (DARDENGO; MAFRA, 2018). Esses fatores externos em torno do envelhecimento constroem discursos sociais que vulnerabilizam as pessoas idosas, fazendo com que fiquem propensas a sofrerem violências. Quando se fala de mulheres idosas, essa probabilidade aumenta, tendo em vista que as mulheres são alvos maiores de violência, já que as questões de gênero têm um impacto profundo na forma como os fenômenos se configuram. As violências e os discursos que as cercam são, portanto, gendrados, históricos, racializados e estão inseridos em um contexto histórico e social (MINAYO, 2006).

3.2. Violência

A violência é um fenômeno complexo e plural, e geralmente está relacionada a disputas de poder, autoridade, domínio, aniquilamento de alguém, de um povo, de uma cultura ou religião. Ela sempre esteve presente na sociedade, sendo algumas civilizações mais violentas que outras. É um fenômeno enraizado nas relações e nas subjetividades de cada um, não sendo, portanto, estranha à natureza humana, mas diretamente interligada a ela (MINAYO, 2006).

Há manifestações de violência que são reprovadas social e moralmente, e outras que são reconhecidamente lícitas, embora todas venham a lesar alguém e possam ser transformadas de acordo com o desenvolvimento e a história da humanidade. A misoginia, o domínio patriarcal e o racismo, por exemplo, são violências correlacionadas que, ao longo da história, já foram amplamente aceitas na sociedade como sendo pensamentos e ações justas. Entretanto, atualmente, lutamos pela equidade e reconhecemos o quanto esses tipos de violência foram perversos e nefastos para a humanidade (MINAYO, 2006).

Há cerca de dois séculos, um ato de violência, quando considerado criminoso e delinquente, era punido com ainda mais violência. Execuções públicas atrozes tais como desmembramentos eram, popular e institucionalmente, reconhecidas como sentenças justas para os mais diversos crimes. As autoridades, os carrascos e civis, todos participavam do ato, que se transformava em uma festa pública de punição. Mais tarde, as sentenças aplicadas pelas instituições que detinham o poder mudaram o foco da violência, mas continuaram a ter a soberania dos corpos e a decidir se viviam ou se morriam. A guilhotina, por exemplo, entrou como instrumento de condenação que, embora instantâneo, ainda corporifica a violência final: a morte (FOUCAULT, 1987).

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) declara a violência como um dos principais problemas de saúde pública do mundo, e por isso, muitos pesquisadores e profissionais da saúde se dedicam a compreender as origens da violência e articular métodos que possam minimizar seus impactos na saúde, ressaltando principalmente o caráter preventivo. Para isso, a OMS (2002) define a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (p. 5).

A OMS (2002) conceitua três tipos principais de violência, são eles: a violência autoinfligida, que diz respeito à violência que a pessoa inflige a si mesma, e que pode incluir ideação, comportamento suicida ou automutilação; a violência interpessoal, que é a infligida por outra pessoa ou por um pequeno grupo de pessoas, na qual está inclusa a violência doméstica e familiar; e a violência coletiva, que é aquela cujos autores são grupos maiores, geralmente envolvendo conflitos políticos, sociais e econômicos.

A violência na qual iremos nos ater está no rol da violência interpessoal. De acordo com a Lei Nº 11.340 de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir e combater a violência doméstica e familiar contra a mulher, este tipo de violência subdivide-se em cinco formas principais, são elas: a violência física, entendida na lei como qualquer conduta que prejudique a integridade física; a violência psicológica, que inclui atos que causem danos emocionais, psicológicos, à autoestima, ao desenvolvimento, além de envolver ações de controle de comportamentos, humilhação, manipulação, vigilância, perseguição, chantagem, dentre outros. A terceira forma é a violência sexual, compreendida como qualquer ação que constranja e/ou obrigue a presenciar ou participar de atos de natureza sexual, além de ameaça, impedimento de uso de contraceptivo, forçar o aborto ou gravidez, a prostituição, limitação dos direitos sexuais e reprodutivos, e afins. A quarta forma de violência é a patrimonial, entendida como qualquer ação que retenha, destrua ou subtraia parcial ou totalmente o patrimônio material de alguém; e por fim, a violência moral, que engloba calúnia, difamação ou injúria.

A violência contra pessoas idosas, quando ocorre dentro do ambiente doméstico, caracteriza-se como violência familiar, e tornou-se um problema de saúde e justiça (OMS, 2002). Este tipo de violência é definido como “acometimento ou negligência, intencional ou involuntário, [...] de natureza física, psicológica, patrimonial [...] que resulta em lesão ou dor e consiste em violação dos direitos humanos” (OMS, 2002, p. 126).

De acordo com Minayo (2006), a violência contra pessoas idosas ocorre de maneira combinada entre a violência institucional, estrutural e familiar. Isto porque essa população é vista socialmente como um grupo frágil e dependente. No âmbito institucional o público idoso sofre com baixas aposentadorias, desvalorização no mercado de trabalho, falta de acessibilidade, dentre outros. Já no âmbito estrutural, os conjuntos de preconceitos e estereótipos relacionados à velhice se agrupam nas práticas culturais, sociais e interpessoais, que excluem e negligenciam a pessoa idosa, tornando-a ainda mais vulnerável às violências.

No âmbito familiar, a violência ocorre geralmente por filhos, netos e cuidadores, e são abusos e negligências relacionados a dificuldades financeiras, problemas no espaço físico da casa onde, com frequência, residem mais de uma geração, dentre outras violações, fortalecidas pelo imaginário social que considera o envelhecimento como um processo de perdas e decadência (MINAYO, 2006). A Lei Nº 10.741 de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, define violência contra a pessoa idosa como: “qualquer ação ou omissão praticada em local público ou privado que lhe cause morte, dano ou sofrimento físico ou psicológico”.

Apesar de o Brasil contar com a Lei Nº 10.741, e outros dispositivos que asseguram os direitos das pessoas idosas, um dos maiores problemas que ronda a violência contra essa população é a subnotificação dos casos. Seja por medo ou vergonha, idosos e idosas são continuamente silenciados/as dentro de seus próprios lares (AGÊNCIA BRASIL, 2021).

Nos últimos anos e também com o advento da pandemia da Covid-19, o cenário de violência se agravou. Os/as idosos/as foram e ainda são a população mais duramente atingida pelo vírus e, portanto, as organizações de saúde recomendaram um isolamento social ainda mais rígido, o que escancarou as dificuldades vividas pela população idosa brasileira tanto relativas ao cumprimento do isolamento, quanto aos problemas decorrentes do isolamento, que acaba sendo um agente estressor (SOUZA; MENDES, 2021; ALVES, *et al.*, 2020). O número de denúncias de violência contra pessoas idosas em 2020 ultrapassou 60% em relação aos dados de 2019, e desse número, 83% dos casos são perpetrados por familiares e pessoas de confiança (ALVES, *et al.*, 2020). Por isso, não é errado supor que esse número pode ter sido muito maior do que o registrado, já que este tipo de violência é frequentemente encoberto pelas relações de dependência e proximidade.

No ano de 2021 os números da violência continuaram aumentando, e nos primeiros seis meses o número de notificações de violência contra pessoas idosas ultrapassava os 37 mil, sendo 68% denúncias referentes à violência e abusos contra mulheres idosas (BRASIL, 2022). Mas essa configuração não é nova, dentre a população idosa, as mulheres são as maiores vítimas (SOUTO, *et al.*, 2015; SILVA; LORETO; RAMOS, 2020; AGENCIA BRASIL, 2021). As questões de gênero estão imbricadas nessas estatísticas, assim como em todos os discursos e fenômenos sociais. Vemos que é impossível falar de violência contra mulheres idosas e não discorrer acerca de gênero e do domínio patriarcal que encarcera as relações sociais (MINAYO, 2006).

Para entrelaçar tais conceitos, utilizamos a Teoria da Interseccionalidade, que tem berço no feminismo negro e foi criada pela advogada e ativista Kimberlé Crenshaw. A teoria tem como objetivo ilustrar o modo como as formas de opressões se manifestam. Permite enxergar que os preconceitos e as iniquidades não atingem todas as mulheres de igual modo, isto porque cada uma delas será atravessada por uma realidade subjetiva que pode ter a ver com a sua faixa etária, sua raça, classe social, e todas essas características estarão interligadas, formando um entrelaçamento de opressões (AKOTIRENE, 2020).

Quando idosas, as mulheres com frequência sofrem discriminações no mercado de trabalho, discriminações de classe, pois perdem o dinheiro de suas aposentadorias para filhos, netos e outros adultos da família, assim como também sofrem com os preconceitos de gênero, tendo em vista que as violências ocorrem com menor frequência com homens idosos, que continuam ocupando o papel de chefes dos lares (AKOTIRENE, 2020; NOGUEIRA, 2017).

Desde modo, com o envelhecimento, a violência contra as mulheres atinge novas proporções, isto porque se associam dois marcadores: o de ser mulher e o de ser idosa. Assim, além dos preconceitos de gênero ratificados pelo patriarcado, que promovem violências familiares, institucionais e estruturais, ainda há as questões de como a população idosa é vista no imaginário popular: como sendo frágil, vulnerável e economicamente inativa. Esses fatores influenciam para que as mulheres idosas sofram mais violência do que homens idosos, e para que essa violência seja legitimada pela família, principalmente se não for facilmente detectada, como a violência física, que na maioria das vezes, deixa suas marcas visíveis (DAMACENO, *et al.*, 2020; BRITO; GROSSI; GROSSI, 2020).

Diferente da violência contra mulheres jovens e adultas, a violência contra mulheres idosas geralmente é perpetrada pelos filhos, netos e familiares homens, que tem uma relação de afeto com essas idosas, o que torna penoso para que as mesmas realizem a denúncia, mesmo que saibam que estão sendo violentadas, o que nem sempre é o caso (DAMACENO, *et al.*, 2020). A família, de modo geral, também pode se dividir entre apoiar ou criticar a idosa com relação a aceitação da violência, e a própria construção social de gênero tem um papel importante nessa cisão, tendo em vista que da mulher é esperado e cobrado o “feminino”, ou seja, o caráter de passividade, complacência e docilidade considerados partes fundamentais da personalidade de uma mulher (TIBURI, 2020). Entre o “feminino” e o feminismo, de acordo com Tiburi (2020), “há um abismo

estético, ético e político [...] e o feminino, tal como é desenhado na lógica patriarcal, serve para esconder o ódio que se tem às mulheres e ao feminismo” (p. 50).

Assim, os entrelaçamentos de opressões dificultam ainda mais a saída dessas mulheres das realidades violentas nas quais estão inseridas, e isso se agrava quando essas mulheres consideram suas posições enquanto esposas e mães. Esses papéis as subordinam e apagam-nas enquanto mulheres. Os discursos em torno do amor e da maternidade foram construídos pelo Estado e pela Igreja como estratégias de subjugação feminina. Zanello (2018), em sua teoria dos dispositivos, mostra que esses papéis, além de formarem mais um marcador de opressão, também são um sério fator de risco à saúde das mulheres.

3.3. Gênero

Socialmente, existe um padrão comportamental amplamente aceito no que diz respeito às vivências de gênero e sexualidade. Essa “norma” consente e ratifica os comportamentos heterossexuais e a expressão de gênero correspondente ao que se espera de machos e fêmeas. Os comportamentos que divergem são tidos como desviantes, considerados “sexualidades ilegítimas” (FOUCAULT, 1984). Atualmente, tal fenômeno é conceituado como heteronormatividade. Nesse sentido, espera-se que homens e mulheres performem comportamentos considerados masculinos e femininos, respectivamente (BUTLER, 2019). Entretanto, de acordo com Butler (2019), o próprio conceito de masculino e feminino, assim como os conceitos de gênero e sexualidade, são construídos socialmente, e as pessoas performam, ou seja, agem, se comportam, de acordo com o que é esperado do gênero que lhes foi atribuído em seu nascimento, internalizando aquele papel para si, tornando-o sua essência.

Segundo Scott (2017) o termo “gênero” é empregado para indicar construções sociais e culturais a respeito das ideias sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade, distinguindo-se das práticas sexuais. Gênero traduz um sistema complexo das relações de poder entre masculino e feminino, englobando, desta forma, o sexo, mas não sendo diretamente determinado por ele. Como um elemento que constrói as relações sociais, o gênero, segundo a autora, está presente nas representações simbólicas das culturas, nos conceitos normativos que ajudam a interpretar esses símbolos, presentes na religião, educação, ciência, política, justiça, e todas as outras relações e instituições que representam subnúcleos do poder.

Os constructos sociais acerca de gênero e sexualidade, assim como o binarismo dogmático que ronda os sentidos atribuídos ao feminino e ao masculino, são frutos do patriarcado, sistema de opressão arraigado na sociedade, nas instituições e na cultura. Tal sistema subjuga as mulheres, e é visto como um dispositivo de opressão, que perpetua violência baseadas no gênero (TIBURI, 2020).

A violência direcionada ao que se entende socialmente por gênero feminino ocorre em diversos momentos da história. A misoginia, entendida como ódio às mulheres, está fundamentada nas ações, nos discursos, nos documentos e registros. De acordo com Tiburi (2020) “Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro foi contado pelos homens” (p. 48). A autora relembra momentos históricos em que o patriarcado – que detém o poder e com bastante frequência o confunde com violência –, perseguiu e assassinou mulheres. Na Grécia Antiga, por exemplo, as viúvas eram obrigadas a se atirarem ao fogo e morrer nas piras funerárias junto aos maridos. Mais tarde, na inquisição cristã, houve a perseguição ainda mais cruel e desumana às mulheres que eram consideradas bruxas. Episódios similares se repetiram ao longo da história, e as violências, inclusive seu desdobramento mais grave, atualmente conhecido como feminicídio, continua ocorrendo ao redor de todo mundo, nas mais diversas culturas. A autora ainda ressalta “todas as vezes que as mulheres se tornaram indesejáveis ou inúteis, perigosas ou desobedientes, elas foram perseguidas e mortas” (p. 50).

A partir dos princípios opressores que andam de mãos dadas com o patriarcado, surgiu o feminismo, um movimento que age como um contradispositivo e luta para desconstruir esses princípios, trabalhando em prol da equidade e acreditando no respeito às diferenças, que vão muito além do binarismo homem e mulher, e que adentram na orientação sexual, na expressão de gênero, nas questões de raça, classe, idade, aparências, dentre outros marcadores sociais que estão diretamente ligados aos níveis de opressão sofridos por cada um (TIBURI, 2020). Tais níveis são retratados a partir do conceito de interseccionalidade, que permite com que as estruturas de opressão, que estão profundamente interligadas, sejam vistas de modo mais tangível (AKOTIRENE, 2020).

Dentro das questões de gênero, utilizamos também como base para análise dos dados a Teoria dos Dispositivos, formulada por Zanello (2018), que emprestou o conceito de dispositivos de Foucault, que os define como um conjunto não homogêneo que compreende instituições, organizações, leis, decisões, produções científicas, filosóficas, filantrópicas e morais. Ou seja, dispositivos são uma grande e complexa rede de

produções sociais e culturais que influenciam diretamente nossos discursos, comportamentos, relações, percepções e nosso modo de vida de forma geral.

Em sua teoria, Zanello (2018) criou três dispositivos baseados nas construções sociais, que são gendradas, sendo eles: dispositivo da eficácia, dispositivo amoroso e dispositivo materno. O primeiro diz respeito aos conjuntos de produções que influenciam mais diretamente o comportamento e o modo de vida dos homens. Em termos gerais, o dispositivo da eficácia diz respeito às construções sociais e culturais que reconhecem existir qualidades “naturais”, inatas aos homens, que seriam: o engajamento nas atividades laborais remuneradas, o vigor e a energia sexual, assim como autocontrole físico e emocional. Tais atributos seriam inerentes aos homens, e caso se perceba a ausência de uma ou mais dessas características, a identidade de ser homem é questionada, assim como o lugar que ocupa em nossa sociedade. Deste modo, vemos que apesar de dispositivo da eficácia atribuir aos homens valores e comportamentos tidos como racionais e pragmáticos, esse dispositivo acaba sendo uma prisão, tanto quanto os outros dois.

Ambos os dispositivos: materno e amoroso representam grandes fatores de desempoderamento das mulheres e, conseqüentemente, grandes riscos para a saúde, isso porque é através deles que muitas violências são perpetradas (ZANELLO, 2018).

O dispositivo amoroso foi construído a partir da cultura, que dita e configura o modo como expressamos nossos afetos, a forma como iremos sentir. Por volta do século XII, a construção histórica do dispositivo amoroso se deu a partir da submissão das mulheres em casamentos arranjados, onde seus futuros eram decididos pelos pais e maridos, através de um acordo de negócios do qual elas não faziam parte (ZANELLO, 2018). Mais do que isso, o casamento ao longo do tempo passou a ser transformado em um sacramento pela Igreja Católica, na qual as mulheres eram a parte inferior. Em torno da instituição casamento a igreja e o estado passaram a exercer um controle político e religioso que ditava questões como a natalidade, na qual o sexo deveria ser exercido com o fim único de procriação. Paralelamente era reafirmada a autoridade elevada dos maridos e o desempoderamento das mulheres, ressaltando sua incapacidade jurídica e sua ausência de voz na esfera social, além da exigência de se manter casta e virgem até o casamento, enquanto aos homens era dada a liberdade da poligamia e de realizar experiências sexuais fora do casamento. A sexualidade feminina foi reprimida e controlada, e das mulheres só era exigida a submissão, no leito e fora dele (ZANELLO, 2018; FOUCAULT, 1984).

A partir disso, notamos que o sexo, como fim de procriação, trazia para as mulheres a maternidade como o destino inevitável, e com ela, era exigido que a mulher se comportasse com doçura e gentileza, que fosse uma boa mãe. Com o passar dos séculos, a responsabilidade tanto sobre a criação dos filhos quanto sobre manter o casamento continuou recaindo sobre a mulher. Era seu dever que sempre concordasse com o marido, que se abstinhasse de tecer críticas, quaisquer que fossem e que relevasse os comportamentos que não lhe agradavam. Vemos nessa pedagogia afetiva a violência mascarada, controlando o comportamento feminino e exigindo o aceite tácito de quaisquer atitudes do marido, independentemente de a agradarem ou não, de serem violentas ou não (ZANELLO, 2018).

O casamento entra como uma instituição sagrada, cuja dissolução é um grande pecado. As violências, o adultério (por parte do marido), a falta de afeto, nenhum desses componentes importa desde que se mantenha esta instituição. A Igreja Católica e o próprio estado utilizaram e em partes ainda utilizam o casamento (heterossexual) para exercer controle político e social sobre a população. Nele, a assimetria entre homens e mulheres é evidente, ressaltando o desempoderamento das mulheres diante do controle exercido sobre seus corpos, dentro e fora do leito (ZANELLO, 2018; FOUCAULT, 1984).

Deste modo, as práticas que rondam as violências sofridas pelas mulheres existem em uma espécie de acordo que se perfaz nos discursos e nas interações sociais. Por isso, em maior ou menor grau, tanto os homens quanto as mulheres aceitam e propagam esses discursos, que são repetidos, recriados e aprendidos ao longo de toda a história. As mulheres aprendem a internalizar a sua própria desvalorização e exploração, e partir disso as violências se perfazem.

Para mudar essa configuração, é necessário explorar o empoderamento feminino, que começa a partir do reconhecimento de que se está vivendo uma situação de violência e subjugação, para em seguida utilizar as ferramentas disponíveis para sair dela. Somente assim haverá a quebra das relações patriarcais que subordinam as mulheres desde o princípio (DAMACENO, *et al.*, 2020).

4. OBJETIVOS

Objetivo geral:

Compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas

Objetivos específicos:

- a) Descrever práticas e pressupostos morais (símbolos, mentalidades) em torno de episódios de violência contra as mulheres presentes nos discursos das idosas que são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade
- b) Entender como os imbricamentos de gênero e geração potencializam a violência familiar contra mulheres idosas que são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade considerando o contexto da pandemia de Covid-19
- c) Identificar nos discursos, serviços, políticas públicas ou quaisquer outras iniciativas que proponham acolhimento, orientação e/ou grupos de apoio para mulheres idosas que vivenciam ou vivenciaram situações de violência.

5. QUADRO METODOLÓGICO

5.1. Tipo de pesquisa

A pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa é utilizada quando o pesquisador tem por objetivo o estudo “da história, das relações, crenças, percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (p. 57).

O método qualitativo é indicado para se trabalhar em grupos e contextos específicos onde o pesquisador tenha como objetivo realizar análise de discursos e documentos e também identificar e compreender de forma lógica os processos ocorridos dentro desse segmento em particular que está sendo investigado (MINAYO, 2014).

A pesquisa de campo proporciona uma aproximação maior do objeto a ser estudado, sua inserção no ambiente e sua participação no mesmo. Essa interação entre o pesquisador e o espaço onde a pesquisa será realizada é essencial, pois os sujeitos serão contextualizados em suas interações sociais, subjetividades e demais aspectos que ajudarão a compor a observação do pesquisador e o desenvolvimento da pesquisa como um todo (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016)

5.2. Participantes da pesquisa

As participantes da pesquisa são mulheres idosas que já vivenciaram ou vivenciam situações de violência familiar, e que são alunas de uma Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI) da cidade de Manaus por pelo menos seis meses.

Para captarmos as colaboradoras utilizamos a técnica da bola de neve, que é utilizada em pesquisas qualitativas para amostras não probabilísticas, é consiste em uma rede de referências e indicações de pessoas que estão incluídas no contexto local. é útil para investigar temáticas delicadas e que podem se beneficiar do conhecimento de pessoas que pertencem ao grupo ou ao campo de pesquisas (BOCKORNI; GOMES, 2021).

5.3. Instrumentos

Os instrumentos consistiram em um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. O questionário sociodemográfico é uma ferramenta que auxilia o reconhecimento do perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa, ajudando a compor o contexto econômico, geográfico e social no qual estão inseridas (SILVA; DIAS, 2016).

A entrevista semiestruturada, segundo Minayo (2014), permite mais liberdade ao entrevistador e consiste em um guia contendo os tópicos principais que o mesmo pretende abordar, dessa forma o roteiro da entrevista norteia a conversação, não é rígido e permite flexibilidade para que o entrevistador, de acordo com a demanda encontrada naquela entrevista, explore tópicos que podem vir a ser úteis e/ou benéficos para a elucidação do problema investigado.

Para que a entrevista possa alcançar esse nível de conversação, Minayo (2014) aponta alguns requisitos fundamentais que podem ser inseridos no roteiro, são eles: a formulação da pergunta de modo que dê abertura para uma resposta subjetiva, que de fato expresse as percepções do entrevistado. Perguntas que levem à respostas dicotômicas devem ser evitadas neste tipo de entrevista. Outro ponto importante destacado pela autora é que o roteiro para a entrevista deve conter apenas os tópicos mais essenciais para que o pesquisador alcance seus objetivos, dessa forma, haverá espaço para aprofundar a

conversação, deixando o entrevistado mais à vontade, e evitando assim, limitar suas respostas. Por fim, a autora ressalta que se deve inserir no roteiro tópicos compatíveis com os objetivos e a estrutura do trabalho em si, guiando-os sempre para o cumprimento do que foi proposto no projeto de pesquisa (Apêndice 2).

A pesquisa foi realizada na Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI), localizada no bairro Santo Antônio, na cidade de Manaus. A FUNATI é um órgão da administração indireta do Governo do Estado do Amazonas, vinculada à Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (SEJUSC) e à Universidade Estadual do Estado do Amazonas (UEA). Atualmente é reconhecida tanto nacional quanto internacionalmente pelas pesquisas atreladas ao tema do envelhecimento, envelhecimento da população ribeirinha e amazônica, e também pelo avanço no processo educativo relacionado ao envelhecimento e longevidade com qualidade de vida. Também atua como Centro de Referência nos campos do ensino, pesquisa, extensão e assistência à saúde voltados ao envelhecimento, e ainda promove formação de especialistas na área de Gerontologia e Saúde do Idoso (MANAUS, 2022).

Dentre as atividades realizadas incluem-se as de ensino, onde a FUNATI capacita profissionais para atuar nos âmbitos do envelhecimento, com os cursos de especialização supracitados, além de mediar programas de planejamento para aposentadorias em instituições privadas e públicas. Na área da pesquisa, há investimento em pesquisas que versem sobre o envelhecimento da população ribeirinha em parceiras com universidades do Brasil e do exterior (MANAUS, 2022).

Na extensão, a FUNATI oferece semestralmente tanto em sua sede quanto nos Centros de Convivências do Idoso mais de três mil matrículas destinadas a pessoas que possuam 50 anos ou mais através de oficinas e cursos de capacitação gratuitos como inglês, informática, além das aulas de dança, atividades físicas, geronturismo e aulas de teatro. Já em sua policlínica, a FUNATI oferece assistência à saúde da comunidade oferecendo em média 40 atendimentos especializados por dia, dentre eles encontram-se os serviços de nutrição, psicologia, fisioterapia dentre outros (MANAUS, 2022).

Com relação ao perfil socioeconômico mais geral dos/as idosos/as, há dados mais especificamente dos participantes das oficinas de saúde da FUNATI. Dentre eles, 96,9% possuem filhos, 87,8% tem casa própria, e destes, 53,4% dividem a residência com outras gerações, variando entre 3 a 4 pessoas. Verificamos ainda que 67,9% recebem uma aposentadoria menor que três salários mínimos, e 55% deles (as) consideram-se financeiramente independentes. Com relação a planos particulares de saúde, apenas

37,4% possuem, a maioria é usuário do Sistema Único de Saúde (SUS), e 64,1% utilizar o transporte público para chegar à instituição (VIANA, 2014).

A partir de visitas prévias à instituição e conversas informais com professores/as e mediadores/as de atividades, tomamos conhecimento de idosas que vivem ou já viveram em um contexto de violência. Deste modo, a partir das indicações fizemos o contato com as idosas na FUNATI, explicamos a pesquisa, os procedimentos e o propósito da mesma, incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE [Apêndice 3]), o encaminhamento, caso necessário, ao Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Em seguida, após a assinatura do TCLE (Apêndice 3), as participantes preencheram o questionário sociodemográfico (Apêndice 1).

5.4. Procedimentos para análise de dados

Utilizamos como método a Análise do Discurso de Pêcheux (1960) a partir da metodologia proposta por Freire (2014). Esse método entende a língua como um acontecimento, uma verdadeira prática social, repleta de conceitos, crenças, valores, história e imagens. É a interpretação dessas características que acompanham a língua que fazem com que seja possível a construção de uma matriz semântica, ou seja, o componente de sentido. Nenhuma das palavras usadas é vista como aleatória ou desprovida de sentido, e não é utilizada apenas pelo uso da liberdade de quem fala. O que realmente determina o uso das palavras que compõem os discursos são as condições sócio-históricas de produção (FREIRE, 2014). Deste modo, reconhecemos que não há discursos isolados uns dos outros, eles são históricos, temporais e, portanto, condicionados às ideologias e sistemas sociais, o patriarcado, por exemplo, é um deles. Assim, escolhemos esse método para que fosse possível compreender e descrever as ideologias, práticas e pressupostos morais e sociais, ligados às questões de gênero e geração que estão presentes nos discursos das mulheres idosas colaboradoras desta pesquisa.

Ao longo da história da sociedade “a produção do discurso foi controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 2014 p. 8), procedimentos de exclusão e interdição dos discursos, limitando-os ao que é permitido ser dito e em quais circunstâncias dizer, seja pelo tabu que envolve algum objeto de discurso, por rituais culturais, sociais, religiosos, ou pelo

direito de exclusividade daquele que fala. Para o autor, o discurso não é somente o mecanismo pelo qual se mostram ou se ocultam desejos, mas vem a ser o próprio objeto de desejo, o poder do qual as pessoas desejam se apoderar.

Foucault (2014) também chama atenção para um outro princípio de exclusão dos discursos, que é a separação ou rejeição. De acordo com esse princípio, determinadas pessoas têm seus discursos rejeitados e deles são retirados a possibilidade de utilizar significantes. O autor usa como exemplo o discurso das pessoas consideradas loucas na Idade Média, mas pode-se também, de acordo com a temática do presente trabalho, associar que por muitos séculos os discursos das mulheres sobre política, trabalho, economia e diversos outros assuntos, foi desprovido de razão e de valor (PINAFLI, 2007).

Na sociedade, há desvelamentos entre os discursos, há discursos que são ditos no dia-a-dia, e que não perduram. Entretanto, há uma classe de discursos, narrativas, que são contadas, recontadas, se repetem, se transformam, mas se conservam em seu âmago, na suposição de que tais discursos contem segredos ou riquezas. São discursos que estão no fundamento de atos antigos e novos, presentes em acontecimentos históricos, e que crescem para muito além das suas formulações ou de seus enunciadores (FOUCAULT, 2014). O patriarcado, e todos os discursos e narrativas que o revolvem, será importante aporte conceitual na presente análise da compreensão das vivências de violência das mulheres idosas participantes da presente pesquisa.

As ideologias, a cultura e a história se mostram nos discursos dos enunciadores a partir dos significados atribuídos por eles a eventos materiais (FREIRE, 2006). Deste modo, de acordo com Freire (2014), para se realizar a AD é necessário primeiramente definir o conceito-análise, que corresponde ao objeto da análise. Na presente pesquisa, o conceito-análise será definido a priori, ou seja, a partir da definição do interesse da analista, com uma temática pré-definida. Quando se utiliza o método do conceito-análise a priori, deve-se valorizar quem tem algo a dizer sobre a temática, ou seja, os enunciadores, que neste caso são as mulheres idosas que sofreram violência familiar.

Posteriormente, para a análise em si, deve-se interpretar e analisar o *corpus* do texto a partir de três questões norteadoras. A primeira busca responder qual o conceito-análise presente no texto, a segunda analisa como o texto constrói o conceito-análise e a terceira tem como propósito verificar a qual discurso pertence o conceito-análise construído da forma que o texto constrói (FREIRE, 2014).

Assim, a AD parte do fundamento ideológico de que a enunciação não é discurso, mas que o discurso está presente também no não-verbal, e inclusive no silêncio. Para a

AD é considerado texto “qualquer objeto simbólico que produza sentido” (FREIRE, p. 37, 2014), e a partir disso, os sentidos poderão ser produzidos a partir dos já introduzidos em todo mundo de acordo com as percepções, os valores e as experiências adquiridas, que podem ser convocados para sustentarem esses novos sentidos que estão sendo produzidos na análise. Os sentidos pré-existentes são denominados de memória discursiva ou interdiscurso (FREIRE, 2014).

O conceito-análise desta pesquisa foi definido *a priori*, ou seja, antes da coleta de dados, tendo em vista já tínhamos um interesse em um tema específico que queríamos analisar, no caso: a violência familiar contra mulheres idosas que frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade.

6. CUIDADOS ÉTICOS

A pesquisa atendeu as exigências éticas e científicas abarcadas na Resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovada sob o parecer de número 5.325.339 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

6.1. Riscos

Toda pesquisa com seres humanos possui riscos, sendo os possíveis: danos morais, emocionais e sociais. Durante a pesquisa, asseguramos às colaboradoras que caso alguma dessas situações se concretizasse, elas seriam encaminhadas ao serviço de atendimento psicológico gratuito fornecido pela CSPA (Centro de Serviços de Psicologia Aplicada) da Universidade Federal do Amazonas, que foi previamente contatado, através da apresentação do projeto e da assinatura de um termo de anuência (Anexo 1).

Devido à pandemia levamos em consideração a possibilidade de contágio pelo vírus da Covid-19, portanto todas as recomendações sanitárias foram seguidas, tais como: distanciamento físico das participantes, uso de máscaras N95, além de álcool em gel e comprovante de vacina.

6.2. Benefícios

Proporcionar escuta, acolhimento e informação às mulheres idosas que se encontram em situação de violência familiar; possibilidade de inserção de um projeto de acolhimento à essa população na FUNATI, que não possui nenhum projeto assim.

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa serão apresentados em formato de dois artigos. O primeiro foi submetido na revista Saúde e Sociedade e o segundo na revista Cadernos de Gênero e Diversidade, e ambos foram formatados de acordo com as normas das respectivas revistas.

7.1. Artigo 1

Violência familiar contra mulheres idosas: uma análise sob o prisma da interseccionalidade e da teoria dos dispositivos

RESUMO: As mulheres são entrelaçadas por camadas de opressão que as alcançam em intensidades e sentidos diferentes de acordo com gênero, geração, raça e classe. Embora as violências atinjam a todas, elas não são atingidas de formas iguais. No envelhecimento, a violência contra as mulheres alcança novos patamares, isto porque no mínimo dois marcadores de opressão irão se associar: o de ser mulher e o de ser idosa. A base gendrada dessas construções é embasada na Teoria dos Dispositivos e na Teoria da Interseccionalidade. A partir disso, este ensaio tem como objetivo analisar os constructos que se entrelaçam na Interseccionalidade de gênero e geração, englobando questões sociais, culturais, religiosas, que envolvem a pedagogia dos afetos e os dispositivos amoroso e materno, que em seu quadro geral resultam em violências cotidianas que afetam a saúde e qualidade de vida das mulheres. Concluímos que no envelhecimento, tais violências mudam de forma e autor, mas as questões de gênero permanecem sendo um fator para sua ocorrência, sendo mulheres idosas as maiores vítimas, enquanto os homens idosos, apesar de sofrerem mais violências no âmbito familiar do que os homens jovens, continuam representando um papel de autoridade, o que os tornam vítimas menos frequentes.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Teoria dos Dispositivos, gênero, violência de gênero.

ABSTRACT: Women are intertwined by layers of oppression that reach them in different intensities and senses according to gender, generation, race and class. Although violence affects everyone, they are not affected equally. In aging, violence against women reaches new levels, because at least two markers of oppression will be associated: being a woman and being elderly. The gendered basis of these constructions is grounded in Teoria dos Dispositivos and Intersectionality Theory. From this, this essay aims to analyze the constructs that intertwine in the Intersectionality of gender and generation, encompassing social, cultural, religious issues, which involve the pedagogy of affections and the loving and maternal devices, which in their general framework result in daily violence that affect women's health and quality of life. We conclude that in aging, such violence changes form and author, but gender issues remain a factor for its occurrence, with elderly women being the main victims, while elderly men, despite suffering more violence within the family than men young men continue to play a role of authority, which makes them less frequent victims.

Keywords: Intersectionality, Theory of Devices, gender, gender violence.

Introdução

A violência contra as mulheres é um fenômeno de existência milenar que se dá com grande influência das construções de gênero incrustadas no seio da sociedade, fundadas no pensamento patriarcal. De acordo com Scott (2017), gênero pode ser compreendido como uma forma primária de constituição de relações sociais de poder e de dominação, que se faz a partir das diferenças percebidas entre os sexos. As concepções

de gênero são produzidas a partir da crença de que há uma identidade binária natural de gênero: feminino ou masculino, e dentre os dois, existe a superioridade do gênero masculino (TIBURI, 2020). Na Grécia Antiga, as mulheres eram consideradas seres inferiores, sendo suas opiniões nulas nos âmbitos político e social; o Cristianismo aponta as mulheres como pecadoras e principais causas para que os homens sejam banidos do paraíso, devendo, como punição, o sexo feminino ser obediente e submisso ao masculino. Até mesmo a medicina, por cerca de dois séculos, teve como teoria anatômica a teoria do sexo único, onde se considerava a mulher como um homem invertido e inferior, que não havia conseguido chegar à evolução completa (PINAFI, 2007; LAQUEUR, 2001).

Tais fatos e teorias demonstram que as mulheres são entrelaçadas por camadas de opressão ao longo da história, e tais camadas as alcançam em proporções, intensidades e sentidos diferentes de acordo com questões de gênero, geração, raça e classe social (AKOTIRENE, 2020). Embora as violências atinjam a todas, elas não são atingidas de formas iguais. No envelhecimento, a violência contra as mulheres idosas alcança novos patamares, isto porque no mínimo dois marcadores de opressão irão se associar: o de ser mulher e o de ser idosa, tais entrelaçamentos de opressão são ilustrados pela Teoria da Interseccionalidade. Deste modo, além dos preconceitos de gênero que sustentam a violência familiar, institucional e estrutural, ainda há o preconceito contra a pessoa idosa, que é vista pela sociedade como alguém vulnerável, sem desejos ou planos de vida, além de inativa economicamente. Esses fatores influenciam para que as mulheres idosas sofram mais violência do que homens idosos, e para que essa violência seja legitimada pela família, principalmente se a violência não for explícita, como a física (DAMACENO *et al.*, 2020).

A violência é um fenômeno complexo e plural, e geralmente está relacionada a disputas de poder, autoridade, domínio, aniquilamento de alguém, de um povo, de uma cultura ou religião. Ela sempre esteve presente na sociedade, sendo algumas civilizações mais violentas do que outras. É um fenômeno enraizado nas relações e nas subjetividades de cada um, não sendo, portanto, estranha à natureza humana, mas diretamente interligada a ela (MINAYO, 2006).

Há manifestações de violência que são reprovadas social e moralmente, e outras que são reconhecidamente lícitas, embora todas venham a lesar alguém e possam ser transformadas de acordo com o desenvolvimento e a história da humanidade. A misoginia, o domínio patriarcal e o racismo, por exemplo, são violências correlacionadas que, ao longo da história, já foram amplamente aceitas na sociedade como sendo um

complexo de pensamentos e ações justas. Entretanto, atualmente, lutamos pela equidade e conseguimos reconhecer o quanto essas violências foram e ainda são perversas e nefastas para a humanidade (MINAYO, 2006).

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) declara a violência como um dos principais problemas de saúde pública do mundo, e por isso, muitos pesquisadores e profissionais da saúde se dedicam a compreender as origens da violência e articular métodos que possam minimizar seus impactos na saúde, ressaltando principalmente o caráter preventivo.

Quando falamos da violência familiar contra mulheres existe uma lacuna nos estudos que consideram a interseccionalidade de gênero e geração na análise desse fenômeno, ainda que entre a população idosa, as mulheres sejam as maiores vítimas (TAVARES; PEREIRA, 2018). Nesse prisma, faz-se importante analisar essa categoria não somente a partir da interseção, mas também levando em conta os aspectos socioculturais, as pedagogias afetivas, os dispositivos e as tecnologias aperfeiçoadas ao longo dos séculos para submeter e subjugar a população feminina.

A partir disso, o presente ensaio tem como principal objetivo analisar os constructos que se entrelaçam na interseccionalidade de gênero e geração, englobando questões sociais, culturais, religiosas, que envolvem a pedagogia dos afetos, os dispositivos amoroso e materno, e que em seu quadro geral acabam por resultar em violências cotidianas que mulheres, mais especificamente mulheres idosas, sofrem, e que afetam diretamente sua saúde e qualidade de vida (ZANELLO, 2018).

Cultura e a subjetivação feminina através dos dispositivos

A cultura, de acordo com Geertz (2008), compreende símbolos e suas formas interpretativas, padrões de significados que foram constituídos ao longo da história da humanidade, e continuam a ser (re) construídos diariamente. Através desse conjunto de significados, contextualizados pelas ações humanas, é que são criados costumes, crenças, regras, artefatos, conhecimentos e, é claro, poder e dominação. A cultura, portanto, confere a determinados grupos poderes e prerrogativas que a outros são negados, é o caso, por exemplo, das mulheres.

De modo transgeracional, ao longo da história, práticas culturais ou *scripts* culturais são selecionados, ditando comportamentos e interpretações aos variados grupos sociais. Um exemplo disso é a forma como os *scripts* culturais valorizam ou desvalorizam certas performances e expressões de afeto – a chamada pedagogia dos afetos ou

colonização afetiva – nos dando uma mostra de que até mesmo as emoções são socialmente construídas e condicionadas de acordo com a cultura (GEERTZ, 2008; ZANELLO, 2018).

Em nossa cultura, as emoções e as relações são constituídas a partir do binarismo homem/mulher. Tornar-se homem e tornar-se mulher define, portanto, o nosso *script* comportamental, a forma como nos portamos, como devemos responder as mais variadas formas de interações. Deste modo, de acordo com a cultura, espera-se que homens e mulheres performem, ou seja, desempenhem, pratiquem comportamentos considerados masculinos e femininos, respectivamente (BUTLER, 2019). Quaisquer outras formas de expressão de gênero que desviem dessa norma cultural serão tidas como impróprias, não aceitas, considerados “sexualidades ilegítimas” (FOUCAULT, 1984).

A partir disso, precisamos analisar quais emoções e interações são esperadas de homens e mulheres. Quais são autorizadas? Quais são alienadas? E o quanto essa prisão afetiva e interacional, ou como nomeia Zanello (2018), essa “pedagogia dos afetos”, interfere negativamente no cotidiano das pessoas, acarretando explorações e violências para ambos os grupos, embora aqui exploraremos o grupo das mulheres, com a interseção de geração.

É importante frisar que falaremos de mulheres idosas pela necessidade de afunilarmos o grupo em foco e compreendermos o contexto de opressão que esse público vive, em articulação com os dispositivos amoroso e materno. Entretanto, entendemos que o termo “mulheres”, para os estudos políticos e feministas atuais, enquanto categoria de gênero, é um tanto limitante e até mesmo excludente. Apoiamos a visão de Butler (2019), que entende ser necessária uma subversão radical do uso desse termo para representar as lutas femininas, considerando a construção variável da identidade de gênero, e não a noção singular de identidade.

Zanello (2018), ao formular sua teoria dos dispositivos, empresta o conceito de dispositivos de Foucault, que os define como um conjunto não homogêneo que compreende instituições, organizações, leis, decisões, produções científicas, filosóficas, filantrópicas e morais. Ou seja, dispositivos são uma grande e complexa rede de produções sociais e culturais que influenciam diretamente nosso comportamento, nossas relações, percepções e nosso modo de vida de forma geral.

Em sua teoria, Zanello (2018) criou três dispositivos baseados nas construções sociais, que são gendradas, sendo eles: dispositivo da eficácia, dispositivo amoroso e dispositivo materno. O primeiro diz respeito ao conjunto de produções que influenciam

mais diretamente o comportamento e o modo de vida dos homens, não sendo, portanto, o foco do presente ensaio. Em termos gerais, o dispositivo da eficácia diz respeito às construções sociais e culturais que reconhecem existir qualidades “naturais”, inatas aos homens, que seriam: o engajamento nas atividades laborais remuneradas, o vigor e a energia sexual, assim como autocontrole físico e emocional. Tais atributos seriam inerentes aos homens, e caso se perceba a ausência de uma ou mais dessas características, a identidade de ser homem é questionada, assim como o lugar que ocupa em nossa sociedade. Deste modo, vemos que apesar de o dispositivo da eficácia atribuir aos homens valores e comportamentos tidos como racionais e pragmáticos, esse dispositivo acaba sendo uma prisão, tanto quanto os outros dois.

Ambos os dispositivos: materno e amoroso representam grandes fatores de desempoderamento das mulheres e, conseqüentemente, grandes riscos para a saúde, isso porque é através deles que muitas violências são perpetradas. O dispositivo amoroso foi construído a partir da cultura, que dita e configura o modo como expressamos nossos afetos, a forma como iremos sentir. Por volta do século XII, a construção histórica do dispositivo amoroso se deu a partir da submissão das mulheres em casamentos arranjados, onde seus futuros eram decididos pelos pais e maridos, através de um acordo de negócios do qual elas não faziam parte (ZANELLO, 2018).

Mais do que isso, o casamento ao longo do tempo passou a ser transformado em um sacramento pela Igreja Católica, na qual as mulheres eram a parte inferior. Em torno da instituição casamento a igreja e o estado passaram a exercer um controle político e religioso que ditava questões como a natalidade, na qual o sexo deveria ser exercido com o fim único de procriação. Paralelamente era reafirmada a autoridade elevada dos maridos e o desempoderamento das mulheres, ressaltando sua incapacidade jurídica e sua ausência de voz na esfera social, além da exigência de se manter casta e virgem até o casamento, enquanto aos homens era dada a liberdade da poligamia e de realizar experiências sexuais fora do casamento. A sexualidade feminina foi reprimida e controlada, e das mulheres só era exigida a submissão, no leito e fora dele (ZANELLO, 2018; FOUCAULT, 1984).

A partir disso, nota-se que o sexo, como fim de procriação, trazia para as mulheres a maternidade como o destino inevitável, e com ela, era exigido que a mulher se comportasse com doçura e gentileza, que fosse uma boa mãe. Com o passar dos séculos, a responsabilidade tanto sobre a criação dos filhos quanto sobre manter o casamento continuou recaindo sobre a mulher. Era seu dever que sempre concordasse com o marido, que se abstinhasse de tecer críticas, quaisquer que fossem, que relevasse os

comportamentos que não lhe agradavam. Vemos nessa pedagogia afetiva a violência mascarada, controlando o comportamento feminino e exigindo o aceite tácito de quaisquer atitudes do marido, independentemente de a agradarem ou não, de serem violentas ou não (ZANELLO, 2018).

Os trechos a seguir foram retirados de revistas de grande circulação no século XX:

Uma boa esposa seria a que não criticava, que evitava comentários desfavoráveis, a que se vestisse sobriamente, a que limitasse passeios quando marido estivesse ausente, a que não fosse muito vaidosa nem provocasse ciúmes no marido (DEL PRIORE, 2011, p. 292).

A partir dessas prescrições do comportamento feminino, conseguimos ver a violência velada que predominava no cotidiano das mulheres e que tinha como base o dispositivo amoroso, que se solidificou socialmente ancorado na desigualdade com que era e ainda é vivenciado por homens e mulheres. Para os primeiros, o amor é visto como instrumento de proteção à saúde, enquanto que para as mulheres amar é renegar-se, é perder-se de si e esquecer-se de suas próprias necessidades, é sacrificar-se a outrem, e são nesses sacrifícios e apagamentos que as violências se perfazem.

O amor que se revela fatal: as faces da violência que se perfaz nos dispositivos

Para falarmos da violência contra as mulheres, que se caracteriza como uma violência de gênero, precisamos primeiramente conceituar gênero. A palavra “gênero” foi idealizada inicialmente pela própria ciência psicológica, e diz respeito a construção social do ser “feminino” e do ser “masculino”. Ou seja, gênero seria uma interferência, uma produção diretamente cultural que organiza a sexualidade. Assim, a divisão sexual binária é culturalmente imposta aos sexos e se caracteriza, atualmente, pela heterossexualidade compulsória, pelas limitações na sexualidade feminina e a destituição de poder e liberdade às mulheres, que ocasiona limitações sociais, profissionais, acadêmicas e familiares, gerando grandes diferenças nas relações de poder e, conseqüentemente, acarretando realidades violentas e cruéis (SAFFIOTI, 1999).

Zanello (2018) nos traz dois dispositivos que subjetivam as relações das mulheres de forma gendrada e que dominam as dinâmicas de poder: o dispositivo amoroso e o dispositivo materno. O dispositivo amoroso iniciou a subjugação feminina dentro das relações matrimoniais heterossexuais, cuja total submissão e silenciamento feminino era incentivado pelas famílias dos cônjuges e pela própria Igreja Católica, que intervinha ativamente nos matrimônios, controlando a frequência das relações sexuais – que deveriam

ocorrer apenas para fins reprodutivos –, os nascimentos, legítimos e os não legítimos, além do controle sobre o comportamento feminino, que deveria ser devotado ao lar, ao marido e aos filhos (ZANELLO, 2018; FOUCAULT, 1984).

Quanto aos homens, seus desejos sexuais eram atendidos não só pelas esposas, mas havia um aval do estado e da igreja para que procurassem livremente outras mulheres. Essa face da poligamia demonstra o abuso sofrido não só pelas esposas, que precisavam aceitar placidamente essa realidade, mas também das mulheres que eram procuradas. É explícito, por exemplo, o racismo e a misoginia, mascarando a violência cotidiana na qual as mulheres eram submetidas, no ditado popular do século XIX “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” (ZANELLO, 2018, p. 66).

Através do dispositivo amoroso as mulheres eram e ainda são violentadas não somente dentro do casamento, mas também fora dele, tendo em vista que as mulheres pretas, solteiras e mais velhas, o grupo das preteridas, viam-se obrigadas a se submeter física e emocionalmente aos homens casados que as procuravam. Atualmente, isso ainda ocorre com frequência. O número de denúncias de violência contra mulheres idosas em 2020 ultrapassou 60% em relação aos dados de 2019, e desse número, 83% dos casos são perpetrados por familiares e pessoas de confiança, que mantinham um relacionamento próximo com a vítima (ALVES *et al.*, 2020).

No ano de 2021 os números da violência continuaram aumentando e nos primeiros seis meses o número de notificações de violência contra pessoas idosas ultrapassava os 37 mil, sendo 68% denúncias referentes à violência e abusos contra mulheres idosas (BRASIL, 2022). Mas essa configuração não é nova, dentre a população idosa, as mulheres são as maiores vítimas (SOUTO *et al.* 2015; SILVA; LORETO; RAMOS, 2020; AGENCIA BRASIL, 2021). Neste âmbito, assim como em todas as relações interpessoais, as questões de gênero têm um impacto profundo na forma como os fenômenos se configuram, por isso, se faz necessário a análise desse fenômeno sob o prisma da Teoria dos Dispositivos, que considera as relações como gendradas e socialmente estruturadas (MINAYO, 2006, ZANELLO, 2018).

De acordo com a metáfora criada por Zanello (2018) - “Prateleira do Amor”, a sociedade e a cultura concederam aos homens o lugar de escolha de suas parceiras, e reservaram às mulheres o lugar de espera, de prostrar-se na prateleira, como um objeto a ser escolhido em uma loja, a espera de alguém o levar para casa. A autora ressalta que as mulheres que estão no topo dessa prateleira são aquelas que possuem traços físicos correspondentes ao ideal social de beleza, ou seja, mulheres brancas, magras e jovens,

sendo evidente, ainda nos dias de hoje, o racismo, o etarismo e o estereótipo da beleza magra. As mulheres jovens e pretas são os maiores alvos de violências perpetradas por parceiros íntimos e das violências sexuais. E as mulheres pretas, independentemente da faixa etária, são as maiores vítimas de feminicídio. No ano de 2019, 66% das mulheres que foram assassinadas no país eram pretas. Ou seja, embora sejam as mais preteridas para ocuparem o lugar de parceira, são as vítimas mais frequentes quando se trata de violências (CERQUEIRA *et al.*, 2021).

Dentro do dispositivo amoroso as mulheres mais velhas também são preteridas em detrimento das mais jovens. Nesse prisma, à medida que envelhecem as mulheres são “libertas” da obrigação de procriar, não são mais sexualizadas e as violências através do assédio e do estupro diminuem, assim como as violências perpetradas por parceiros íntimos, tendo em vista que as mulheres tem uma expectativa de vida maior que a dos homens e são a maioria da população idosa do país, vivendo por mais tempo que seus parceiros (ALMEIDA *et al.*, 2015). Ao mesmo tempo em que a interseccionalidade geracional ocasiona isso, também faz com que as mulheres se sintam desvalorizadas, tendo em vista que não foram “escolhidas”, o que pode acarretar o ingresso em um relacionamento com um parceiro desagradável e muitas vezes violento:

[...] quanto mais velha a mulher, maior a chance de ocupar um lugar “ruim” na prateleira e a necessidade identitária de se sentir “validada” como mulher (e, em muitos casos, pelo dispositivo materno, para se tornar mãe) alcança as raias da auto e da hetero crueldade. Isso vulnerabiliza ainda mais as mulheres e as coloca no “mercado amoroso” aceitando “qualquer negócio” (ZANELLO, 2018, p. 93).

Assim, vemos que as violências não terminam com a chegada da velhice, elas apenas mudam de forma e de autor. Conversando diretamente com a metáfora da prateleira e reconhecendo que a maternidade ainda é vendida como o maior objetivo de vida das mulheres, quando tal objetivo não pode mais ser alcançado, as mulheres idosas sentem-se vazias. E por estarem tão abaixo na prateleira do amor e não serem mais objetos de desejos, sentem-se preteridas, a autoestima diminui e chegam os sentimentos de desvalor. Com o fim de preencher tal “lacuna”, acabam por se dedicar a cuidar dos filhos e netos, e muitas vezes são exploradas e violentadas nesse cuidado. É neste ponto que vemos outra face do dispositivo materno: apesar de as mulheres idosas não serem mais estimuladas a procriar, elas passaram suas vidas inteiras sendo ensinadas a amar seus filhos e os filhos de seus filhos incondicionalmente. O não-lugar que passam a ocupar na

sociedade e na própria família faz com que as mulheres idosas sejam desvalorizadas e se tornem um alvo mais frequente de violência (ZANELLO, 2018; BADINTER, 2011).

Nas famílias, existem microdinâmicas de poder que perpetuam as violências contra as mulheres idosas. Quando homens envelhecem, o respeito e o cuidado dos familiares tende a permanecer, em comparação às mulheres, que desempenham durante a vida inteira o papel de cuidadoras e continuam desempenhando-o mesmo no envelhecimento, com o diferencial de que reduzem a produtividade e acabam perdendo valor dentro da família, tendo em vista que o valor das mulheres é medido também de acordo com o quanto conseguem se doar no cuidado ao outro (TIBURI, 2020).

Suas vozes são apagadas e elas pouco são consultadas nas decisões familiares, o que ocasiona o isolamento por perceberem a desvalorização, ao mesmo tempo em que dificilmente conseguem dar as costas aos filhos e netos quando os mesmos cometem abusos diretos ou por negligência, isto porque foram ensinadas a cuidar, a doar-se e a silenciar, mesmo diante de desconfortos (ZANELLO, 2018; BADINTER, 2011).

Esses comportamentos foram criados a partir de tecnologias de gênero, conceito que define o gênero e a sexualidade como um complexo de representações que atribui sentidos e significados às pessoas na nossa sociedade. Deste modo, criam-se comportamentos que são socialmente aceitos a partir da forma como essas tecnologias subjetivam os indivíduos (ZANELLO; MONTEIRO, 2014). As fortes tecnologias de gênero impuseram às mulheres o ideal de ser-para-o-outro, de confortar, de fazer feliz ainda que isso custe sua própria felicidade. O silêncio, seja nas relações amorosas, seja nas relações platônicas com os demais familiares, foi a principal ferramenta ensinada à essas idosas para que mantivessem a harmonia do lar (ZANELLO, 2018).

Essas mulheres cresceram sob o forte regime do silenciamento, seja social, familiar, cultural ou político. Afinal, suas avós e mães provavelmente passaram boa parte de suas vidas sem ter direito a expressar suas opiniões nem dentro de casa e nem fora dela. A voz política e social das mulheres começou a se solidificar há muito pouco tempo, e só foi formalizada em 1932, quando o direito ao sufrágio foi adquirido (MARQUES, 2019).

O silêncio enquanto ferramenta de opressão e de permanência nas violências também vai além do contexto político e social e entra na cultura e na infância dessas mulheres através da mídia e dos meios de comunicação, tais como a televisão, a rádio e as próprias histórias que são contadas e recontadas. Esses meios, grandes tecnologias de gênero, fazem parte da criação e recriação desses espaços de subjugação das mulheres, e

fortalecem diversas violências. Um grande exemplo dessas tecnologias, que cruzou a fronteira do tempo e continua presente em nosso dia-a-dia, são os filmes, mais especificamente os desenhos animados, que são conteúdo, em sua maioria, destinado às crianças (ZANELLO; MONTEIRO, 2014).

O filme “Cinderela”, por exemplo, que estreou em 1950, traz no papel principal uma jovem que foi deixada sob os cuidados da madrasta quando o pai veio a falecer. Cinderela é usada pela madrasta e pelas meias-irmãs como empregada, mas sempre responde de forma dócil e passiva mesmo às mais cruéis exigências. O comportamento da protagonista é posto como a imagem do ideal feminino, e sua bondade e passividade frente às violências e maus-tratos sofridos fazem com que ela seja “recompensada” e encontre uma fada madrinha que a leva aos braços do príncipe. Cinderela não participa ativamente do desfecho de sua própria história (ZANELLO; MONTEIRO, 2014).

O silêncio é ainda mais abertamente incentivado no filme “A Pequena Sereia”, onde Ariel, a protagonista, se apaixona por um humano e aceita abrir mão de sua voz para sempre, e em troca a vilã Úrsula lhe dá pernas. Quando Ariel pergunta como poderá conquistar o príncipe se não puder falar, Úrsula diz que ela precisa apenas de sua aparência e da linguagem corporal (ZANELLO; MONTEIRO, 2014).

Quando falamos de mulheres idosas, vemos que há um nível de silenciamento social e familiar ainda maior devido aos preconceitos e limitações que são socialmente impostos. Na velhice, as mulheres com frequência sofrem discriminações no mercado de trabalho, que as considera velhas, e também sofrem discriminação de classe, porque perdem o dinheiro de suas aposentadorias para filhos, netos e outros adultos da família, assim como também sofrem com os preconceitos de gênero, pois tais abusos ocorrem com frequência muito menor com homens idosos, que continuam ocupando o papel de chefes dos lares, mesmo ao envelhecerem (AKOTIRENE, 2020).

Essa opressão e silenciamento das mulheres idosas gera violências diversas, que geralmente são perpetradas pelos filhos, netos e familiares homens que tem uma relação de afeto com essas idosas, o que dificulta a realização da denúncia, mesmo que essas mulheres tenham a percepção de que estão sendo violentadas (DAMACENO *et al.*, 2020).

O não-lugar das mulheres idosas dentro de suas famílias e na própria sociedade também faz com que elas se sintam desvalorizadas e não amparadas até mesmo nas legislações e outros dispositivos de proteção. O Estatuto do Idoso, por exemplo, que versa sobre a proteção dos direitos da pessoa idosa, não trás em seu texto nenhum tipo de abordagem de gênero, embora haja uma comprovada disparidade nas violências e na

preservação dos direitos entre a população idosa e esta seja claramente gendrada (BRASIL, 2003).

A Lei Maria da Penha, em seu artigo segundo inclui explicitamente em seu rol de proteção contra mulheres que sofrem violência doméstica, as mulheres idosas, tendo em vista que explicita que qualquer mulher, independentemente da idade, deve ser assegurada a oportunidade de viver sem violência. A lei também configura como unidade doméstica qualquer espaço de convívio permanente entre as pessoas, sendo familiares ou não. Entretanto, na prática, as delegacias das mulheres não enxergam os casos envolvendo as mulheres idosas, cujos principais agressores são os filhos e netos, ao invés dos maridos e companheiros, como casos que se encaixem na jurisprudência da Lei 11.340/06, e encaminham as mulheres para Delegacias de Proteção à pessoa idosa. É como se, ao envelhecer, a mulher perdesse sua identidade enquanto mulher, e conseqüentemente seus direitos, tendo em vista que a Lei Maria da Penha é mais célere e rigorosa no que se trata à proteção contra violências. Tais atos, se caracterizam como uma violência institucional, tendo em vista que se trata de uma negação de direitos baseada em uma discriminação arbitrária (BRASIL, 2006; MONTEIRO, 2014).

A família, de modo geral, também pode se dividir entre apoiar ou criticar a idosa com relação a aceitação da violência. A própria construção social de gênero tem um papel importante nessa cisão, tendo em vista que, como já vimos, da mulher é esperado e cobrado o “feminino”, ou seja, o caráter de passividade, complacência e docilidade considerados partes fundamentais da personalidade de uma mulher (TIBURI, 2020). Entre o “feminino” e o feminismo, de acordo com Tiburi (2020), “há um abismo estético, ético e político [...] e o feminino, tal como é desenhado na lógica patriarcal, serve para esconder o ódio que se tem às mulheres e ao feminismo” (p. 50).

Assim, os entrelaçamentos de opressões dificultam ainda mais a saída dessas mulheres das realidades violentas nas quais estão inseridas, sendo que para tal, é necessário explorar o empoderamento feminino, que começa a partir do reconhecimento de que se está vivendo uma situação de violência, para em seguida utilizar as ferramentas disponíveis para sair dela. Somente assim as relações patriarcais que subordinam as mulheres desde o princípio, através da cultura e dos dispositivos, poderão começar a enfraquecer (DAMACENO *et al.*, 2020).

Considerações finais

Diante do exposto, conseguimos visualizar que as mulheres são submetidas a mais diversas violências em seus cotidianos e que tais violências se manifestam de forma diferenciada de acordo com a classe a qual pertencem, a raça, a geração e ao físico. No envelhecimento, tais violências apresentam características distintas, sendo os perpetradores, geralmente filhos, netos e cuidadores, e ao invés da violência física, o que prevalece é a negligência e a violência patrimonial e financeira.

As questões de gênero, entretanto, permanecem sendo um grande fator para a ocorrência de violências, sendo mulheres idosas as maiores vítimas de violência familiar, enquanto os homens idosos, apesar de sofrerem mais violências no âmbito familiar do que os homens jovens e adultos, continuam representando um papel de autoridade e respeito dentro de suas casas, o que os tornam vítimas bem menos frequentes.

Esses fenômenos se dão através de construções culturais que subalternizam as mulheres em suas expressões, atitudes e comportamentos. Espera-se que as mulheres performem um comportamento condizente com aquele que é cultural e socialmente ligado ao comportamento feminino: o de ser doce, materna e submissa, e ao longo da história foram criadas tecnologias de gênero que fazem a manutenção desses comportamentos. São elas que contribuem para as violências diárias e constantes que as mulheres sofrem, mesmo dentro de suas próprias casas, mesmo pelas mãos de seus próprios filhos, aqueles a quem a sociedade as ensinou e compeliu a amar, colocando a maternidade como seu destino maior e inevitável, e como seu feito mais sublime.

É através dos dispositivos materno e amoroso que as mulheres sofrem as mais profundas violências e permanecem nessas realidades. Isto porque desde seus nascimentos, através das tecnologias de gênero, foram ensinadas – quase adestradas – a cuidar, mesmo que não fosse recíproco, a amar quem está sob seus cuidados acima até mesmo do amor que devem ter para consigo, e a se subjetivar a todas essas dinâmicas de poder, por mais que se revelem violentas, nocivas e muitas vezes fatais.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020. 152 p.

ALMEIDA, Alessandra Vieira *et al.* A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social / the feminization of old age. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 115-131, 30 jun. 2015. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1677-9509.2015.1.19830>.

ALVES, Roberta Machado *et al.* Violência contra a população idosa durante a pandemia da COVID-19. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S.L.], v. 10, n. 59, p. 4314-4325, 9 dez. 2020. MPM Comunicacao. <http://dx.doi.org/10.36489/saudecoletiva.2020v10i59p4314-4325>.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 224 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. 288 p.

BRASIL, Lei nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003. **Dispõe Sobre O Estatuto da Pessoa Idosa e Dá Outras Providências..** Brasília http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

BRASIL, Lei nº.11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2021. 108 p. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em 06 nov. 2022.

DAMACENO, Daniela Garcia *et al.* Mulheres idosas vítimas de violência: o protagonismo nas denúncias. **Ex Aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos Sobre As Mulheres**, [S.L.], v. 4, n. 41, p. 61-76, 15 jun. 2020. Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres - APEM. <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2020.41.04>.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

AGENCIA BRASIL (Brasil) (org.). **Aumentam casos de violência contra pessoas idosas no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-06/aumentam-casos-de-violencia-contra-pessoas-idosas-no-brasil>. Acesso em: 11 nov. 2022.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. 323 p.
LAQUEUR, Thomas. **Inventando O Sexo: corpo e genero dos gregos a freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 316 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 132 p.

MONTEIRO, Yélena. A IDOSA E A LEI MARIA DA PENHA. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco, p. 1-29. ago. 2014. Disponível em: https://www.prattein.com.br/home/images/stories/230813/Envelhecimento/Artigo_Yelena.pdf. Acesso em: 03 nov. 2022.

MONTEIRO, Clara; ZANELLO, Valeska. TECNOLOGIAS DE GÊNERO E DISPOSITIVO AMOROSO NOS FILMES DE ANIMAÇÃO DA DISNEY. **Revista Feminismos**, Brasília, v. 2, n. 3, p. 36-44, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30066/17793>. Acesso em 11 nov. 2022.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. 2. ed. Brasília: Edições Câmara, 2019. 151 p. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/midias/file/2020/11/voto-feminino-brasil-2ed-marques.pdf>. Acesso em 11 nov. 2022.

PINAFI, Tânia. Violência contra a mulher: políticas públicas e medidas protetivas na contemporaneidade. **Revista Histórica**, São Paulo, v. [], n. 21, p. 1-10, abr. 2007. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/sobre/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani (1999b). Primórdios do conceito de gênero. *Cadernos Pagu*, 12,157-163. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634812>. Acesso em: 21 jan. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SILVA, Aline Oliveira; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; RAMOS, Rita de Cássia Bhering. A violência contra as mulheres idosas: tipicidade, características e significados. **Archives Of Health**, [S.L.], v. 1, n. 5, p. 243-257, 23 dez. 2020. South Florida Publishing LLC. .

SOUTO, Rafaella Queiroga; *et al.* Older Brazilian women's experience of psychological domestic violence: a social phenomenological study. **International Journal For Equity In Health**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 2-9, 12 maio 2015. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12939-015-0173-z>.

TAVARES, Márcia Santana; PEREIRA, Leonellea. UMA TRAMA ENTRE GÊNERO E GERAÇÃO: mulheres idosas e a violência doméstica na contemporaneidade. **Revista Feminismos**, Bahia, v. 6, n. 3, p. 41-52, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/33679/19465>. Acesso em: 23 dez. 2022.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 126 p.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018. 301 p.

7.2. Artigo 2

Violência familiar contra mulheres idosas alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade: compreensão analítica de seus discursos

RESUMO: Tivemos como foco a violência contra mulheres idosas no âmbito familiar, isto porque na velhice as violências assumem novas interfaces, já que se associam dois marcadores: o de ser mulher e o de ser idosa. Os estudos buscam auxiliar na formulação de novos mecanismos de enfrentamento que possam agir de modo mais célere, além de trazer à luz o papel de uma Universidade Aberta da Terceira Idade no combate direto e indireto desse fenômeno. A pesquisa é qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, e teve como objetivo compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, à luz da Teoria dos Dispositivos de Zanello (2018) e da Interseccionalidade, a partir de Nogueira (2017) e Akotirene (2020). Concluímos que os discursos das colaboradoras, em torno da violência, são diversos, e elas atribuem diferentes sentidos para o fenômeno. Embora haja um fator em comum entre elas: a violência sempre foi uma constante em suas vidas, e por isso, a entendem como algo inevitável. A partir disso, encontram estratégias para conviver com essas violências, ao invés de se afastar das relações abusivas e cortar o vínculo com seus agressores.

Palavras-chave: Violência familiar; violência de gênero; violência contra mulheres idosas; gênero; Interseccionalidade.

ABSTRACT: We focused on violence against elderly women within the family, because in old age violence takes on new interfaces, since two markers are associated: being a woman and being elderly. The studies seek to assist in the formulation of new coping mechanisms that can act more quickly, in addition to highlighting the role of an Universidade Aberta da Terceira Idade in the direct and indirect combat of this phenomenon. The research is qualitative, descriptive and exploratory in nature, and aimed to understand the discourses of elderly women who have suffered family violence and are users of an Universidade Aberta da Terceira Idade in Manaus, in the light of Zanello's Theory of Devices (2018) and of Intersectionality, based on Nogueira (2017) and Akotirene (2020). We concluded that the collaborators' speeches, around violence, are diverse, and they attribute different meanings to the phenomenon. Although there is a common factor between them: violence has always been a constant in their lives, and therefore, they understand it as something inevitable. From this, they find strategies to live with this violence, instead of moving away from abusive relationships and severing the bond with their aggressors.

Keywords: Familiar violence; gender violence; violence against elderly women; gender; Intersectionality.

Introdução

A violência é um fenômeno complexo e multicausal, que geralmente está relacionado a disputas de poder, autoridade, domínio, aniquilamento de alguém, de um povo, de uma cultura ou religião. Ela sempre esteve presente na sociedade, sendo algumas civilizações mais violentas que outras. É um fenômeno enraizado nas relações e nas subjetividades de cada um, não sendo, portanto, estranha à natureza humana, mas diretamente interligada a ela (MINAYO, 2006; FOUCAULT, 1987).

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) declara a violência como um dos principais problemas de saúde pública do mundo. Por este motivo, muitos/as pesquisadores/as e profissionais da saúde se dedicam a compreender as origens da violência, entender suas manifestações de acordo com contexto, gênero, idade, raça e classe, tendo como objetivo articular métodos que possam minimizar seus impactos na saúde e na sociedade, ressaltando principalmente o caráter preventivo.

A violência contra mulheres de modo geral é um fenômeno antigo e os discursos sobre esse tipo de violência sofreram inúmeras alterações ao longo da história da humanidade (AKOTIRENE, 2020). Temos como foco a violência contra mulheres idosas no âmbito familiar, isto porque na velhice as violências assumem novas interfaces (SILVA; LORETO; RAMOS, 2020). Quando idosas, as mulheres com frequência sofrem discriminações no mercado de trabalho, discriminações de classe, pois perdem o dinheiro de suas aposentadorias para filhos, netos e outros adultos da família, assim como também sofrem com os preconceitos de gênero, tendo em vista que as violências ocorrem com menor frequência com homens idosos, que continuam ocupando o papel de chefes dos lares (AKOTIRENE, 2020).

Partindo desse pressuposto, a interseccionalidade é um conceito que fará parte das análises dos dados desta pesquisa, visto que tal teoria, fundada no feminismo negro, permite que os preconceitos e as iniquidades sejam estudados de acordo com os atravessamentos de cada mulher. Vemos que as violências, embora atinjam praticamente a totalidade das mulheres, não as atingem de forma igual, isto porque cada uma é atravessada por uma realidade subjetiva que é definida a partir de sua faixa etária, sua raça, classe social, contexto socioeconômico, dentre outros. E todas essas características estão interligadas, formando um entrelaçamento de opressões (AKOTIRENE, 2020).

Com o envelhecimento, a violência contra as mulheres atinge novas proporções, isto porque se associam dois marcadores: o de ser mulher e o de ser idosa. Assim, além

dos preconceitos de gênero ratificados pelo patriarcado, que promovem violências familiares, institucionais e estruturais, ainda há as questões de como a população idosa é vista no imaginário popular: frágil, vulnerável e economicamente inativa. Esses fatores influenciam para que as mulheres idosas sofram mais violência do que homens idosos, e para que essa violência seja legitimada pela família, principalmente se não for facilmente detectada, como a violência física que, na maioria das vezes, deixa marcas visíveis (DAMACENO, *et al.*, 2020).

A partir do abordado, também utilizamos de embasamento a Teoria dos Dispositivos, cunhada por Valeska Zanello (2018), que empresta o conceito de “dispositivos” de Foucault, que os definiu como um grupo heterogêneo que compreende organizações, instituições, leis, produções científicas, filosóficas, morais e culturais. Em outras palavras, os dispositivos vêm a ser uma complexa e ampla rede de produções sociais que impactam no comportamento dos indivíduos, em suas relações, percepções, discursos e no modo de ser como um todo.

Zanello (2018) apresentou em sua teoria três dispositivos baseados nas construções sociais, tendo como plano de fundo os constructos de gênero, que subordinam minorias, aprisionam e oprimem, assim como ditam os comportamentos e afetos que são permitidos e os que devem ser reprimidos, em sua chamada “pedagogia afetiva”. Os dispositivos são: dispositivo da eficácia, dispositivo amoroso e dispositivo materno. A presente pesquisa focará nos dispositivos amoroso e materno. Mas vale ressaltar que o dispositivo da eficácia também surgiu a partir de construções sociais gendradas e diz respeito ao reconhecimento de qualidade inerentes aos homens, que compõem a identidade do que é ser homem dentro da sociedade. São elas: vigor, seja ele laboral ou sexual, força física e autocontrole emocional. A ausência desses atributos abre margem para o questionamento da própria identidade de ser homem, sendo, portanto, a descrição de padrões comportamentais e discursos prejudiciais e limitantes.

A construção histórica do dispositivo amoroso, por sua vez, se deu a partir da análise das submissões as quais as mulheres foram forçadas ao longo da história em nome da dedicação ao lar, aos maridos e a construção de famílias. Os corpos femininos foram controlados por inúmeras instituições, desde a Igreja até as instituições legais, que subalternizavam as vontades das mulheres e as controlavam na esfera política e social (ZANELLO, 2018; FOUCAULT, 1984). A partir do dispositivo amoroso surgiu o dispositivo materno. Isto porque as instituições traziam para as mulheres a maternidade como um destino nobre e inevitável. O ato de ser mãe passou a ser santificado e os

discursos religiosos e políticos manipulavam as mulheres para que estas se enxergassem como as únicas capazes de cuidar. O dispositivo materno traz em seu cerne o cuidado. As mulheres cuidam mais de seus próprios filhos e lares do que de si mesmas. O cuidado passou a ser sua única e principal ocupação. Nessas pedagogias afetivas o controle e a limitação de suas potencialidades mascaram a violência pungente que se transformou ao longo das eras, mas que ainda tem como grandes vítimas as mulheres (ZANELLO, 2018).

Existe uma lacuna nos estudos da violência que considerem a interseccionalidade de gênero e geração, ainda que dentre a população idosa, as mulheres sejam as maiores vítimas de violência familiar (PEREIRA; TAVARES, 2018). Dito isso, abordar tal temática justifica-se não só pela lacuna supracitada, mas pelo constante aumento da violência contra essa população. Assim, os estudos poderão auxiliar na formulação de novos instrumentos e mecanismos de enfrentamento que possam agir de modo mais célere, além de trazer à luz o papel de uma Universidade Aberta da Terceira Idade no combate direto e indireto desse fenômeno. A pesquisa teve como objetivo compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas à luz da Teoria dos Dispositivos de Zanello (2018) e da Interseccionalidade, a partir de Nogueira (2017) e Akotirene (2020).

Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, que buscou investigar o fenômeno da violência familiar contra mulheres idosas. O contexto se deu na Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI), localizada na cidade de Manaus, Amazonas, que foi escolhida por ser uma instituição que oferta atividades recreativas, de ensino, extensão, pesquisa e assistência à saúde para pessoas a partir de 50 anos, e que além disso também é um espaço de socialização, de criação de laços e afetos e pode vir a representar uma importante rede de apoio para mulheres idosas que sofrem ou já sofreram algum tipo de violência (MANAUS, 2022).

Colaboraram com o estudo cinco mulheres que possuem 60 anos ou mais, que já passaram por algum tipo de violência no contexto familiar e que frequentam a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI). Em um primeiro momento foi aplicado um questionário socioeconômico, que teve como objetivo auxiliar na composição do contexto social, econômico e geográfico das colaboradoras, considerando suas interseccionalidades (SILVA; DIAS, 2016). Algumas das características e

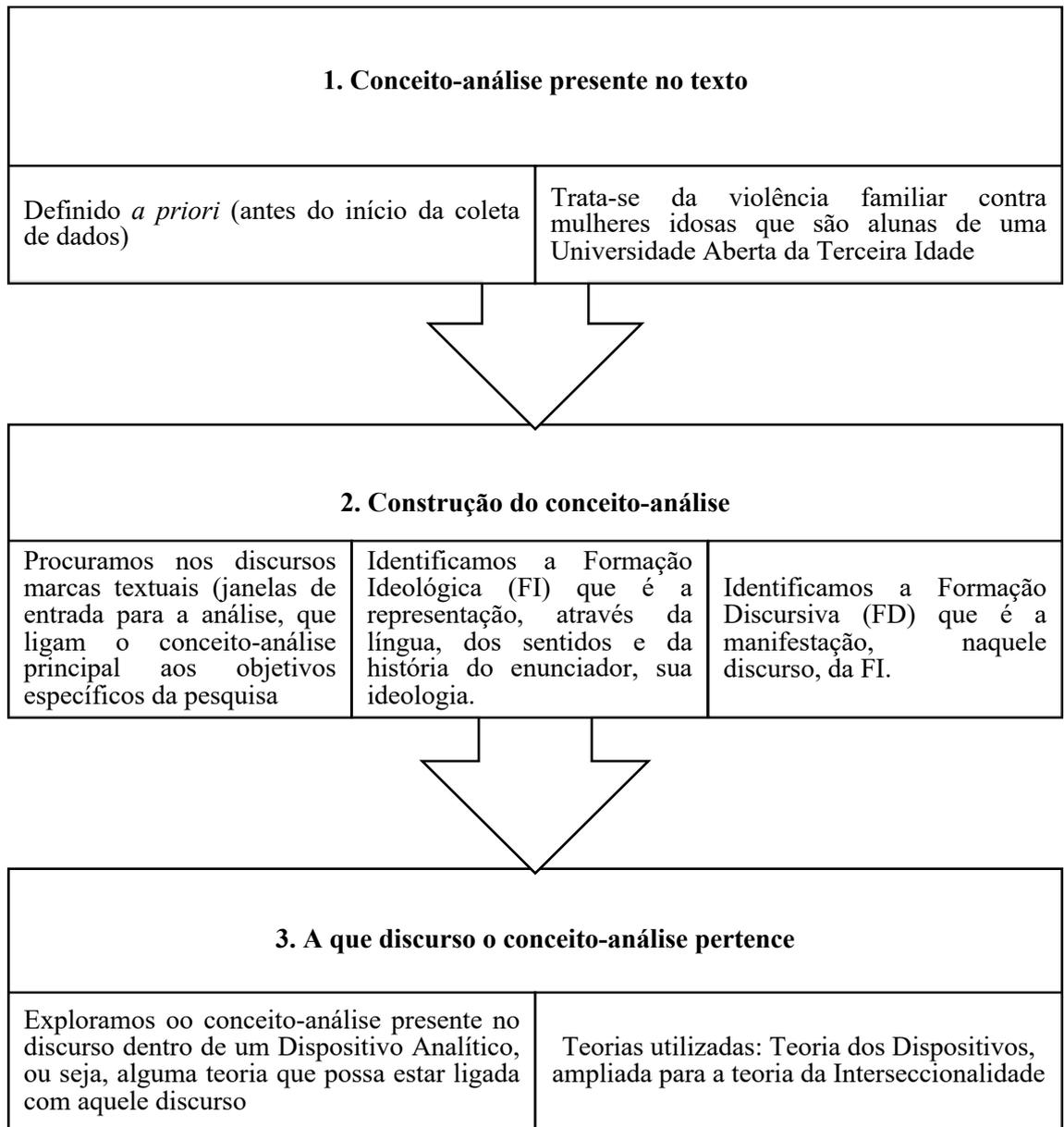
componentes identitários estão apresentados na Tabela 1. Para que se mantivesse o sigilo, as colaboradoras foram representadas ao longo do texto com nomes indígenas fictícios, com o intuito de trazer representatividade e visibilidade regional. Chamá-las pelos nomes, ao invés de numerá-las ajuda também na fluidez da leitura e na individualização de cada uma das histórias que serão apresentadas.

Em sequência, realizamos entrevistas semiestruturadas norteadas por um roteiro de perguntas que se deu de forma flexível e participativa, permitindo que novos tópicos fossem inseridos de acordo com o fluir do processo, que teve, em média, uma hora e meia de duração por colaboradora (MINAYO, 2014).

A análise dos dados foi realizada com o uso método da Análise do Discurso de Pêcheux (1960) a partir da metodologia proposta por Freire (2014). Esse método entende a língua como um acontecimento, uma verdadeira prática social, repleta de conceitos, crenças, valores, história e imagens. É a interpretação dessas características que acompanham a língua que fazem com que seja possível a construção de uma matriz semântica, ou seja, o componente de sentido. Nenhuma das palavras usadas é vista como aleatória ou desprovida de sentido, e não é utilizada apenas pelo uso da liberdade de quem fala. O que realmente determina o uso das palavras que compõem os discursos são as condições sócio-históricas de produção (FREIRE, 2014). Deste modo, reconhecemos que não há discursos isolados uns dos outros, eles são históricos, temporais e, portanto, condicionados às ideologias e sistemas sociais, o patriarcado, por exemplo, é um deles. Assim, escolhemos esse método para que fosse possível compreender e descrever as ideologias, práticas e pressupostos morais e sociais, ligados às questões de gênero e geração que estão presentes nos discursos das mulheres idosas colaboradoras desta pesquisa.

Primeiramente, realizamos leituras flutuantes para identificar como o conceito-análise, ou seja, o objeto do estudo, foi abordado durante as entrevistas. Em seguida, fizemos a leitura analítica, que de acordo com Freire (2014), deve ser produzida com o auxílio de três eixos de análise, representados na Figura 1, junto as etapas seguidas para análise dos dados desta pesquisa:

Figura 1 – Etapas da análise



Fonte: Autores, 2023

Os procedimentos éticos estão de acordo com as Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovada sob o parecer de número 5.325.339. As colaboradoras também concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias.

Análise e discussão dos resultados

Compilamos os dados extraídos do questionário socioeconômico na Tabela 1. Referente ao item renda, utilizamos o critério de renda do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2023) que considera a renda de acordo com a soma de rendimentos de cada família, classificando-a em classes: A (acima de 20 salários mínimos), B (de 10 a 20 salários mínimos), C (de 4 a 10 salários mínimos), classe D (de 2 a 4 salários mínimos) e classe E (máximo de dois salários mínimos).

Tabela 1 – Caracterização socioeconômica das colaboradoras

Colaboradoras	Inaiê	Iracema	Iara	Potira	Açucena
Orientação sexual	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero
Idade	65	63	75	71	68
Filhos/as	3	3	2	5	4
Escolaridade	Ensino médio	Ensino médio	Ensino médio	Fundamental completo	Superior completo
Raça	Parda	Branca	Branca	Preta	Indígena
Renda	Classe D	Classe D	Classe C	Classe E	Classe E
Estado civil	Viúva	Divorciada	Divorciada	Divorciada	Casada
Tempo na FUNATI	10 anos	5 anos	12 anos	10 anos	15 anos
Autor(es) da violência	Filhos	Companheiro e filhos	Companheiro	Companheiro e filhos	Companheiro

Fonte: Os autores (2023).

Para apresentarmos os resultados, fizemos a leitura analítica e a partir delas dividimos as principais marcas textuais encontradas nos textos de acordo com os três objetivos específicos da pesquisa, transcritos nos subtítulos seguintes.

Práticas e pressupostos morais em torno da violência

Dentre as colaboradoras, em torno da violência, existe um misto de sentidos em seus discursos. Um dos principais é que apesar de enxergarem a violência como grande fonte de sofrimento, elas também veem o fenômeno com certa naturalização, como se fosse inevitável. Ainda que estejam em novos relacionamentos onde não há precedentes, estão em alerta, esperando pelo momento em que serão violentadas. Com isso, elas encontraram, ao longo de suas vidas, estratégias para lidar com a situação. Nenhuma delas, entretanto, inclui terminar a relação. Em seus discursos, nota-se que a inevitabilidade da violência se apresenta tal qual alguém que convive com uma doença crônica. Não se vê cura ou saída, apenas soluções que permitam a sobrevivência da melhor forma possível.

Isso é exemplificado em algumas das enunciações a seguir:

Então aquilo pra mim era normal. O cara chegar e dizer vem cá. Senta aqui. Ai fazia comigo o que queria e ia embora. Entendeu? (Iracema).

Quando chegava a gente brigava muito e as brigas foram acontecendo mais e mais... da gente se pegar mesmo de ir braço a braço. De várias vezes ele querer me enforcar, de me jogar na pia, de me bater... a gente vivia desse jeito (Iara).

E hoje em dia ele não faz nada. Cala a boca, não diz mais nada. Faz tudo que tem que fazer. Tem que ser assim. Porque com homem violento você tem que abaixar a violência dele. A mulher não pode abaixar a cabeça pra ele e aceitar a humilhação (Açucena).

Na primeira enunciação, percebemos que a estratégia é aceitar, a normalização vem em forma de submissão. Nas duas últimas, a estratégia de enfrentamento é lutar de volta, ser agressiva também, “não abaixar a cabeça”. Em ambas, entretanto, há a normalização da violência.

O dispositivo amoroso, de acordo com Zanello (2018), evidencia a assimetria nas relações de gênero. O principal papel das mulheres nas relações amorosas é o de trabalhar para a manutenção das mesmas, independentemente de quais implicações isso trará para elas. Ao encontrar modos de lidar com a violência e estratégias de enfrentamento para manter a relação, percebemos que esse pensamento continua enraizado em seus discursos, embora não em suas enunciações.

Além disso, a presença de violência na maior parte de suas vidas também colabora para essa naturalização. Uma infância de abusos, falta de acesso a informação e dificuldades financeiras esteve presente nos discursos de quatro das cinco participantes.

O que demonstra que as questões de gênero não podem ser analisadas sem os outros eixos de subjugação, nos casos dessas mulheres: raça, classe e idade (NOGUEIRA, 2017; ALMEIDA, 2019).

Uma das colaboradoras saiu da casa dos pais aos treze anos e foi morar com a tia, que a apresentou a um homem, para que prestasse serviços domésticos. O mesmo homem a sequestrou:

Passei um mês trancada lá. Depois de um mês ele entrou e falou pra mim assim “eu vou te libertar, se tu se entregar pra mim tu fica livre”. Eu preferi. Eu acreditei. Eu me entreguei para o desgraçado (se emociona). Me entreguei pra ele. Com ódio (Açucena).

O homem mentiu e continuou mantendo-a presa. Quando finalmente conseguiu fugir, já estava grávida e a tia disse que ela deveria casar-se com seu sequestrador para cuidar dos filhos. Seus próprios princípios religiosos também influenciaram na decisão, como exemplificado a seguir:

[...] a religião, uma parte dela causa ódio. Como eu fui católica então o ensino que eu tive é de que quando você tem filho, você tem que vigiar pelo seu marido e pelo seu filho. Não pode abandonar mais, entendeu? Então eu segui a vida com ele (Açucena).

De acordo com Zanello (2018), o casamento entra como uma instituição sagrada, cuja dissolução é um grande pecado. As violências, o adultério (por parte do marido), a falta de afeto, nenhum desses componentes importa desde que se mantenha esta instituição. A Igreja Católica e o próprio estado utilizaram e em partes ainda utilizam o casamento (heterossexual) para exercer controle político e social sobre a população. Nele, a assimetria entre homens e mulheres é evidente, ressaltando o desempoderamento das mulheres diante do controle exercido sobre seus corpos, dentro e fora do leito (ZANELLO, 2018; FOUCAULT, 1984).

As práticas que rondam as violências sofridas pelas mulheres existem em uma espécie de acordo que se perfaz nos discursos e nas interações sociais. Por isso, em maior ou menor grau, tanto os homens quanto as mulheres aceitam e propagam esses discursos, que são repetidos, recriados e aprendidos ao longo de toda a história, nascendo nas Formações Ideológicas e se perfazendo na trajetória de cada um/a, independentemente

deste/a ser vítima ou autor/a da violência, ele/a a propaga (FREIRE, 2014; NOGUEIRA, 2017). As mulheres aprendem a internalizar a sua própria desvalorização e exploração, e acabam assim, por oprimir e violentar outras mulheres, como foi o caso da tia de Açucena. Por este motivo, dentro do feminismo negro, movimento berço da Interseccionalidade, o objetivo deve ser o de descentrar os discursos dominantes (NOGUEIRA, 2017).

Uma outra marca textual que surgiu nos discursos das colaboradoras foi o não reconhecimento da violência quando esta vem de seus filhos. Três delas descreveram em seus discursos relações que nunca tiveram confrontos físicos, embora contenham agressões verbais, medo constante e distanciamento afetivo. Mas em suas enunciações, explicitaram não haver violência. Iracema, cujo filho é dependente químico, contou que sua rotina consiste em passar o dia fora e quando chega a noite se tranca no quarto, com medo. Inclusive já teve que fugir da cidade, pois teve a casa invadida pelos fornecedores a quem o filho estava devendo dinheiro. Em sua fala, no entanto, ela o descreve como um bom menino e carinhoso. O dispositivo materno, neste caso, que coloca a mulher como mãe acima de qualquer outro papel e que a põe no lugar de cuidar, propicia com que violências como essas se perpetuem. Esse ponto será melhor trabalhado na próxima seção (ZANELLO, 2018).

A espiritualidade também apareceu em seus discursos e teve sentidos contraditórios. No caso de Açucena os preceitos religiosos possibilitaram a permanência em relações abusivas e foram descritos como causadores de ódio e opressão. Em outras colaboradoras a fé em uma religião agiu como um mecanismo de proteção psíquica para enfrentarem as situações de violência:

Eu acreditava em Deus. Deus ia fazer com que eu me libertasse. Ele é maravilhoso (Potira).

Deus me ajudou muito, né? Porque hoje criança de onze anos está engravidando, né? [...] Ai eu fico pensando, Jesus, como tu é maravilhoso. Obrigada por não ter deixado eu engravidar antes, mesmo com todos aqueles abusos (Iracema).

A presença de Deus também surgiu em seus discursos como forma de dar um propósito, uma resposta para estarem sofrendo as violências:

Eu às vezes até pergunto de Deus... tu está me testando, né? Para ver até onde eu vou. Vou mostrar que sou forte (Iara).

A espiritualidade é definida como uma relação ou conexão espiritual com uma força ou um ser superior na qual se tem fé. Nesses discursos, vemos a presença da espiritualidade como um mecanismo de enfrentamento para situações estressoras, trazendo conforto, alívio, consolo e busca de significado e propósito. Faz-se importante diferenciar o discurso espiritual do religioso, já que este último traz atributos de uma religião específica, com dogmas e crenças que ajudam a conduzir a vida (AMARAL, *et al.*, 2016). Nos discursos das colaboradoras, percebemos que elas utilizam suas espiritualidades como ferramenta de suporte psíquico e emocional para as situações de violências. Mas que, por outro lado, enxergam na religião, com a sacralização do casamento e da maternidade, um instrumento de coação para permanecerem nas relações abusivas (ZANELLO, 2018).

O processo de produzir sentidos na linguagem é inconsciente, ou seja, as pessoas não possuem controle e nem sabem que esse processo está ocorrendo. Os sentidos são produzidos muito antes, ao longo da história, de acordo com as ideologias e o contexto sócio-histórico. A junção disso forma o *interdiscurso*. O interdiscurso combinado a trajetória pessoa de cada um, forma os *intradiscursos* (FREIRE, 2014). No caso dos discursos religiosos das colaboradoras, percebemos que a espiritualidade está presente nos seus interdiscursos inconscientemente, auxiliando-as no enfrentamento da violência, ainda que em seus intradiscursos elas reconheçam que, em sua história de vida, os preceitos religiosos tenham contribuído para as violências que sofreram.

Percebemos que as práticas e pressupostos em torno da violência são voltados para o seu enfrentamento provisório, não definitivo. As colaboradoras enxergam a violência como inevitável e naturalizam o fenômeno em suas vidas, procurando modos de lidar com o autor da violência, sem se afastar dele ou terminar a relação. Quando o autor é filho, sequer há o reconhecimento de que a relação é violenta, tendo em vista que quando sofriam violência de seus maridos e companheiros, o padrão era outro, geralmente se mostrando em agressões físicas e verbais, abusos sexuais, ameaças e demonstração de possessividade. Enquanto com os filhos, essa violência se dá a partir de distanciamento emocional, exploração financeira e abusos verbais. Em ambos os casos, a espiritualidade surge como ferramenta de enfrentamento, trazendo conforto e respostas para estarem sendo oprimidas e violentadas por aqueles que deveriam cuidar e proteger.

Imbricamentos de gênero e geração na potencialização da violência

Todas as colaboradoras, sem exceção, sofreram violências ao longo da vida. Algumas iniciando na infância, outras na adolescência, mas a violência sempre foi uma constante, e com a chegada da velhice, essas violências não se extinguem, apenas mudam de forma e de autor. Apesar de que quando idosas as mulheres não são mais estimuladas a procriar, elas passaram suas vidas inteiras sendo ensinadas a amar seus filhos e seus netos de modo incondicional. Esse papel de cuidadoras continua sendo desempenhado durante a velhice e seu valor continua sendo medido de acordo com sua doação para o outro (TIBURI, 2020). A partir dessa pedagogia afetiva do cuidado, elas são silenciadas, mesmo diante de desconfortos, negligências e violências (ZANELLO, 2018).

Iracema se refere ao filho como um “menino bom”, embora o mesmo já tenha 38 anos de idade. Ela também se vê na obrigação de cuidar do filho, independentemente do quanto esse contato possa prejudicá-la e colocar em risco sua segurança. Isso não ocorre somente quando os autores de violência são os filhos, mas as mulheres também se sentem obrigadas a permanecer em relações violentas com os parceiros por causa dos filhos. Como vimos no seguinte trecho, quando perguntada sobre a permanência no relacionamento abusivo:

Eu esperava meus filhos crescerem, né? Pra eu tentar sair daquilo. Eu pensava em mim e na minha felicidade, mas eu sou mãe. Tenho que pensar nos meus filhos primeiro. Quem eu sou primeiro de tudo é mãe (Potira).

Vemos que elas abrem mão da felicidade, da segurança, de suas aspirações. Todos os outros aspectos são anulados e o que resta como identidade principal é o ser mãe. (ZANELLO, 2018; BADINTER, 2011). Ao longo da história, a figura da mãe foi sacralizada, principalmente pela Igreja Católica. O destino da maternidade começou a tornar-se inevitável entre as mulheres e isso assumiu um papel central em suas vidas. Criou-se um desejo de ser mãe, “dar à luz”, exercer esse papel que as aproximaria da divindade. Tal tecnologia de gênero, como ressalta Zanello (2018), não somente ditou as identidades das mulheres, mas seus comportamentos. A partir dessa construção social de ser mãe, cuidar passou a ser a grande função das mulheres, cujo sacrifício de abdicar de si para cuidar do outro as santificava. Além de essa estratégia psicopolítica ter subjetivado as mulheres a entregarem seu cuidado e seu trabalho de modo gratuito para a sociedade, que se beneficiou de suas contribuições, ela também as submeteu a silenciamentos e violências diretas e indiretas, como no caso de Potira (ZANELLO, 2018).

As colaboradoras, pela maior parte de suas vidas, cresceram sendo silenciadas, tanto no âmbito familiar, quanto no social e político. O componente intergeracional das violências esteve presente em seus discursos e contribuiu para a naturalização do fenômeno, como vemos no seguinte trecho:

Quando eu falei pra minha mãe que ia deixar ele e contei todos os abusos, ela disse “mas ele é teu marido minha filha, você casou com ele, ele é pai dos teus filhos, vocês construíram as coisas junto... Eu disse “ah minha mãe, mas eu sou tão infeliz lá” (Potira).

O silêncio se apresenta como uma das maiorias ferramentas de opressão que fazem com que haja a permanência nessas relações. No contexto social, político e cultural, desde a infância, nos filmes e desenhos animados, nos meios de comunicação e nas mídias de forma geral, que são tecnologias de gênero, os discursos são repetidos, contados e recontados, produzindo sentidos. Estão repletos de valores e conceitos misóginos. A partir dessas tecnologias as mulheres atribuem sentido ao mundo de acordo com as condições sócio-históricas de produção, que cria cada vez mais espaços de subjugação das mulheres e impactam diretamente nas violências sofridas, fortalecendo-as (ZANELLO, 2018; FREIRE, 2014).

Quando falamos de mulheres idosas, o nível de silenciamento é ainda maior, tendo em vista que o próprio processo de envelhecimento traz alterações fisiológicas, sociais e psicológicas que modificam a forma como a sociedade e a família as enxergam, contribuindo para a anulação de suas vontades, anseios e para seu apagamento (DARDENGO; MAFRA, 2018). Isso é percebido pelas idosas:

Os filhos já não respeitam mais o idoso quanto respeitavam quando ele era mais novo, quando é pai ainda vai, mas mãe, eu acho que é pior. Pai ainda bota moral, mãe, eles não estão nem aí (Inaiê).

Há um apagamento de vontades, embora ainda sejam valoradas de acordo com o que podem dar. De acordo com o quanto conseguem se doar em cuidado:

Eu tenho meus filhos, mas às vezes eu sei que eles não são bons comigo. Eu sei disso, sabe? Eles gritam comigo, não têm paciência, não perguntam o que eu quero. Eles me emprestam dinheiro e nunca me devolvem. Isso é coisa de família, sabe? Não vou criar caso. Ser mãe é assim. A gente tem que cuidar dos filhos e dos netos. Mas as vezes eu queria poder negar, eu queria poder dizer que não. Queria fazer as minhas coisas (Inaiê).

Existe, em seus discursos, a Formação Ideológica de que, por serem mães, têm o dever de cuidar de seus filhos e dos filhos de seus filhos. Zanello (2018) destaca que devemos diferenciar o cuidar, o amar e o procriar. O fato de as mulheres poderem procriar não as torna mais capazes de exercer o cuidado, de amar e muito menos obrigadas a isso. Entretanto, como já explicitado anteriormente, a imagem da maternidade foi socialmente construída para que as mulheres se sentissem naturalmente mais capazes de exercer essa função, caso não o façam e tentem se livrar da exploração e das violências, sentem-se culpadas por não cumprirem o idealizado.

Além da interseccionalidade de gênero e geração, houve, ainda que em menor escala, a presença de discriminação de raça e classe impactando nas violências sofridas. Açucena, que foi raptada quando adolescente e casou-se com o sequestrador, descobriu que o marido tinha uma noiva e foi confrontá-lo. Chegando na outra residência dele, recebeu a seguinte resposta:

“Quem mandou tu vir aqui? Ver minha vida? Não te dei permissão para isso, teu lugar é lá em casa. Não se mete, na minha vida” (Açucena).

Desde o início do relacionamento, ele a tratava como uma propriedade. Primeiro tomando posse dela, literalmente raptando-a e mantendo-a para si, depois, engravidando-a e deixando-a em casa, cuidando dos filhos. Construiu uma segunda vida com outra mulher, enquanto a deixava em casa e frequentemente se referia a ela como “indiazinha”. Nesta Formação Discursiva, podemos ver os reflexos da colonização sexista e racista, que estão presentes nas Formações Ideológicas e nas práticas cotidianas, influenciando diretamente no ideal estético e nas escolhas afetivas. Os corpos tem valores diferentes e as mulheres pretas são erotizadas, exploradas e violentadas, mas não são “casáveis” (ZANELLO, 2018). O mesmo ocorre com as mulheres indígenas, cujos discursos sobre elas, principalmente a partir da misoginia cristã, as descrevem, desde a colonização, como selvagens, promíscuas e lascivas. Esta é uma estratégia psicopolítica para mascarar as violências e explorações que as mulheres indígenas sofreram nas mãos dos colonizadores europeus, e cujas histórias foram apagadas por esses discursos androcêntricos, que tiveram seus sentidos infiltrados nos interdiscursos (imaginário social) ao longo da história e continuam a repercutir nos comportamentos e nas violências até os dias atuais (SAMPAIO, 2015).

Vemos, portanto, que é impossível analisarmos as violências sofridas por essas mulheres idosas sem olharmos para suas outras camadas de pertencimento identitário. Ainda que tenhamos em nosso objetivo compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência e frequentam a FUNATI, elas não compartilham as mesmas experiências de vida, tendo em vista que sofrem relações de opressão duplas ou triplas. Suas identidades são interseccionais, pois essas violências e opressões não acontecem de forma isolada e independente, mas se relacionam (NOGUEIRA, 2017).

Serviços e políticas públicas de acolhimento, orientação e apoio

Entre as colaboradoras, as instituições mais procuradas foram as delegacias (gerais, da mulher e do idoso), órgãos estaduais e entidades sem fins lucrativos que trabalham no acolhimento de dependentes químicos (para os filhos) e a FUNATI, que esteve presente nos discursos de todas e auxiliou-as no enfrentamento direto e indireto da violência.

Apesar de as colaboradoras enxergarem a violência como inevitável e encontrarem, no seu cotidiano, formas de lidar com ela que não envolviam sair do relacionamento abusivo, quatro das cinco entrevistadas procuraram, em momentos de grande tensão e desespero, ajuda de delegacias em busca de, no mínimo, alguma orientação para enfrentarem as violências. Infelizmente, independentemente de procurarem essa instituição antes ou depois da promulgação da Lei Maria da Penha, de 2006, elas não receberam apoio e seus agressores não foram punidos.

Na primeira vez que Açucena foi à delegacia, a delegada de plantão chamou seu marido, colocou-os frente a frente e conversou com eles.

[...] conversou com ele, com a gente. Sobre ele estar me ameaçando, me batendo, essa coisa toda. Só isso. Depois nós fomos para casa. Eu tinha a esperança de que ele pelo menos ficasse com medo, né (Açucena).

Em outra vez, há menos de um ano, ela foi até a Delegacia da Mulher e lhe disseram que o lugar dela era na delegacia do idoso. Quando se dirigiu a esta, disseram que o boletim de ocorrência seria enviado para a defensoria. Ela não teve mais notícias de seu processo.

Potira e Iracema também procuraram a delegacia várias vezes e receberam devolutivas igualmente ineficazes.

Aí eu fui lá na delegacia, disseram mesmo assim “a senhora está bem, né? Se ele aprontar de novo a senhora volta aqui”. Muito bonito. Eu tinha que esperar ele me bater de novo pra poder voltar lá. E ele me bateu, eu fui lá, mas não adiantava não. Diziam “a senhora volte novamente se ele bater e tratar a senhora mal. Venha aqui.” Eu ia. Nada. Novamente, nada (Potira).

É. E aí foi quando chegamos lá o delegado perguntou “O que foi que aconteceu?” Aí eu contei que ele tinha me batido e ameaçado me levar para o hospital de novo. Ele virou e perguntou “e a senhora fez o que pra ele fazer isso?” Pronto. Aquilo ali me desarmou. Me arrependi na hora de ter ido ali. E depois ele ainda disse “isso é normal.” E ficou por isso mesmo (Iracema).

Esses discursos evidenciam o descaso com a saúde e a segurança dessas mulheres, que não podem contar com a proteção da família ou do Estado que fortalece as violências, ao invés de minimizá-las. A ideologia patriarcal, que organiza os discursos e os modos de ser em nossa sociedade, privilegia uns e oprime outros. Pelo simples fato de ser mulher, idosa, pobre e/ou preta, a estrutura social já funciona de modo a desvalorizar essas vidas, em detrimento de outras que não carregam consigo marcas históricas de opressão. Isso reflete no sistema judiciário, assim como em todas as instituições da nossa sociedade, que ainda funcionam nesses moldes (FREIRE, 2014; TIBURI, 2020).

O patriarcado pode ser definido como um Dispositivo, tendo em vista que é um sistema complexo, encadeado em uma rede de produções sociais que dita discursos, comportamentos e relações (ZANELLO, 2018). Para combatê-lo, é necessário um “contradispositivo” igualmente complexo, que possa questionar e modificar seus dogmas, leis e todas as violências causadas. O feminismo é este contradispositivo. Suas estratégias que visam não somente equidade, mas reparação histórica, estão presentes em nossa sociedade e se manifestam em diversas esferas, a jurídica sendo uma delas (TIBURI, 2020).

A Lei Maria da Penha de 2006, que criou mecanismos para coibir e combater a violência doméstica e familiar contra a mulher é uma grande conquista e traz, em seu texto, intervenções e punições mais céleres e menos flexíveis aos autores de violência, visando maior proteção e segurança às vítimas (BRASIL, 2006). Entretanto, como vimos na prática, a ideologia patriarcal está tão enraizada em nossa sociedade que mesmo munidos de dispositivos de proteção eficazes, os atores sociais, que deveriam lutar junto para colocar esses dispositivos em prática, trabalham a favor da opressão, ainda que muitas vezes façam parte dos oprimidos, como foi o caso da delegada que atendeu Açucena.

A interseccionalidade entre gênero e geração também foi um impedimento para que a proteção a essas mulheres fosse assegurada. Quando, na Delegacia da Mulher, foi negado atendimento à Açucena por ser idosa, e a mesma foi mandada para a Delegacia da Pessoa Idosa, percebemos que houve um entrelaçamento de opressões, que não só anulou sua identidade enquanto mulher, mas que resultou na perda de seu direito de proteção judiciária, tendo em vista que a Lei Maria da Penha é mais eficaz e célere no enfrentamento de violências domésticas e familiares.

Sobre a FUNATI, por outro lado, há um discurso de afeto que é unânime em todas as colaboradoras em seus momentos de maior emoção durante as entrevistas.

Eu sou tão feliz aqui (FUNATI). Quando eu desço do ônibus, eu penso: aqui é minha segunda casa (Potira).

Desde que eu entrei aqui (FUNATI) eu fui acolhida. Acolhida de verdade. Minha ansiedade diminuiu, minha vida mudou, sabe? (Açucena).

O teatro (ofertado na FUNATI) é minha vida, é minha família, minha segunda família está entendendo? (Iara).

Percebemos nesses discursos que a FUNATI oferece o acolhimento que elas não tiveram em suas famílias e em outras instituições. A socialização com amigos/as, professores/as e todos/as os/as profissionais envolvidos/as é fundamental para que se sintam pertencentes a um grupo, parte de algo. Tendo em vista que o não-lugar das mulheres idosas, tanto em suas famílias quanto na sociedade propicia, como já vimos, a não observância de seus direitos, a ausência de proteção por parte dos dispositivos legais e, conseqüentemente, alicerça as bases da violência (DAMACENO *et al.*, 2020).

Além disso, a FUNATI também oferta atendimento psicológico para essas mulheres, atenção à saúde e diversas oficinas e cursos que estimulam a criatividade, como no caso das oficinas de teatro e de dança, e a cognição, como as oficinas da memória, os cursos de idiomas, informática, dentre outros (MANAUS, 2022).

[...] eu gosto desse espaço (FUNATI), eu gosto das atividades, eu gosto das oficinas que ajudam meu cérebro a melhorar, eu gosto dos amigos, eu gosto de ter o que fazer, de colocar na minha agenda. Isso aqui significa muito para mim (Inaiê).

O estímulo cognitivo é fundamental, pois além de auxiliar na vida cotidiana, ajudando no planejamento e organização, como exemplificado pela enunciação de Inaiê, também coloca essas mulheres em uma posição de maior domínio e empoderamento de si mesmas. Principalmente quando olhamos para o nível educacional das participantes,

onde apenas uma possui o nível superior completo. A dependência financeira e a falta de conhecimento acerca dos próprios direitos são fatores de vulnerabilidade para violências. Com um nível educacional menor, as chances de se encontrar condições de trabalho ruins são maiores, levando a instabilidade financeira, alimentar, laboral e habitacional. Estudar é, portanto, não somente uma estratégia para empoderamento social e de saúde, mas um fator de proteção contra a violência (PEREIRA; BEM; GODINHO, 2020; BREIDING; BASILE; KLEVENS; SMITH, 2017)

Nesta seção vimos que as colaboradoras, embora tenham convivido com a violência ao longo de toda a vida, e considerem o fenômeno como inevitável, conseguiram, em determinado momento, pedir por ajuda, recorrendo às delegacias. Suas tentativas, entretanto, foram interditadas, pois ainda que existam dispositivos de proteção legal a seu favor – tais como a Lei Maria da Penha e as delegacias especializadas –, a ideologia patriarcal e as interseccionalidades formam uma barreira para o acesso aos seus direitos. O acolhimento e as estratégias de proteção não estão ocorrendo na prática e não é uma situação que se limita apenas a esta pesquisa (BRITO; GROSSI; GROSSI, 2020; VAZ, 2015; PEREZ E RIBEIRO, 2020; VASCONCELOS, 2021; SOUZA E CORTEZ, 2014; MELEIRO, *et al.*, 2021;). Assim, elas são duplamente violentadas: em suas casas e nas instituições que deveriam protegê-las e punir seus agressores.

A FUNATI, por outro lado, apareceu em seus discursos como uma instituição de enfrentamento direto da violência, através do acesso a cuidados em saúde na sua policlínica, psicoterapia e orientação com a assistente social. E também no enfrentamento indireto, através das atividades ofertadas, das pesquisas realizadas na instituição e também no seu papel como um espaço de socialização, trocas e acolhimento.

Considerações finais

Ao longo do estudo, vimos que os discursos das colaboradoras, em torno da violência, são diversos, e elas atribuem diferentes sentidos para o fenômeno. Embora haja um fator em comum entre elas: a violência sempre foi uma constante em suas vidas, e por isso, a entendem como algo inevitável. A partir disso, encontram estratégias para conviver com essas violências, ao invés de se afastar das relações abusivas e cortar o vínculo com seus agressores. Se defender (física e verbalmente) e aceitar placidamente são comportamentos que aparecem em seus discursos como estratégias. Assim como a busca

por conforto e respostas através da espiritualidade, ainda que a religião, por outro lado, seja reconhecida por elas como fortalecedora de violências.

Concluimos que a forma com que enxergam as violências quando vindas dos filhos é diferente de quando o autor é o companheiro. Quando se trata dos filhos, elas reconhecem muitas vezes que estão sendo maltratadas, sentem medo em determinados momentos, mas não nomeiam o fenômeno como violência. Existe uma discrepância entre suas enunciações (fala) e seus discursos (o que expressam). O padrão da violência sofrida muda de acordo com o autor. Quando é o companheiro, geralmente se mostra em agressões físicas e verbais, abusos sexuais, ameaças e demonstração de possessividade. Enquanto com os filhos, essa violência se dá a partir de distanciamento emocional, exploração financeira e abusos verbais.

Escolhemos a FUNATI pois, ainda que não seja uma instituição especializada em acolhimento em casos de violência, atua como um espaço de socialização, afetos, aprendizados e trocas entre os/as idosos/as, e sabemos que ter uma rede de apoio é fundamental no enfrentamento de violências e que essa instituição provavelmente teria um papel importante na vida dessas mulheres. Entretanto, por ser primordialmente uma instituição de ensino, pesquisa e extensão, tivemos dificuldades em recrutar colaboradoras, tendo em vista que se trata de um tema delicado. Conseguimos contornar tal limitação a partir de conversas com professores/as e outros/as profissionais que tem um olhar atento e cuidadoso, e estes sugeriram nomes que pudéssemos conversar e apresentar a pesquisa.

É necessário trabalhar para minimizar o descaso das instituições que trabalham com o enfrentamento direto das violências, em especial as delegacias, já que estas são o primeiro contato dessas mulheres após tomarem a decisão de realizar a denúncia. A Lei Maria da Penha, em seu texto, coloca que as delegacias especializadas não devem somente receber denúncias, mas acolher, trabalhar para a proteção imediata e informar sobre os direitos e possibilidades. Para que isso ocorra na prática é necessário treinamento, capacitação e sensibilização dos funcionários para que possam estar preparados não só teoricamente, mas emocionalmente. A contratação de psicólogos/as e assistentes sociais para estarem de plantão nesses espaços é fundamental não só para participarem da acolhida inicial, mas para que o trabalho intersetorial e multidisciplinar aconteça e fortaleça a rede de apoio.

São necessários estudos futuros que considerem a interseccionalidade entre gênero e geração e tenham como plano de fundo o contexto do norte do país. Além de

estudos que explorem com profundidade o papel socioemocional que instituições como a FUNATI possuem em seus alunos/as. Projetar a voz dessas essas mulheres, que por muito tempo foram silenciadas, é uma estratégia de enfrentamento contra as violências, e um contradispositivo à ideologia patriarcal. Há não muito tempo atrás, as histórias de mulheres eram contadas por homens, portanto, valorizar seus discursos é reconhecer suas lutas e garantir visibilidade às suas trajetórias.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020. 152 p.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019. 256 p.
- AMARAL, Juliana Bezerra do *et al.* A religiosidade e a espiritualidade como referências para o enfrentamento da violência doméstica contra idosos. **Revista Enfermagem Uerj**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 1-6, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/7126/19416>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 224 p.
- BRITO, K. M. DOS S. M.; GROSSI, P. K.; GROSSI, M. L. Violência contra mulheres idosas em Manaus. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 19, n. 1, p. e37325, 21 out. 2020. <http://dx.doi.org/10.15448/1677-9509.2020.1.37325>. Acesso em: 21 jan. 2023.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Brasília, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultados>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BREIDING, Matthew J.; BASILE, Kathleen C.; KLEVENS, Joanne; SMITH, Sharon G.. Economic Insecurity and Intimate Partner and Sexual Violence Victimization. **American Journal Of Preventive Medicine**, [S.L.], v. 53, n. 4, p. 457-464, out. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.amepre.2017.03.021>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28501239/>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- DAMACENO, Daniela Garcia *et al.* Mulheres idosas vítimas de violência: o protagonismo nas denúncias. **Ex Aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos Sobre As Mulheres**, [S.L.], v. 4, n. 41, p. 61-76, 15 jun. 2020. Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres - APEM. <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2020.41.04>.
- DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 18, n. 2, p. 1-23, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 11 jan. 2023
- DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

FREIRE, Sérgio. **Análise de Discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Instituto Census, 2014. 57 p.

MANAUS. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE. **. Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://funati.am.gov.br/quem-somos/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MELEIRO, Maria Luiza de Andrade Picanço *et al.* **Os desafios da rede de proteção no enfrentamento à violência contra a pessoa idosa em Manaus, Amazonas, Brasil**.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hacitec, 2014. 407 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 132 p.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Salvador: Devires, 2017. 235 p.

Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2023.

PEREIRA, Bárbara Caroliny; BEM, Márcia Maria da Silva; GODINHO, Mônica Lá-Salette da Costa. Determinantes sociais da saúde e sua influência na vida de mulheres vítimas de violência doméstica. **Global Academic Nursing Journal**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 1-9, nov. 2020. GN1 Sistemas e Publicacoes Ltd.. <http://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200031>.

PEREIRA, Leonellea; TAVARES, Márcia. UMA TRAMA ENTRE GÊNERO E GERAÇÃO: mulheres idosas e a violência doméstica na contemporaneidade. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 6, n. 3, p. 41-52, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/33679/19465>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PEREZ, Fabíola; RIBEIRO, Joyce. **Mulheres enfrentam truculência e desestímulo em delegacias de SP**. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/mulheres-enfrentam-truculencia-e-desestimulo-em-delegacias-de-sp-08032020>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SILVA, Aline Oliveira; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; RAMOS, Rita de Cássia Bhering. A violência contra as mulheres idosas: tipicidade, características e significados. **Archives Of Health**, [S.L.], v. 1, n. 5, p. 243-257, 23 dez. 2020. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.46919/archv1n5-008>.

SAMPAIO, Paula Faustino, 2015, Florianópolis. **Silêncios e palavras na rede de significados sobre as mulheres indígenas no Brasil**. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. 12 p. Disponível em:

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439861881_ARQUIVO_Silenciosepalavramulheresindigenas.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

SILVA, Cirlene Francisca Sales da; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Violência contra idosos: perfil sociodemográfico dos familiares agressores, tipos de violência impetrada e motivações para sua ocorrência. **Gestão e Saúde**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 563-581, abr. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5555888>. Acesso em: 26 dez. 2022.

SOUZA, Lídio de e CORTEZ, Mirian Beccheri. **A delegacia da mulher perante as normas e leis para o enfrentamento da violência contra a mulher: um estudo de caso**. Revista de Administração Pública [online]. 2014, v. 48, n. 3, pp. 621-639. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-76121141>>. Epub 10 Jun 2014. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-76121141>. Acesso em: 15 jan. 2023.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 126 p.

VASCONCELOS, Caê. **Mulher passa seis vezes em delegacias para registrar violência doméstica e segue desprotegida**. 2021. Disponível em: <https://ponte.org/mulher-passa-seis-vezes-em-delegacias-para-registrar-violencia-domestica-e-segue-desprotegida/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

VAZ, Camila. **A ineficiência da Delegacia da Mulher**. 2015. Disponível em: <https://camilavazvaz.jusbrasil.com.br/noticias/177730696/a-ineficiencia-da-delegacia-da-mulher>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018. 301 p.

7.3 Artigo 3

Violência familiar contra mulheres idosas durante a pandemia da Covid-19 sob a perspectiva da Interseccionalidade

RESUMO: A pandemia da Covid-19 ocasionou no Brasil além de uma crise de saúde e sanitária, também uma crise social. Tendo em vista que a mesma evidenciou diversos problemas sociais dentre eles a violência de gênero, salientada através do aumento nos índices de violência familiar contra mulheres, além do fortalecimento da vulnerabilidade social da pessoa idosa, público mais gravemente atingido. No cenário pandêmico, o enfrentamento das adversidades foi permeado por discursos políticos negacionistas, misóginos e etaristas que desvalorizaram a segurança, a saúde e a vida de idosos/as e de mulheres. Dito isso, a presente pesquisa teve como objetivo compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e que são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, à luz da Interseccionalidade, e das repercussões vividas no contexto da pandemia, enfatizando o cenário político regional e os apagamentos territoriais. Concluímos que a pandemia e o isolamento social evidenciaram fragilidades no enfrentamento das violências familiares sofridas pelas mulheres, agravando esses contextos, além de diminuir a rede de apoio e as ferramentas de enfrentamento disponíveis. No contexto nacional, as medidas tomadas para a minimização do aumento da violência foram frágeis e incipientes, ressaltando o descaso do governo federal com a população feminina do país. O Amazonas, seguiu o mesmo exemplo e prezou por permanecer com ações e serviços pré-existentes, realizando as adaptações por conta do contexto pandêmico. Como ação inédita, em Manaus, houve a produção de cartilhas de orientação para as mulheres que estivessem passando por situações de violência.

Palavras-chave: Violência contra mulheres idosas; Interseccionalidade; violência de gênero; pandemia; Covid-19.

ABSTRACT: The Covid-19 pandemic caused in Brazil, in addition to a health and sanitary crisis, also a social crisis. Given that it highlighted several social problems, including gender violence, highlighted by the increase in rates of family violence against women, in addition to strengthening the social vulnerability of the elderly, the most seriously affected public. In the pandemic scenario, coping with adversities was permeated by denialist, misogynistic and ageist political discourses that devalued the safety, health and life of the elderly and women. That said, the present research aimed to understand the discourses of elderly women who have suffered family violence and who use the services of an Open University for the Third Age in Manaus, in the light of Intersectionality, and the repercussions experienced in the context of the pandemic, emphasizing the regional political scenario and territorial erasures. We concluded that the pandemic and social isolation highlighted weaknesses in coping with family violence suffered by women, aggravating these contexts, in addition to reducing the support network and the available coping tools. In the national context, the measures taken to minimize the increase in violence were fragile and incipient, highlighting the indifference of the federal government towards the country's female population. Amazonas followed the same example and insisted on remaining with pre-existing actions and services, making adaptations due to the pandemic context. As an unprecedented action, in Manaus, there was the production of guidance booklets for women who were experiencing situations of violence.

Keywords: Violence against elderly women; intersectionality; gender violence; pandemic; Covid-19.

Introdução

No cenário nacional e mundial é crescente o contingente da população idosa, e a expectativa é que este continue a aumentar. Contudo, observa-se que temáticas relacionadas à velhice, em termos investigativos no Brasil, ainda são consideradas recentes, principalmente dos pontos de vista científico e social (VIEIRA, 2012).

O processo de envelhecimento é um fenômeno biológico, psicológico e social que interfere na existência do ser humano, podendo modificar a sua relação com o tempo, o mundo e sua própria história de vida, acontece de maneira particular e complexa e não deve estar ligado a incapacidade funcional, dependência ou ausência de vivências sociais e sexuais. Entretanto, isso é costumeiramente vinculado pelas mídias, o que contribui para uma visão preconceituosa da população idosa como pessoas de papel inativo na sociedade, seja em termos econômicos ou nas relações familiares e sociais (MORAES; MORAES; LIMA, 2010; VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016).

Essa representatividade social do envelhecimento propicia que idosos/as sejam vistos/as como mais vulneráveis a sofrer violências, e a desvalorização de seu papel social também atua na intensificação desse processo. A falta de investimento político e social na saúde e prevenção de violências e maus tratos à população idosa é uma realidade cultural de uma sociedade que além disso ainda segrega e negligencia. E quando falamos de mulheres idosas, esse fenômeno se fortifica, tendo em vista que as questões de gênero afetam diretamente na maneira como se configura (DARDENGO; MAFRA, 2018, MINAYO, 2003).

Em março de 2020 Organização Mundial da Saúde declarou a doença denominada Covid-19, causada pelo vírus Sars-Cov-2, como de grande potencial pandêmico, ou seja, cuja disseminação poderia abranger o cenário mundial, espalhando-se pelos diferentes continentes e com alto grau de contaminação (CARVALHO; FREITAS, 2022).

Tal previsão se tornou verdadeira, e a pandemia da Covid-19 causou no Brasil, além de uma crise de saúde e sanitária, também uma crise social. Tendo em vista que a mesma evidenciou diversos problemas sociais tais como pobreza, desemprego, desigualdade econômica, além da misoginia e a violência de gênero, salientada através do grande aumento nos índices de violência doméstica e familiar contra mulheres em todo

o país (BRASIL, 2020a; IPEA, 2020; BRASIL, 2020b) e, para além disso, também ocorreu um fortalecimento da vulnerabilidade social da pessoa idosa, público mais grave e fatalmente atingido pelo vírus. No cenário pandêmico, o enfrentamento das adversidades causadas pela doença e a consequente crise sanitária que se instaurou no país, foram rodeados por discursos políticos negacionistas, misóginos e etaristas que desvalorizaram de modo explícito a segurança, a saúde e a vida, especialmente de idosos/as e de mulheres (CARVALHO; FREITAS, 2022).

Na sociedade hodierna, as mulheres são entrelaçadas por camadas de opressão e tais camadas as alcançam em proporções, intensidades e sentidos diferentes de acordo com questões de gênero, faixa etária, raça e classe social (AKOTIRENE, 2020, NOGUEIRA, 2017). E no caso da presente pesquisa, o território também se apresentará como um marcador importante de análise, tendo em vista que existe um silenciamento do Norte do Brasil tanto no contexto de pesquisa quanto nas denúncias de violências e abusos sofridos pelas mulheres nortistas (CHAVES E CESAR, 2019). Portanto, embora as violências atinjam a todas, elas não são atingidas de formas iguais. isto porque cada uma é atravessada por uma realidade subjetiva que é definida a partir de sua faixa etária, sua raça, classe social, contexto socioeconômico, dentre outros. E todas essas características estão interligadas, formando um entrelaçamento de opressões. No envelhecimento, a violência contra as mulheres idosas alcança novos patamares, isto porque no mínimo dois marcadores de opressão irão se associar: o de ser mulher e o de ser idosa. Partindo desse pressuposto, a Interseccionalidade é um conceito que faz parte das análises dos dados desta pesquisa, visto que tal teoria, fundada no feminismo negro, permite que os preconceitos e as iniquidades sejam estudados de acordo com os atravessamentos de cada mulher (AKOTIRENE, 2020, COLLINS, 2015).

Karnal (2020), em uma entrevista concedida à Cable News Network (CNN), apontou que há três fatos que modificam ou aceleram processos que já estavam em curso, são eles: guerras, revoluções ou pandemias. Com a pandemia causada pela Covid-19 os casos de violência contra a mulher aumentaram em todo o mundo. Na França (EURONEWS, 2020) as denúncias aumentaram em mais de 30%. Nos Estados Unidos, entre março e maio de 2020, os atendimentos nas linhas diretas de denúncia cresceram em 12% (CNN BR 2020). No Brasil não foi diferente, estima-se que as denúncias aumentaram cerca de 50% (BRASIL 2020b). Em Manaus, de acordo com dados fornecidos pela Secretaria de Segurança Pública do estado do Amazonas (SSP) (2020), no ano de 2019, no período entre os meses de Janeiro a Julho, o número de registros de

violência doméstica e familiar contra a mulher foi de 8.778. Em 2020, nesse mesmo período, o número de registros saltou para 13.010.

Importante ainda auxiliar na formulação de novas leis e mecanismos que possam agir de modo mais célere e proficiente nesse novo contexto pandêmico que modificou as relações e o cotidiano, e nas consequências que aparecerão no futuro, trazer informações e dados confiáveis à sociedade como um todo, que pode fazer parte da rede de apoio, auxiliando membros da vizinhança, círculos de amizade e familiares no enfrentamento dessa situação.

Primordialmente, é fundamental trazer um maior amparo e proteção às vítimas, destacando todas as ferramentas que possuem a seu favor e que podem valer no enfrentamento desse contexto violento, que atravessa a sociedade desde sua origem (LOPES, 2012). Ouvir seus discursos, mergulhar em suas histórias é fundamental para que suas realidades sejam visualizadas e compreendidas, e para que se caminhe para cada vez mais longe do silenciamento, utilizado por muito tempo como ferramenta de subjugação das mulheres.

Dito isso, a presente pesquisa objetiva compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e que são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas à luz da Interseccionalidade, a partir de Nogueira (2017) e Akotirene (2020) e das repercussões vividas no contexto da pandemia da Covid-19, enfatizando o contexto político regional e os apagamentos territoriais.

Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, que buscou investigar o fenômeno da violência familiar contra mulheres idosas que são alunas de uma Universidade Aberta da Terceira Idade, com ênfase nas mudanças experienciadas a partir do contexto pandêmico. O local de pesquisa foi a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI), localizada na cidade de Manaus, Amazonas, que foi escolhida por ser uma instituição que oferta atividades recreativas, de ensino, extensão, pesquisa e assistência à saúde para pessoas a partir de 50 anos, e que além disso também é um espaço de socialização, de criação de laços e afetos e pode vir a representar uma importante rede de apoio para mulheres idosas que sofrem ou já sofreram algum tipo de violência (MANAUS, 2022).

Colaboraram com o estudo cinco mulheres que possuem 60 anos ou mais, que já passaram por algum tipo de violência no contexto familiar durante a pandemia da Covid-

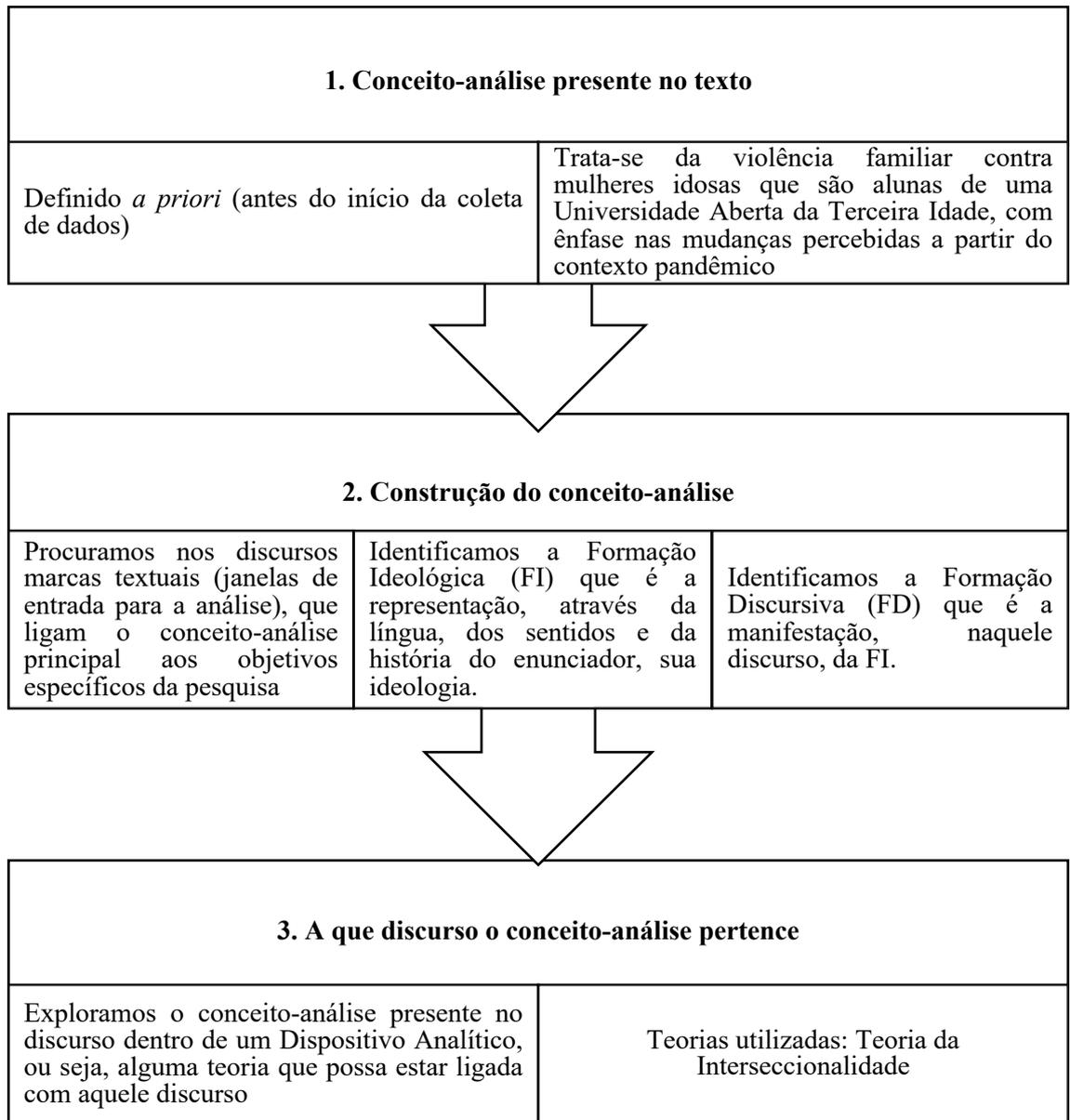
19 e que frequentam a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI). Em um primeiro momento foi aplicado um questionário socioeconômico, que teve como objetivo auxiliar na composição do contexto social, econômico e geográfico das colaboradoras, considerando suas interseccionalidades (SILVA; DIAS, 2016). Algumas das características e componentes identitários estão apresentados na Tabela 1. Para que se mantivesse o sigilo, as colaboradoras foram representadas ao longo do texto com nomes indígenas fictícios, com o intuito de trazer representatividade e visibilidade regional. Chamá-las pelos nomes, ao invés de numerá-las ajuda também na fluidez da leitura e na individualização de cada uma das histórias que serão apresentadas.

Em sequência, realizamos entrevistas semiestruturadas norteadas por um roteiro de perguntas que se deu de forma flexível e participativa, permitindo que novos tópicos fossem inseridos de acordo com o fluir do processo, que teve, em média, uma hora e meia de duração por colaboradora (MINAYO, 2014).

A análise dos dados foi realizada com o uso método da Análise do Discurso de Pêcheux (1960) a partir da metodologia proposta por Freire (2014). Esse método entende a língua como um acontecimento, uma verdadeira prática social, repleta de conceitos, crenças, valores, história e imagens. É a interpretação dessas características que acompanham a língua que fazem com que seja possível a construção de uma matriz semântica, ou seja, o componente de sentido. Nenhuma das palavras usadas é vista como aleatória ou desprovida de sentido, e não é utilizada apenas pelo uso da liberdade de quem fala. O que realmente determina o uso das palavras que compõem os discursos são as condições sócio-históricas de produção (FREIRE, 2014). Deste modo, reconhecemos que não há discursos isolados uns dos outros, eles são históricos, temporais e, portanto, condicionados às ideologias e sistemas sociais, o patriarcado, por exemplo, é um deles. Assim, escolhemos esse método para que fosse possível compreender e descrever as ideologias, práticas e pressupostos morais e sociais, ligados às questões de gênero e geração que estão presentes nos discursos das mulheres idosas colaboradoras desta pesquisa.

Primeiramente, realizamos leituras flutuantes para identificar como o conceito-análise, ou seja, o objeto do estudo, foi abordado durante as entrevistas. Em seguida, fizemos a leitura analítica, que de acordo com Freire (2014), deve ser produzida com o auxílio de três eixos de análise, representados na Figura 1, junto as etapas seguidas para análise dos dados desta pesquisa:

Figura 1 – Etapas da análise



Fonte: Autores, 2023

A presente pesquisa foi aprovada sob o parecer de número 5.325.339. As colaboradoras também concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias.

Análise e discussão dos resultados

Compilamos os dados extraídos do questionário socioeconômico na Tabela 1. Referente ao item renda, utilizamos o critério de renda do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2023) que considera a renda de acordo com a

soma de rendimentos de cada família, classificando-a em classes: A (acima de 20 salários mínimos), B (de 10 a 20 salários mínimos), C (de 4 a 10 salários mínimos), classe D (de 2 a 4 salários mínimos) e classe E (máximo de dois salários mínimos).

Tabela 1 – Caracterização socioeconômica das colaboradoras

Colaboradoras	Inaiê	Iracema	Iara	Potira	Açucena
Orientação sexual	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero
Idade	65	63	75	71	68
Filhos/as	3	3	2	5	4
Escolaridade	Ensino médio	Ensino médio	Ensino médio	Fundamental completo	Superior completo
Raça	Parda	Branca	Branca	Preta	Indígena
Renda	Classe D	Classe D	Classe C	Classe E	Classe E
Estado civil	Viúva	Divorciada	Divorciada	Divorciada	Casada
Tempo na FUNATI	10 anos	5 anos	12 anos	10 anos	15 anos
Autor(es) da violência	Filhos	Companheiro e filhos	Companheiro	Companheiro e filhos	Companheiro

Fonte: Os autores (2023).

Para apresentarmos os resultados, fizemos a leitura analítica e a partir delas dividimos as principais marcas textuais encontradas nos textos integradas nas seções a seguir.

Novas interfaces da violência na pandemia da Covid-19 e o encontro identitário do território

Nos discursos das participantes, foi notável que o contexto pandêmico trouxe mudanças profundas na configuração de relacionamentos que já eram violentos, intensificando e mudando a forma como essas violências aconteciam, adicionando componentes diferentes, tais como medo da morte e aflição com relação à saúde e perda de sentido da vida. Algumas, além de terem vivenciado diretamente essas mudanças, também testemunharam violências sofridas por outras mulheres, como foi o caso de Iracema, que presenciou as agressões sofridas por uma vizinha, que veio a suicidar-se:

Ela sofria muito, só Deus sabe. Tanto que quando foi em março de 2021 ela não suportou. Tomou uma dose muito grande da medicação e ela se foi, né? Jovem, vinte e oito anos e mãe de dois filhos pequenos. Ele (marido) estava respondendo na justiça, mas não sei que fim levou. Isso me chocou muito né. Passou um filme na minha cabeça (Iracema)

Percebemos assim que os casos de violência doméstica e familiar ao redor do mundo foram indiretamente potencializados pela pandemia da Covid-19. Isso se deve não apenas ao maior convívio que as mulheres passaram a ter com seus agressores devido ao isolamento social, mas também à instabilidade econômica e financeira que afetou muitas famílias brasileiras; e todos esses medos e incertezas acarretaram desregulações emocionais, possíveis abusos no uso de álcool e outras substâncias, dentre outros fatores que podem vir a desencadear o aumento na ocorrência de casos de violência (SILVA et al., 2020; PAIVA, NABERO E FERREIRA, 2021).

É importante ressaltar que as violências já existiam e, para todas as entrevistadas, o fenômeno inclusive é uma constante em suas vidas, mas o isolamento social corroborou para um significativo agravamento de seus contextos, assim como as fez reviver antigos conflitos interpessoais. No caso contado por Iracema, podemos analisar que além de a violência ter chegado ao extremo e levado à morte, ainda existe um forte teor de silenciamento da história e da identidade dessas mulheres, tendo em vista que o caso na cidade de Manaus não teve cobertura midiática, corroborando com o pressuposto de que a Interseccionalidade referente ao contexto territorial também é um forte componente identitário que ocasiona sérios estigmas e atua diretamente para que a Amazonia seja cotada como a região com mais subnotificações de casos de violência contra mulheres no país (CHAVES; CESAR, 2019, WAISELFISZ, 2015).

Reconhecendo que nenhum discurso, fato ou Formação Ideológica ocorre de forma isolada, e que os sentidos são produzidos a partir de uma ligação direta com os contextos históricos, culturais e sociais, conseguimos perceber que essa desvalorização da mulher amazônida é documentada desde a colonização do território brasileiro, onde as mulheres indígenas residentes aqui foram violentadas, exploradas e mortas (CHAVES; CESAR, 2019, SILVA; SILVA, 2020). A violência se torna então recorrente na vida das mulheres e não são poucos os episódios documentados ao longo da história que ajudam a corroborar com a desvalorização feminina, que passa a ser entrelaçada com a desvalorização territorial, fortemente presente até os dias de hoje, como explicita Bittercourt (2013, p. 12):

Desde o princípio, o mito do vazio demográfico soa como um enorme desrespeito a milhões de pessoas que viviam na Amazônia brasileira e, apurando-se mais a crítica, percebe-se a sutileza de tratar-se, na verdade, de um vazio de pessoas consideradas importantes para a sociedade brasileira.

Do ponto de vista interseccional, as mulheres amazônidas são, no mínimo, duplamente subalternizadas: por serem mulheres e por serem caboclas (PAIVA, NABERO E FERREIRA, 2021). A geração, na presente pesquisa, também se fez um importante viés de análise, tendo em vista que quando idosas, a natureza das violências se modifica, assim como o perpetrador. Quando jovens, as mulheres sofrem com mais frequência violências físicas, psicológicas e sexuais, sendo os principais agressores seus parceiros íntimos. Já na terceira idade, os tipos mais frequentes são a violência patrimonial, negligência e violência verbal, e os perpetradores mais comuns são os filhos, contexto representado pelas colaboradoras deste estudo (SILVA; DIAS, 2016).

Iracema, que não reconhece sofrer maus tratos do filho dependente químico e, caracterizou em seu enunciado, sua relação como boa. Em contrapartida, confidenciou logo em seguida que durante o confinamento ela não foi capaz de ficar em casa, com medo, e precisou pedir abrigo na casa de uma colega, trabalhando como doméstica para permanecer com ela:

[...] ele (filho) é usuário, mas ele é um bom menino. É do tipo que só faz mal a ele e a mim, porque sou mãe e me preocupo. Mas assim... não tive como ficar presa sozinha com ele, eu fico com medo também, né? Então eu me isolei no sítio com ela (colega). Ajudava nos trabalhos e só vinha para a cidade quando recebia meu dinheiro (aposentadoria), aí comprava uma despesinha, deixava com o meu filho e depois voltava. Fiquei mais de 8 meses assim (Iracema).

Percebemos que implicitamente no discurso de Iracema ela tomou essas iniciativas para se proteger, sabendo que ao ficar sozinha em casa com o filho sua integridade física e psicológica estaria em risco. A pandemia fez com que inúmeros serviços e estabelecimentos fossem fechados, e a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI) foi um deles. A instituição fornece diversas atividades de ensino e recreação para a população idosa, e no caso de Iracema, assim como de outras colaboradoras da pesquisa, mais do que isso, a FUNATI simbolizava também um refúgio de suas realidades violentas. Ainda que a maioria das colaboradoras participassem, diariamente, de uma ou duas atividades, elas passavam o dia inteiro na instituição.

Eu venho para cá (FUNATI), tomo café, almoço, faço minhas atividades. Só volto para casa de tardinha, já vou direto para o meu quarto, tomo um banho, me tranco lá, me deito e pronto. Essa é minha rotina (Inaiê).

Depois da doença (Covid-19) ele (companheiro) ficou mais violento, ele esquece das coisas, às vezes parece que não é nem ele. Foi afastado do trabalho porque tinha surtos, dizia que ia matar todo mundo, que ia me matar. Afastaram ele, tiraram a arma dele (trabalhava como segurança e tinha porte de arma) e ficou em casa comigo o dia inteiro. Foi um inferno porque eu não podia mais nem passar o dia na FUNATI que estava fechada (Açucena).

De acordo com Barbosa et al., (2021) assumir que a pandemia tem uma ligação causal com o aumento da violência contra mulheres é superficial e não leva em consideração o contexto histórico de dominação masculina causador das violências de gênero. Entretanto, é necessário entender a pandemia como um *acontecimento* que “evidencia um campo de disputa de forças entre o microssocial e o macrossocial, tornando visível aquilo que é naturalizado para que, dessa forma, seja possível colocá-los em análise” (p. 8). A pandemia, neste caso, fez emergir o cenário nacional e regional de violência contra as mulheres que normalmente é naturalizado e escamoteado. É importante ainda, neste contexto, não entender como natural ou esperado o aumento do número de violência como resposta ao isolamento social ocasionado pela Covid-19 e reconhecer que a violência contra as mulheres já era uma “pandemia não visível” há muito mais tempo, solidificado pelas opressões de gênero, raça, classe, geração e território (AKOTIRENE, 2020).

Açucena, uma das colaboradoras da pesquisa, sofre violência em seu atual relacionamento, assim como sofreu em seu primeiro, quando foi sequestrada pelo homem que veio a se tornar seu marido. Por ser indígena e por na época ainda não dominar o idioma oficial brasileiro, teve dificuldades em pedir ajuda e encontrou desafios extras em

seu caminho. Tanto no antigo casamento, quanto no relacionamento atual, ela se vê como inferior por ser indígena, como exemplificado nos trechos a seguir:

Tem vezes, quando ele está pior que o normal, ele fica gritando me chamando de indiazinha, diz que eu sou feia porque pareço índia, e também para ele índia é safada, né? Por muito tempo eu me senti assim, sem valor. Me calava... (Açucena).

Percebemos, na Formação Discursiva “indiazinha”, reflexos diretos do sexismo e racismo como pano de fundo da colonização, e que se fazem presentes nas Formações Ideológicas e, conseqüentemente, nas relações cotidianas, influenciando as escolhas afetivas, o ideal social de beleza e a desvalorização da vida de determinadas mulheres. As mulheres indígenas são retratadas nos discursos cristãos da colonização como sendo promíscuas e selvagens, um discurso eurocêntrico, androcêntrico e profundamente patriarcal, mas que funcionou e ainda funciona como uma estratégia psicopolítica que encobre as violências sofridas e se entranhou nos interdiscursos (imaginário social), repercutindo na violência e na subalternização dessas mulheres (SAMPAIO, 2015).

Diante disso, distinguimos que a pandemia da Covid-19 modificou a configuração das relações interpessoais das mulheres idosas que já sofriam violência, mas que não podemos entender tal mudança como uma resposta esperada e diretamente causal ao isolamento social, para não incorreremos ao erro de naturalizar tal processo. Junto a isso, vimos que as mulheres idosas amazônidas enfrentam um entrelaçamento de opressões e uma delas é dada pelo contexto territorial e os estigmas sociais ligados a ele, que foram criados e solidificados ao longo da história com discursos que ganharam força o suficiente para causar uma significativa desvalorização da segurança e da vida dessas mulheres, assim como para o silenciamento das violências que sofrem em seus cotidianos.

Dificuldades no enfrentamento da violência no cenário político nacional e regional

Como vimos na seção anterior, a subalternização das mulheres idosas amazônidas é um fator preponderante para as dificuldades no enfrentamento das violências. No cotidiano normal, sem nenhum atravessamento de eventos históricos que alteram o curso da vida tal como a pandemia, já existe uma limitação na rede de proteção e amparo a essas mulheres. Seja por falta de preparo dos profissionais, seja pelos estigmas e preconceitos fortemente enraizados que fazem com que a violência seja naturalizada e, portanto, não

haja celeridade na tratativa desses casos (MELEIRO, et al. 2021). Contexto esse também retratado no próprio discurso das participantes, como explicitado no trecho a seguir:

Eu já fui um dia desses lá na delegacia do idoso dar parte dele (companheiro) e o delegado mandou eu entregar o boletim na defensoria, eu fui e foi só isso. Não entraram mais em contato [...] antes disso ainda disseram que era para eu ir na delegacia da mulher, SAPEM (Serviço de Apoio Emergencial à Mulher), né? Eu cheguei a ir ainda, lá disseram que por eu ser idosa eu tinha que ir na delegacia do idoso (Açucena).

Já fui na delegacia, tanto eu para fazer denúncia quanto ajudando uma amiga. Quando chegamos lá, contamos que ela tinha sido agredida, o delegado virou para ela e falou “mas tu fez o que para ele te agredir?” (Iracema)

Com a pandemia, onde houve o aumento considerável do número de violência contra mulheres, esse cenário tornou-se ainda mais precário, sendo agravado por uma série de complicações políticas. Olhando inicialmente para o cenário político nacional, tivemos inúmeras ações e discursos do chefe do poder executivo, Jair Bolsonaro, que deixavam claro sua aversão às mulheres, que resultaram na negação de direitos, no corte de verbas destinadas à população feminina e inclusive no incentivo direto à violência. Vemos, portanto, uma “Formação Discursiva anti-mulheres” assumindo um papel de importância basilar no cenário político nacional (CARVALHO; FREITAS, 2022). Um dos exemplos claros dessa Formação Discursiva, foi quando em seu segundo ano de seu mandato, Bolsonaro sentenciou em um discurso homofóbico que o Brasil não poderia ser conhecido pelo turismo gay, e em seguida afirmou “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. Agora não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay” (PRAGMATISMO POLÍTICO, 2019), em uma clara apologia ao turismo sexual, que objetifica as mulheres e incentiva abusos e violências sexuais.

Além dos discursos misóginos, ocorreram também diversas mudanças que limitaram os direitos das mulheres. Uma delas foi a nova demoninação e consequente revisão de prioridades do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, que em seu governo foi nomeado como Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Tal mudança está longe de ser vazia de sentidos, tendo em vista que além da retirada da igualdade racial, a inserção do foco sobre família tira a atenção para as minorias e também para as necessidades individuais e específicas vividas pelas mulheres, tais como as situações de violência (ROMAGNA, 2023).

Uma das principais ferramentas que o governo federal possui com vistas ao enfrentamento da violência contra mulheres é o aumento de orçamento e repasse de recursos para políticas específicas, tais como o Dique 180, as Casas Abrigo, dentre outras.

Nesse sentido, foram anunciadas apenas duas ações: envio de itens de segurança para as Casas da Mulher Brasileira e a articulação com os Ministérios da Cidadania, da Economia e do Turismo para abrigo das mulheres na rede hoteleira do país. Nos estados do Brasil, podemos entender que as medidas para prevenção e mitigação dos casos de violência contra mulheres ocorreram como reflexo do governo federal: de modo tímido, incipiente e desproporcional ao cenário preocupante que se desenhou durante a pandemia (IPEA, 2020).

No estado do Amazonas, que possui órgão de políticas para mulheres semiexclusivo, subordinado a uma secretaria, houve o prosseguimento de ações que já eram tomadas antes da pandemia e a adaptação de outras em decorrência do isolamento. A Patrulha Maria da Penha, por exemplo, permaneceu em funcionamento, com a diferença de que os policiais não adentravam à residência. Como ação inédita, correu também a produção de cartilhas para orientar as mulheres sobre quais ações tomarem em situações de violência familiar durante o isolamento social, assim como os meios e canais disponíveis para pedir ajuda e como identificar as diferentes formas de violência. De forma geral, 55% dos estados brasileiros, o Amazonas incluso, evidenciou manter as ações e serviços pré-existentes, realizando apenas modificações por conta do contexto pandêmico, não havendo, portanto, novas iniciativas ou ainda formulação de novos instrumentos, tendo havido inclusive uma redução nos atendimentos emergenciais, se comparados ao ano anterior ao início da pandemia (IPEA, 2020; OLIVEIRA; MACHADO; LIMA, 2020).

Como estamos falando de mulheres idosas, é importante citar também o cenário de enfrentamento de violências contra a população idosa. Dentre as principais instituições que fazem parte da Rede de Proteção no Enfrentamento à Violência contra a Pessoa Idosa em Manaus e no Amazonas estão: a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania, Centro Integrado de Proteção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, Fundação Doutor Thomas, Programa de Atendimento Domiciliar ao Idoso, dentre outros, neles inclusa a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI) (MELEIRO, et al., 2021), instituição da qual as colaboradoras desta pesquisa fazem parte e cuja diminuição e fechamento das atividades durante a pandemia teve um grande impacto em suas vidas, inclusive no que diz respeito ao amparo e proteção de seus direitos, como visto nos seguintes enunciados:

Quando eu desço do ônibus, eu penso: aqui (FUNATI) é minha segunda casa. Aqui eu tenho tudo, tem o psicólogo que conversa com a gente,

explica as coisas, a assistente social também, eles me ajudam nesse negócio do meu filho. Eu me senti desamparada... (Potira).

Aqui a gente tem aconselhamento, né. Eu me sinto livre para falar com os professores, quando eles veem que precisa eles me mandam para o psicólogo. Protege a gente, né? Pelo menos a gente se sente assim (Inaiê).

Percebemos que além do contexto afetivo, de recreação, de socialização e ainda de fuga do contexto familiar violento, como supracitado na seção anterior, a FUNATI também oferece apoio e proteção as idosas e isso é sentido pelas mesmas. No contexto da pandemia, quando a instituição precisou pausar seus serviços, percebemos tanto em seus enunciados quanto em seus discursos que as idosas se sentiram desamparadas e desprotegidas, tendo em vista que houve uma diminuição do contato que possuíam com profissionais que norteavam suas ações no contexto de enfrentamento da violência.

Na rede de proteção em Manaus, de acordo com gestores entrevistados em pesquisa realizada por Medeiros, et al. (2021), não existe nenhum fluxo de atendimento sistematizado e bem delineado. O conhecimento dos profissionais que estão a frente na linha de frente se limita ao fluxo de atendimento da instituição a qual são vinculados. Não há também um acompanhamento dos casos de violência, nem uma articulação intersetorial e interseccional entre as instituições que compõem a rede. O cenário da pandemia evidenciou ainda mais essa realidade, mostrando a fragilidade dessas interconexões.

A partir do exposto, percebemos que além da necessidade de um fortalecimento na rede de apoio, voltado para prevenção, multidisciplinaridade e intersetorialidade, também é de extrema relevância que as políticas públicas e as iniciativas de enfrentamento às violências também levem em consideração seus entrelaçamentos identitários de forma interseccional, tendo em vista que estamos analisando os contextos de mulheres idosas, pretas, indígenas e amazônidas, e que tais características influenciam diretamente na forma como as violências são vividas, assim como os caminhos para o enfrentamento e a proteção.

Considerações Finais

Diante de tudo, podemos concluir que as mulheres são entrelaçadas por camadas de opressão ligadas aos seus encontros identitários, sendo alguns dos que assumem papel central nas violências sofridas: gênero, raça, geração e, de acordo com a perspectiva assumida na presente pesquisa, também o contexto territorial, que estigmatiza e subalterniza essas mulheres tanto quanto as outras categoriais identitárias, afetando diretamente suas vivências e as colocando em um contexto de grande vulnerabilidade.

A pandemia da Covid-19 e o consequente isolamento social evidenciaram fragilidades no enfrentamento das violências familiares sofridas pelas mulheres ao redor de todo mundo, modificando as configurações dessas violências e agravando os contextos familiares e sociais dessas mulheres, além de diminuir a rede de apoio e as ferramentas de enfrentamento disponíveis.

No contexto nacional, as medidas tomadas para a minimização do alto índice de violência, já referido por diversos autores como uma pandemia dentro de uma pandemia, foram frágeis e incipientes, ressaltando o descaso do governo federal com a população feminina do país, situação já bastante evidenciada nos discursos misóginos do chefe de poder executivo, assim como a falta de repasse de verbas públicas para ações que objetivassem o enfrentamento direto e/ou indireto da violência de gênero no país.

O cenário regional, mais especificamente no contexto amazônico e manauara, teve iniciativas tão incipientes quanto as tomadas pelo governo federal e prezou por permanecer com as ações e serviços pré-existentes, realizando apenas as adaptações por conta do contexto pandêmico. Como ação inédita, em Manaus, houve a produção de cartilhas de orientação para as mulheres que estivessem passando por situações de violência familiar.

Assim, vemos que a pandemia modificou a configuração das relações interpessoais das mulheres idosas que já eram vítimas de violência, mas que não podemos entender tal mudança como uma resposta natural ou esperada à pandemia. Além disso, ficou evidente a necessidade de um fortalecimento na rede de apoio, voltado para prevenção, multidisciplinaridade e intersetorialidade. Também é de extrema relevância que as políticas públicas e as iniciativas de enfrentamento às violências também levem em consideração seus entrelaçamentos identitários de forma interseccional, tendo em vista que estamos analisando os contextos de mulheres idosas, pretas, indígenas e amazônicas, e que tais características influenciam diretamente na forma como as violências são vividas, já que essas mulheres foram silenciadas e subalternizadas ao longo da história com discursos que ganharam força o suficiente para causar uma significativa desvalorização da segurança e da vida dessas mulheres, silenciando as violências que sofrem em seus cotidianos e apagando suas experiências e as marcas identitárias que as fazem quem são.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020. 152 p.

BARBOSA, et al. Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades. *Saúde e Sociedade*, v. 30, n. 2, p. 1-13, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200367>. Acesso em: 26 mai. 2023.

BITTENCOURT, Maurício Pimentel Homem. **Jornalismo alternativo para a questão ambiental amazônica**. 2013. 276 f. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2XFV0ST>. Acesso em: 24 mai. 2023.

BRASIL. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**. 2. ed. Brasília, 2020b.

BRASIL. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Violência doméstica e familiar na Covid-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020a. 22 p. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19-violencia-domestica-e-familiar-na-covid-19.pdf>

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE.. **Síntese de Indicadores Sociais**. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultados>. Acesso em: 10 mai. 2023.

CARVALHO, Carla Severiano de; FREITAS, Geisa Fróes de. A pandemia de Covid-19 e de misoginia no Brasil: discursos sobre a violação dos direitos das mulheres. **Primeria Escrita**, v. 9, n. 1, p. 113-125, 2022. <https://doi.org/10.55028/rpe.v9i1.15805>. Acesso em: 23 mai. 2023.

CHAVES, Fabiana Nogueira; CÉSAR, Maria Rita de Assis. “O silenciamento histórico das mulheres da Amazônia Brasileira”. **Extraprensa**, v. 12, n. 2, p. 138 – 156, jan./jun. 2019. Acesso em: 23 mai. 2023.

COLLINS, P. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: Cadernos Sempreviva, 2015. Acesso em: 23 mai. 2023.

CNN BR. **Violência contra mulheres aumenta nos EUA em período de isolamento social**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/violencia-contra-mulheres-aumenta-nos-eua-em-periodo-de-isolamento-social/>>.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 18, n. 2, p. 1-23, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 11 jan. 2023

EURONEWS. **Violência doméstica aumenta durante a Pandemia**. Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2020/06/05/violencia-domestica-aumenta-durante-a-pandemia>>. Acesso em: 13 maio. 2023.

FREIRE, Sérgio. **Análise de Discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Instituto Census, 2014. 57 p.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **79: POLÍTICAS PÚBLICAS E VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: AÇÕES PRESENTES, AUSENTES E RECOMENDADAS**. Brasília: Disoc, 2020. 40 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10100>. Acesso em: 12 mai. 2023.

LOPES, Maria José Ferreira. De Pandora a Eva: fontes antigas da misoginia ocidental. **Diacrítica**, Braga, v. 26, n. 2, p. 490-511, 2012. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672012000200028&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 mai. 2023.

MANAUS. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE. **. Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://funati.am.gov.br/quem-somos/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MELEIRO, Maria Luiza de Andrade Picanço et al. Os desafios da rede de proteção no enfrentamento à violência contra a pessoa idosa em Manaus, Amazonas, Brasil. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v. 24, n. 6, p. 1-9, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562020024.210133>. Acesso em: 07 mai. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hacitec, 2014. 407 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, n. 3, p. 783-791, 2003. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v19n3/15881.pdf. Acesso em: 7 abr. 2023.

MORAES, Edgar Nunes de; MORAES, Flávia Lanna de; LIMA, Simone de Paula Pessoa. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Rev Med Minas Gerais**, v. 20, n. 1, p. 67-73, 2010. Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/197.pdf

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Salvador: Devires, 2017. 235 p.
Secretaria de Segurança Pública. 2020. *SSP Dados*. Manaus. Recuperado de <http://www.ssp.am.gov.br/ssp-dados/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

OLIVEIRA, M.; MACHADO, F.; LIMA, M. DA S. **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA: AÇÕES EDUCATIVAS DE COMBATE E PREVENÇÃO E SUAS FRAGILIDADES EM MANAUS/AM**. VII Congresso Nacional de Educação. **Anais**. 2020 Disponível em: <<https://xdocz.com.br/doc/violencia-contra-a-mulher-em-tempos-de-pandemia-1-4ol2lpzmzym>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

PAIVA, Elza Beatriz Barros de; NABERO, Ana Paula Pereira; FERREIRA, Breno Breno de Oliveira. Violência Contra as Mulheres no Contexto da Pandemia de Covid19 no Norte do Brasil: Notas Sobre a Geografia Feminista. **Revista Latino-americana de Geografia e Genero**, v. 12, n. 2, p. 168–183, 2021.

“Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade”, diz Bolsonaro. **Pragmatismo Político**. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraiso-gay.html>>. Acesso em: 28 maio. 2023.

ROMAGNA, Duda. “Nova estrutura dos Direitos Humanos evidencia reconstrução após obscurantismo bolsonarista”. **Sul 21**. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/politica/2023/01/nova-estrutura-dos-direitos-humanos-evidencia-reconstrucao-apos-obscurantismo-bolsonarista/>. Acesso em: 28 maio. 2023.

SAMPAIO, Paula Faustino, 2015, Florianópolis. **Silêncios e palavras na rede de significados sobre as mulheres indígenas no Brasil**. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. 12 p. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439861881_ARQUIVO_Silenciosepalavramulheresindigenas.pdf. Acesso em: 23 mai. 2023.

SILVA, Cirlene Francisca Sales da; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Violência contra idosos: perfil sociodemográfico dos familiares agressores, tipos de violência impetrada e motivações para sua ocorrência. **Gestão e Saúde**, [s. l], v. 7, n. 2, p. 563-581, abr. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5555888>. Acesso em: 26 abr. 2023.

SILVA, A. F. DA et al. Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 9, p. 3475–3480, set. 2020.

SILVA, Suzanna Dourado da; SILVA, Adnilson de Almeida. O Protagonismo Invisibilizado da Mulher na Floresta da Amazônia Acreana. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n.1, p. 20 34, 2020.

VIEIRA, K. F. L. **Sexualidade e qualidade de vida do idoso: desafios contemporâneos e repercussões psicossociais**. Tese. Psicologia Social. Paraíba, p. 234, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6908>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. DA P. DE L.; SARAIVA, E. R. DE A. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, p. 196–209, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002392013>. Acesso em: 7 abr. 2023.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, DF: FLACSO, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/1MuSNkH>. Acesso em: 11 jul. 2019.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, conseguimos concluir que as mulheres são submetidas a mais diversas violências em seus cotidianos e que tais violências se manifestam de forma diferenciada de acordo com a classe a qual pertencem, a raça, a geração, ao físico e a classe social. No envelhecimento, tais violências apresentam características distintas, sendo os perpetradores geralmente filhos, netos e cuidadores, e ao invés da violência física, demonstração de possessividade, abusos sexuais e verbais, o que prevalece é a negligência, o distanciamento afetivo e a violência patrimonial e financeira. Conseqüentemente, a forma com que enxergam a violência quando vinda dos filhos é diferente de quando o autor é o companheiro. Quando se trata dos filhos, elas reconhecem muitas vezes que estão sendo maltratadas, sentem medo em determinados momentos, mas não nomeiam o fenômeno como violência. Existe uma discrepância entre suas enunciações (fala) e seus discursos (o que expressam).

A partir disso, notamos que é através dos dispositivos materno e amoroso que as mulheres sofrem as mais profundas violências e permanecem nessas realidades. Isto porque desde seus nascimentos, através das tecnologias de gênero, foram ensinadas – quase adestradas – a cuidar, mesmo que não fosse recíproco, a amar quem está sob seus cuidados acima até mesmo do amor que devem ter para consigo, e a se submeter a todas essas dinâmicas de poder, por mais que se revelem violentas, nocivas e muitas vezes fatais.

Assim, as questões de gênero permanecem sendo um grande fator para a ocorrência de violências, sendo mulheres idosas as maiores vítimas de violência familiar, enquanto os homens idosos, apesar de sofrerem mais violências no âmbito familiar do que os homens jovens e adultos, continuam representando um papel de autoridade e respeito dentro de suas casas, o que os tornam vítimas bem menos frequentes.

Esses fenômenos se dão através de construções culturais que subalternizam as mulheres em suas expressões, atitudes e comportamentos. Espera-se que as mulheres performem um comportamento condizente com aquele que é cultural e socialmente ligado ao comportamento feminino: o de ser doce, materna e submissa, e ao longo da história foram criadas tecnologias de gênero que fazem a manutenção desses comportamentos. São elas que contribuem para as violências diárias e constantes que as mulheres sofrem, mesmo dentro de suas próprias casas, mesmo pelas mãos de seus próprios filhos, aqueles

a quem a sociedade as ensinou e compeliu a amar, colocando a maternidade como seu destino maior e inevitável, e como seu feito mais sublime.

No estudo exploratório, vimos que os discursos das colaboradoras, em torno da violência, são diversos, e elas atribuem diferentes sentidos para o fenômeno. Embora haja um fator em comum entre elas: a violência sempre foi uma constante em suas vidas, e por isso, a entendem como algo inevitável. A partir disso, encontram estratégias para conviver com essas violências, ao invés de se afastar das relações abusivas e cortar o vínculo com seus agressores. Se defender (física e verbalmente) e aceitar placidamente são comportamentos que aparecem em seus discursos como estratégias. Assim como a busca por conforto e respostas através da espiritualidade, ainda que a religião, por outro lado, também seja reconhecida por elas como fortalecedora de violências.

Escolhemos a FUNATI pois, ainda que não seja uma instituição especializada em acolhimento em casos de violência, atua como um espaço de socialização, afetos, aprendizados e trocas entre os/as idosos/as, e sabemos que ter uma rede de apoio é fundamental no enfrentamento de violências e que essa instituição provavelmente teria um papel importante na vida dessas mulheres. Entretanto, por ser primordialmente uma instituição de ensino, pesquisa e extensão, tivemos dificuldades em recrutar colaboradoras, tendo em vista que se trata de um tema delicado. Conseguimos contornar tal limitação a partir de conversas com professores/as e outros/as profissionais que tem um olhar atento e cuidadoso, e estes sugeriram nomes que pudéssemos conversar e apresentar a pesquisa. Uma outra limitação foi a escassez de pesquisas que considerassem a intersecção entre gênero e geração dentro dos estudos sobre violência familiar. Além da não existência de estudos que analisassem essa intersecção dentro da Teoria dos Dispositivos.

Por fim, reconhecemos ser prioridade o trabalho em prol da minimização do descaso das instituições que trabalham com o enfrentamento direto das violências, em especial as delegacias, já que estas são o primeiro contato dessas mulheres após tomarem a decisão de realizar a denúncia. A Lei Maria da Penha, em seu texto, coloca que as delegacias especializadas não devem somente receber denúncias, mas acolher, trabalhar para a proteção imediata e informar sobre os direitos e possibilidades. Para que isso ocorra na prática é necessário treinamento, capacitação e sensibilização dos funcionários para que possam estar preparados não só teoricamente, mas emocionalmente. A contratação de psicólogos/as e assistentes sociais para estarem de plantão nesses espaços é

fundamental não só para participarem da acolhida inicial, mas para que o trabalho intersetorial e multidisciplinar aconteça e fortaleça a rede de apoio.

Percebemos também que a pandemia da Covid-19 e o consequente isolamento social evidenciaram fragilidades no enfrentamento das violências familiares sofridas pelas mulheres ao redor de todo mundo, modificando as configurações dessas violências e agravando os contextos familiares e sociais dessas mulheres, além de diminuir a rede de apoio e as ferramentas de enfrentamento disponíveis.

No contexto nacional, as medidas tomadas para a minimização do alto índice de violência, já referido por diversos autores como uma pandemia dentro de uma pandemia, foram frágeis e incipientes, ressaltando o descaso do governo federal com a população feminina do país, situação já bastante evidenciada nos discursos misóginos do chefe do poder executivo, assim como a falta de repasse de verbas públicas para ações que objetivassem o enfrentamento direto e/ou indireto da violência de gênero no país.

O cenário regional, mais especificamente no contexto amazônico e manauara, teve iniciativas tão incipientes quanto as tomadas pelo governo federal e prezou por permanecer com as ações e serviços pré-existentes, realizando apenas as adaptações por conta do contexto pandêmico. Como ação inédita, em Manaus, houve a produção de cartilhas de orientação para as mulheres que estivessem passando por situações de violência familiar.

Assim, vemos que a pandemia modificou a configuração das relações interpessoais das mulheres idosas que já eram vítimas de violência, mas que não podemos entender tal mudança como uma resposta natural ou esperada à pandemia. Além disso, ficou evidente a necessidade de um fortalecimento na rede de apoio, voltado para prevenção, multidisciplinaridade e intersetorialidade. Também é de extrema relevância que as políticas públicas e as iniciativas de enfrentamento às violências também levem em consideração seus entrelaçamentos identitários de forma interseccional, tendo em vista que estamos analisando os contextos de mulheres idosas, pretas, indígenas e amazônidas, e que tais características influenciam diretamente na forma como as violências são vividas, já que essas mulheres foram silenciadas e subalternizadas ao longo da história com discursos que ganharam força o suficiente para causar uma significativa desvalorização da segurança e da vida dessas mulheres, silenciando as violências que sofrem em seus cotidianos e apagando suas experiências e as marcas identitárias que as fazem quem são.

São necessários estudos futuros que considerem a Interseccionalidade entre gênero e geração e tenham como plano de fundo o contexto do norte do país. Além de estudos que explorem com profundidade o papel socioemocional que instituições como a FUNATI possuem em seus/suas alunos/as. Projetar a voz dessas mulheres, que por muito tempo foram silenciadas, é uma estratégia de enfrentamento contra as violências e um contradispositivo à ideologia patriarcal. Há não muito tempo atrás, as histórias de mulheres eram contadas por homens, portanto, valorizar seus discursos é reconhecer suas lutas e garantir visibilidade às suas trajetórias.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCIA BRASIL (Brasil) (org.). **Aumentam casos de violência contra pessoas idosas no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-06/aumentam-casos-de-violencia-contra-pessoas-idosas-no-brasil>. Acesso em: 11 nov. 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020. 152 p.

ALVES, Roberta Machado *et al.* Violência contra a população idosa durante a pandemia da COVID-19. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S.L.], v. 10, n. 59, p. 4314-4325, 9 dez. 2020. MPM Comunicação. <http://dx.doi.org/10.36489/saudecoletiva.2020v10i59p4314-4325>

ARAÚJO, L. F. DE; COUTINHO, M. DA P. DE L.; CARVALHO, V. Â. M. DE L. E. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 25, p. 118–131, 1 mar. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000100010> Acesso em: 06 fev. 2023.

BARBOSA, et al. Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades. *Saúde e Sociedade*, v. 30, n. 2, p. 1-13, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200367>. Acesso em: 26 mai. 2023.

BITTENCOURT, Maurício Pimentel Homem. **Jornalismo alternativo para a questão ambiental amazônica**. 2013. 276 f. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2XFV0ST>. Acesso em: 24 mai. 2023.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama*, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. 288 p.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Pandemia de Covid agravou situação de violência contra idosos**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/774878-pandemia-de-covid-agravou-situacao-de-violencia-contra-idosos/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BRASIL. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**. 2. ed. Brasília, 2020b.

BRASIL. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Violência doméstica e familiar na Covid-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020a. 22 p. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19-violencia-domestica-e-familiar-na-covid-19.pdf>

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE.. **Síntese de Indicadores Sociais**. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultados>. Acesso em: 10 mai. 2023.

BRASIL, Lei nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003. **Dispõe Sobre O Estatuto da Pessoa Idosa e Dá Outras Providências**.. Brasília http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

BRITO, K. M. DOS S. M.; GROSSI, P. K.; GROSSI, M. L. Violência contra mulheres idosas em Manaus. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 19, n. 1, p. e37325, 21 out. 2020. <http://dx.doi.org/10.15448/1677-9509.2020.1.37325>. Acesso em: 21 jan. 2023.

CARVALHO, Carla Severiano de; FREITAS, Geisa Fróes de. A pandemia de Covid-19 e de misoginia no Brasil: discursos sobre a violação dos direitos das mulheres. **Primeria Escrita**, v. 9, n. 1, p. 113-125, 2022. <https://doi.org/10.55028/rpe.v9i1.15805>. Acesso em: 23 mai. 2023.

CHAVES, Fabiana Nogueira; CÉSAR, Maria Rita de Assis. “O silenciamento histórico das mulheres da Amazônia Brasileira”. **Extraprensa**, v. 12, n. 2, p. 138 – 156, jan./jun. 2019. Acesso em: 23 mai. 2023.

COLLINS, P. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: Cadernos Sempreviva, 2015. Acesso em: 23 mai. 2023.

CNN BR. **Violência contra mulheres aumenta nos EUA em período de isolamento social**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/violencia-contra-mulheres-aumenta-nos-eua-em-periodo-de-isolamento-social/>>.

CNS. **Resolução Nº 510, de 7 de Abril de 2016**. Brasília.

DAMACENO, Daniela Garcia *et al.* Mulheres idosas vítimas de violência: o protagonismo nas denúncias. **Ex Aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos Sobre As Mulheres**, [S.L.], n. 41, p. 61-76, 15 jun. 2020. Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres - APEM. <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2020.41.04>.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 18, n. 2, p. 1-23, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 11 jan. 2023

EURONEWS. **Violência doméstica aumenta durante a Pandemia**. Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2020/06/05/violencia-domestica-aumenta-durante-a-pandemia>>. Acesso em: 13 maio. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no collège de france. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014. 74 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

FREIRE, Sérgio. **Análise de Discurso**: procedimentos metodológicos. Manaus: Instituto Census, 2014. 57 p.

MANAUS. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE. . **Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://funati.am.gov.br/quem-somos/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BRASIL. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. . **Violência doméstica e familiar na Covid-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020a. 22 p. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19-violencia-domestica-e-familiar-na-covid-19.pdf>

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **79: POLÍTICAS PÚBLICAS E VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: AÇÕES PRESENTES, AUSENTES E RECOMENDADAS**. Brasília: Disoc, 2020. 40 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10100>. Acesso em: 12 dez. 2022.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando O Sexo**: corpo e genero dos gregos a freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 316 p.

LOPES, Maria José Ferreira. De Pandora a Eva: fontes antigas da misoginia ocidental. **Diacrítica**, Braga, v. 26, n. 2, p. 490-511, 2012 . Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672012000200028&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 mai. 2023.

MELEIRO, Maria Luiza de Andrade Picanço et al. Os desafios da rede de proteção no enfrentamento à violência contra a pessoa idosa em Manaus, Amazonas, Brasil. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v. 24, n. 6, p. 1-9, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562020024.210133>. Acesso em: 07 mai. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hacitec, 2014. 407 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. 95 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 132 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, n. 3, p. 783-791, 2003. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v19n3/15881.pdf. Acesso em: 7 fev. 2023.

MORAES, Edgar Nunes de; MORAES, Flávia Lanna de; LIMA, Simone de Paula Pessoa. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Rev Med Minas Gerais**, v. 20, n. 1, p. 67-73, 2010. Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/197.pdf

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Salvador: Devires, 2017. 235 p.

OLIVEIRA, M.; MACHADO, F.; LIMA, M. DA S. **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA: AÇÕES EDUCATIVAS DE COMBATE E PREVENÇÃO E SUAS FRAGILIDADES EM MANAUS/AM**. VII Congresso Nacional de Educação. **Anais**. 2020 Disponível em: <<https://xdocz.com.br/doc/violencia-contra-a-mulher-em-tempos-de-pandemia-1-4ol2lpzmznm>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2023.

PAIVA, Elza Beatriz Barros de; NABERO, Ana Paula Pereira; FERREIRA, Breno Breno de Oliveira. Violência Contra as Mulheres no Contexto da Pandemia de Covid19 no Norte do Brasil: Notas Sobre a Geografia Feminista. **Revista Latino-americana de Geografia e Genero**, v. 12, n. 2, p. 168–183, 2021.

PINAFI, Tânia. Violência contra a mulher: políticas públicas e medidas protetivas na contemporaneidade. **Revista Histórica**, São Paulo, v. 21, [s.n], p. 1-10, abr. 2007. Disponível em <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/sobre/>. Acesso em 06 dez. 2022.

“Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade”, diz Bolsonaro.

Pragmatismo Político. Disponível em:

<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraiso-gay.html>>. Acesso em: 28 maio. 2023.

ROMAGNA, Duda. “Nova estrutura dos Direitos Humanos evidencia reconstrução após obscurantismo bolsonarista”. **Sul 21**. Disponível em:

<https://sul21.com.br/noticias/politica/2023/01/nova-estrutura-dos-direitos-humanos-evidencia-reconstrucao-apos-obscurantismo-bolsonarista/>. Acesso em: 28 maio. 2023.

SAMPAIO, Paula Faustino, 2015, Florianópolis. **Silêncios e palavras na rede de significados sobre as mulheres indígenas no Brasil**. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. 12 p. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439861881_ARQUIVO_Silenciosepalavramulheresindigenas.pdf. Acesso em: 23 mai. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & amp; Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em 13 nov. 2022.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 585-593, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdtHbLvZPLZk8MtMNmZyb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 fev. 2023.

Secretaria de Segurança Pública. 2020. *SSP Dados*. Manaus. Recuperado de <http://www.ssp.am.gov.br/ssp-dados/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

SILVA, Cirlene Francisca Sales da; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Violência contra idosos: perfil sociodemográfico dos familiares agressores, tipos de violência impetrada e motivações para sua ocorrência. **Gestão e Saúde**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 563-581, jan. 2016. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5555888>. Acesso em 21 nov. 2022.

SILVA, Aline Oliveira; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; RAMOS, Rita de Cássia Bhering. A violência contra as mulheres idosas: tipicidade, características e significados. **Archives Of Health**, [S.L.], v. 1, n. 5, p. 243-257, 23 dez. 2020. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.46919/archv1n5-008>.

SILVA, A. F. DA et al. Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 9, p. 3475–3480, set. 2020.

SILVA, Suzanna Dourado da; SILVA, Adnilson de Almeida. O Protagonismo Invisibilizado da Mulher na Floresta da Amazônia Acreana. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n.1, p. 20 34, 2020.

SOUTO, Rafaella Queiroga; et. al. Older Brazilian women's experience of psychological domestic violence: a social phenomenological study. **International Journal For Equity In Health**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 2-9, 12 maio 2015. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12939-015-0173-z>

SOUZA, Edinilsa Ramos de, MENDES, Tamires Carneiro de Oliveira. Violência contra a pessodda idosa no contexto de pandemia pelo novo coronavírus. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [S.L.], v. 24, n. 6, p. 1-3, maio 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562020024.210079>.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 126 p.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 12, p. 479–501, 1999.

VIANA, Nicole de Melo. **Perfil dos idosos participantes de uma Universidade Aberta da Terceira Idade no Estado do Amazonas**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014. 35 p. Disponível em: <http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/4041>. Acesso em: 05 ago. 2022.

VIEIRA, K. F. L. **Sexualidade e qualidade de vida do idoso: desafios contemporâneos e repercussões psicossociais**. Tese. Psicologia Social. Paraíba, p. 234, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6908>>. Acesso em: 7 fev. 2023.

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. DA P. DE L.; SARAIVA, E. R. DE A. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, p. 196–209, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002392013>. Acesso em: 7 fev. 2023.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, DF: FLACSO, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/1MuSNkH>. Acesso em: 11 jul. 2019.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018. 301 p.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice Aspectos Biopsicossociais**. São Paulo: Artmed, 2007. 229 p.

10. APÊNDICES

10.1. APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Identificação
Nome:
Idade:
Endereço
Telefone:
Naturalidade:
Estado Civil: () Solteira () Casada () União Estável () Separada () Viúva
Escolaridade: () Ens. Superior () Ens. Médio () Ens. Fundamental. Modo: () Completo () Incompleto
Profissão: Situação: () Empregada () Aposentada () Desempregada () Autônoma
Raça/Etnia: () Preta () Branca () Parda () Indígena () Outras
Informações Socioeconômicas e Familiares
Total de membros na residência:
Número de filhos:
Renda média familiar:
Informações sobre a FUNATI
Há quanto tempo frequenta:
Atividades que atualmente participa na instituição:

10.2. APÊNDICE 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Fale um pouco sobre você.
2. Já viveu alguma situação de violência?
3. Como foi isso?
4. Como você agiu nesses episódios?
5. Quem foi a pessoa que executou essa violência? Qual seu vínculo com essa pessoa?
6. Quanto tempo durou?
7. Houve vários episódios?
8. Porque será que a violência aconteceu? Tens alguma ideia das "causas"?
9. Onde procurou/encontrou ajuda?
10. Recorreu a algum serviço público?
11. Como o isolamento, durante a pandemia da Covid-19, influenciou nas suas vivências dentro do ambiente familiar?
12. Quais conselhos poderias dar para as mulheres que vivem experiências semelhantes?

Objetivos específicos	Perguntas norteadoras
Descrever práticas e pressupostos morais (símbolos, mentalidades) em torno de episódios de violência contra as mulheres presentes nos discursos das idosas que frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade	Fale-me um pouco de você Já viveu alguma situação de violência? Como foi isso? Como você agiu nesses episódios? Quem foi a pessoa que executou essa violência? Qual seu vínculo com essa pessoa? Quanto tempo durou? Houve vários episódios?
Entender como os imbricamentos de gênero e geração potencializam a violência familiar contra mulheres idosas que frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade considerando o contexto da pandemia de Covid-19	Como foram as experiências que você viveu relacionadas à violência? Porque será que a violência aconteceu? Tens alguma ideia das "causas"?

<p>Identificar nos discursos, serviços, políticas públicas ou quaisquer outras iniciativas que proponham acolhimento, orientação e/ou grupos de apoio para mulheres idosas que vivenciam ou vivenciaram situações de violência.</p>	<p>Onde procurou/encontrou ajuda? Recorreu a algum serviço público? Como o isolamento, durante a pandemia da Covid-19, influenciou nas suas vivências dentro do ambiente familiar? Quais conselhos poderias dar para as mulheres que vivem experiências semelhantes?</p>
---	---

10.3. APÊNDICE 3 – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM

Baseado nas diretrizes contidas na resolução CNS nº466/2012, MS.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Sra. está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa **“Violência doméstica contra mulheres idosas: uma doença social em meio a pandemia da Covid-19”**, cuja pesquisadora responsável é **Elza Beatriz Barros de Paiva** (RG: 3337235-7) e orientação do Prof.º Dr. Breno de Oliveira Ferreira (RG 5043138) e da Profª Drª. DENISE MACHADO DURAN GUTIERREZ (RG 10255464).

A Sra. está sendo convidada a participar desta pesquisa, porém a sua participação não é obrigatória. Se preferir, a pesquisadora pode ler o presente termo para a senhora. A qualquer momento pode desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI).

OBJETIVO DA PESQUISA: Compreender os discursos de mulheres idosas que sofreram violência familiar e frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus, Amazonas.

JUSTIFICATIVA: O grande aumento nos índices de violência doméstica e familiar, incluindo o cenário da pandemia da Covid-19, indica a necessidade de se estimular a produção científica a esse respeito, para que se possa colocar este assunto em evidência e trazer à luz conhecimentos complementares e bem fundamentados aos profissionais envolvidos no acolhimento e assistência dessas vítimas.

PROCEDIMENTOS: caso aceite participar, sua participação consistirá em uma entrevista pela pesquisadora. A entrevista será realizada de forma individual, em uma sala reservada, com o objetivo de garantir o mínimo de interferências. O áudio das entrevistas será gravado, após sua autorização, no celular da pesquisadora, para que depois possa registrar as respostas por escrito. Portanto, solicito sua autorização para gravação do som durante a entrevista. Não haverá registro de imagens. Serão feitos registros em um caderno de anotações. Ressaltando que este procedimento será de total confidencialidade

e privacidade, de forma a garantir a senhora que não ocorrerá nenhum tipo de prejuízo a sua imagem, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou aspectos econômico-financeiros. Para a realização da entrevista será obrigatório o uso de equipamentos de proteção individual (máscaras, álcool em gel e luvas descartáveis), que será disponibilizado pela pesquisadora, para prevenção da Covid-19.

RISCOS: Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Nesta pesquisa os riscos para a Sra. são possíveis desconfortos e constrangimento durante a entrevista. Caso ocorram, será oferecido o serviço de acolhimento do CSPA (Centro de Serviço de Psicologia Aplicada) da UFAM. Localizado na Universidade Federal do Amazonas, Av. Rodrigo Octávio, 6200, Bloco X, Coroado I. E-mail: cspapsicologiaufam@gmail.com. O atendimento pelo CSPA é gratuito. Frente a pandemia, estamos vulneráveis ao contágio pelo vírus da Covid-19. Para tanto, diminuir esses riscos, serão fornecidos os equipamentos de proteção individual, sendo eles: máscaras PFF2, álcool em gel e luvas descartáveis.

BENEFÍCIOS: Proporcionar escuta, acolhimento e informação às mulheres idosas que se encontram em situação de violência doméstica; possibilidade de inserção de um projeto de acolhimento à essa população; possibilidade de um lugar de escuta.

INDENIZAÇÃO (quando houver): No caso de qualquer tipo de dano relacionado ao participante da pesquisa, seja ele físico, psíquico, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual, o participante terá o direito de pedir indenização para a instituição (UFAM), conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

ESCLARECIMENTOS ANTES E DURANTE A PESQUISA: Todos os participantes envolvidos na pesquisa terão acesso, a qualquer tempo, às informações sobre os procedimentos, os riscos e os benefícios relacionados à pesquisa. Quaisquer perguntas sobre a metodologia utilizada no projeto ou informações adicionais que se fizerem necessárias serão disponibilizadas.

LIBERDADE DE RECUSAR OU RETIRAR O CONSENTIMENTO: A permissão para participar do projeto é voluntária. Portanto, os participantes estarão livres para negar esse consentimento a qualquer momento, sem que isto traga qualquer tipo de constrangimento ou penalização.

DESPESAS DECORRENTES DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: O participante desta pesquisa participa como voluntário e está dispensado de qualquer despesa ou ressarcimento decorrente da pesquisa. A pesquisa ocorrerá no local onde o participante

frequenta regularmente – nas dependências do local onde pratica atividades de promoção de saúde.

Se julgar necessário, a Sra. dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Asseguramos à Sra. o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Garantimos à Sra. a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

A Sra. pode entrar em contato com a pesquisadora responsável **Elza Beatriz Barros de Paiva** a qualquer tempo para informação adicional no endereço Av. Rodrigo Octávio, 6200, Bloco X, Coroadó I, também pelo telefone (92)99116-4226, e pelo e-mail: elzabeatrizbarros@gmail.com.

A Sra. também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM tem o objetivo de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas pela Sra., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

() Li e concordo em participar da pesquisa.

Manaus, ____/____/____

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA

11. ANEXOS

11.1. ANEXO 1 – TERMO DE ANUÊNCIA CSPA

11/02/2022 15:26

SEI/UFAM - 0872128 - Declaração



Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Centro de Serviço de Psicologia Aplicada - FAPSI

DECLARAÇÃO

Em resposta ao processo nº 23105.005616/2022-18, declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com o atendimento psicoterapêutico, se necessário, aos participantes da pesquisa intitulada: Violência doméstica contra mulheres idosas: uma questão social em meio a pandemia da Covid-19, da pesquisadora, mestranda ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA, sob orientação da Profª. Dra. Denise Machado Duran Gutierrez, no Programa de Pós-Graduação, Mestrado acadêmico em psicologia/FAPSI/UFAM.

Atenciosamente,



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 11/02/2022, às 15:10, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0872128** e o código CRC **F09F1740**.

Av. General Rodrigo Otávio, 6200 - Bairro Coroado I Campus Universitário, Setor Sul, Bloco X - Telefone:
(92) (92) 3305-1181 / Ramal 2583
CEP 69080-900 Manaus/AM - cspa.fapsi@ufam.edu.br

Referência: Processo nº 23105.005616/2022-18

SEI nº 0872128

11.2. ANEXO 2 – TERMO DE ANUÊNCIA DO LOCAL DE PESQUISA



TERMO DE ANUÊNCIA

Manaus, 14 de fevereiro de 2022

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES IDOSAS: UMA QUESTÃO SOCIAL EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19", na Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUnATI), da aluna ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA, da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, orientada pela Dra. DENISE MACHADO DURAN GUTIERREZ. Com seguinte objetivo: compreender as vivências e formas de enfrentamento de mulheres idosas sobreviventes de violência doméstica, que frequentam a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade na cidade de Manaus, Amazonas, sobre violência na terceira idade durante o contexto de pandemia da Covid-19.

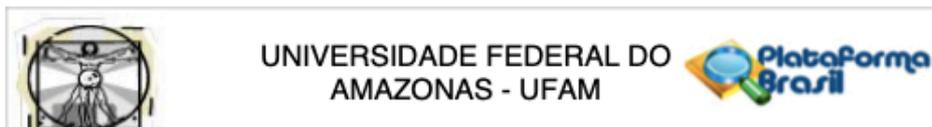

Coordenador da pesquisa
Euler Esteves Ribeiro
.....
Reitor
Prof. Dr. Euler Esteves Ribeiro
CRM 185 AM

Avenida Brasil, N° 70, Santo Antônio
Fone: (92) 3071-3118
Manaus-AM – CEP. 69029-040

FUnATI
Fundação Universidade
Aberta da Terceira Idade



11.3. ANEXO 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA – UFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência doméstica contra mulheres idosas: uma questão social em meio a pandemia da Covid-19 em Manaus, Amazonas

Pesquisador: ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56428922.6.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.325.339

Apresentação do Projeto:

Resumo:

A violência contra as mulheres é um fenômeno de existência milenar, que se dá com grande influência das construções de gênero incrustadas no seio da sociedade, fundadas no pensamento patriarcal. As mulheres são entrelaçadas por camadas de opressão ao longo da história, que as alcançam em proporções e intensidades diferentes de acordo com questões de gênero, faixa etária, raça e classe social. Esses fatores influenciam para que mulheres idosas sejam grandes vítimas de violência doméstica, e que essa violência seja legitimada pela família. Com o advento da pandemia da Covid-19, notou-se o agravamento nos casos de violência doméstica contra as mulheres ao redor do mundo, e com as idosas não foi diferente. O fato se deve não apenas ao maior convívio que as mulheres idosas passaram a ter com seus familiares devido ao isolamento, mas também à instabilidade econômica e financeira que afetou muitas famílias; e todos esses medos e incertezas acarretam desregulações emocionais, possíveis abusos no uso de álcool e outras drogas, dentre outros fatores que podem vir a desencadear o aumento na ocorrência de casos de violência doméstica. Dito isso, a pesquisa tem como objetivo geral: Compreender as vivências de mulheres idosas que sofreram violência doméstica, durante o contexto de pandemia da Covid-19, em Manaus, Amazonas. A pesquisa será de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e de campo. As participantes da pesquisa serão mulheres idosas que já vivenciaram ou

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.325.339

vivenciam situações de violência doméstica, e que frequentam a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI) da cidade de Manaus. Os instrumentos utilizados na pesquisa consistirão em um questionário sociodemográfico, o diário de campo e a entrevista semiestruturada. O grande aumento nos índices de violência doméstica durante a pandemia da Covid-19 indicam a necessidade de se estimular a produção científica a esse respeito, para que se possa colocar este assunto em evidência e trazer à luz conhecimentos complementares e bem fundamentados aos profissionais envolvidos no acolhimento e assistência dessas vítimas, além de auxiliar na formulação de novas leis e mecanismos que possam agir de modo mais célere nesse novo contexto pandêmico que modificou as relações e o cotidiano, e nas consequências que aparecerão no futuro, promovendo maior amparo e proteção às vítimas.

Hipótese:

A partir do desenho da pesquisa, que utiliza-se de metodologia qualitativa, formulou-se o seguinte objeto de pesquisa: Como mulheres idosas, que frequentam a Universidade Aberta da Terceira Idade, vivenciaram a violência doméstica durante pandemia de Covid-19, em Manaus, Amazonas?

Metodologia Proposta:

TIPO DE PESQUISA: A pesquisa será de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e de campo. Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa é utilizada quando o pesquisador tem por objetivo o estudo "da história, das relações, crenças, percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam" (p. 57). O método qualitativo é indicado para se trabalhar em grupos e contextos específicos onde o pesquisador tenha como objetivo realizar análise de discursos e documentos e também identificar e compreender de forma lógica os processos ocorridos dentro desse segmento em particular que está sendo investigado (Minayo, 2014). A pesquisa de campo proporciona ao pesquisador uma aproximação maior do objeto a ser estudado, sua inserção no ambiente e sua participação no mesmo. Essa interação entre o pesquisador e o espaço onde a pesquisa será realizada é essencial, pois os sujeitos serão contextualizados em suas interações sociais, subjetividades e demais aspectos que ajudarão a compor a observação do pesquisador e o

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.325.339

desenvolvimento da pesquisa como um todo (Minayo & Gomes, 2010).

PARTICIPANTES: As participantes da pesquisa serão mulheres idosas que já vivenciaram ou vivenciam situações de violência doméstica, e que frequentam a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI) da cidade de Manaus. Com relação ao número de participantes incluídas no estudo, o critério utilizado será o da saturação, onde o pesquisador cessará a coleta de dados ao verificar que sua amostra reflete com profundidade e abrangência a totalidade do grupo social que estuda, ou seja, as dimensões do objeto de estudo (Minayo, 2014). **INSTRUMENTOS:** serão utilizados um questionário sociodemográfico, o diário de campo e a entrevista semiestruturada. O questionário sociodemográfico é uma ferramenta que auxiliará o reconhecimento do perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa, ajudando a compor o contexto econômico, geográfico e social no qual estão inseridas (Silva & Dias, 2016). O diário de campo é um instrumento que permite à pesquisadora registrar todas as observações feitas no campo de pesquisa, anotando todas as informações pertinentes e que não estejam presentes nos roteiros ou resultados finais das entrevistas. Nele vão entrar observações relacionadas a quaisquer interações informais que tenham relação com a temática da pesquisa (Minayo, 2014). A entrevista semiestruturada, segundo Minayo (2014), permite liberdade para o entrevistador, e consiste em um guia contendo os tópicos principais que o mesmo pretende abordar, dessa forma o roteiro da entrevista norteia a conversação, não é rígido e permite flexibilidade para que o entrevistador, de acordo com a demanda encontrada naquela entrevista, explore tópicos que podem vir a ser úteis e/ou benéficos para a elucidação do problema investigado. A pesquisa será realizada na Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUNATI), localizada na Avenida Brasil, Nº11430, bairro Santo Antônio, na cidade de Manaus - AM, no CEP: 69029-040.

Metodologia de Análise de Dados:

A presente pesquisa utilizará como método de análise a Análise do Discurso (AD). De acordo com Foucault (2014), ao longo da história da sociedade "a produção do discurso foi controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos" (p. 8), procedimentos de exclusão e interdição dos discursos, limitando-os ao que é permitido ser dito e em quais circunstâncias dizer, seja pelo tabu que envolve algum objeto de discurso, por rituais culturais, sociais, religiosos, ou pelo direito de exclusividade daquele que fala. Para o autor, o discurso não é

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.325.339

somente o mecanismo pelo qual se mostram ou se ocultam desejos, mas vem a ser o próprio objeto de desejo, o poder do qual as pessoas desejam se apoderar.

Foucault (2014) também chama atenção para um outro princípio de exclusão dos discursos, que é a separação ou rejeição. De acordo com esse princípio, determinadas pessoas têm seus discursos rejeitados e deles são retirados a possibilidade de utilizar significantes. O autor usa como exemplo o discurso das pessoas consideradas loucas na Idade Média, mas pode-se também, de acordo com a temática do presente projeto, associar que por muitos séculos os discursos das mulheres sobre política, trabalho, economia e diversos outros assuntos, foi desprovido de razão e de valor (Pinafi, 2007). Na sociedade, há desvelamentos entre os discursos, há discursos que são ditos no dia-a-dia, e que não perduram. Entretanto, há uma classe de discursos, narrativas, que são contadas, recontadas, se repetem, se transformam, mas se conservam em seu âmago, na suposição de que tais discursos contem segredos ou riquezas. São discursos que estão no fundamento de atos antigos e novos, presentes em acontecimentos históricos, e que crescem para muito além das suas formulações ou de seus enunciadores (Foucault, 2014). O patriarcado, e todos os discursos e narrativas que o revolvem, será importante aporte conceitual na presente análise da compreensão das vivências de violência das mulheres idosas participantes da presente pesquisa.

As ideologias, a cultura e a história se mostram nos discursos dos enunciadores a partir dos significados atribuídos por eles a eventos materiais (Souza, 2006). Deste modo, de acordo com Souza (2014), para se realizar a AD é necessário primeiramente definir o conceito-análise, que corresponde ao objeto da análise. Na presente pesquisa, o conceito-análise será definido a priori, ou seja, a partir da definição do interesse da analista, com uma temática pré-definida. Quando se utiliza o método do conceito-análise a priori, deve-se valorizar quem tem algo a dizer sobre a temática, ou seja, os enunciadores, que neste caso são as mulheres idosas que sofreram violência doméstica. Posteriormente, para a análise em si, deve-se interpretar e analisar o corpus do texto a partir de três perguntas norteadoras, chamadas de "perguntas heurísticas". São elas (Souza, p. 21, 2014):

- a) Qual é o conceito-análise presente no texto?
- b) Como o texto constrói o conceito-análise?
- c) A que discurso pertence o conceito-análise construído da forma que o texto constrói?

Assim, a AD parte do fundamento ideológico de que a enunciação não é discurso, mas que o discurso está presente também no não-verbal, e inclusive no silêncio. Para a AD é considerado

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.325.339

texto "qualquer objeto simbólico que produza sentido" (Souza, p. 37, 2014), e a partir disso, os sentidos poderão ser produzidos a partir dos já introduzidos em todo mundo de acordo com as percepções, os valores e as experiências adquiridas, que podem ser convocados para sustentarem esses novos sentidos que estão sendo produzidos na análise. Os sentidos pré-existentes são denominados de memória discursiva ou interdiscurso (Souza, 2014).

Critério de Inclusão:

Mulheres idosas que sofreram violência doméstica e que frequentam a FUNATI, localizada na cidade de Manaus – AM, e que possuem 60 anos ou mais.

Critério de Exclusão:

a) As que se recusarem a usar Equipamentos de Proteção Individual e seguir os protocolos de segurança relacionados à Covid-19; b) Idosas que não possam se comunicar adequadamente devido à alguma limitação auditiva ou de fala; c) Idosas com algum comprometimento ou déficit cognitivo grave; d) Idosas que estiverem sob efeito de substância lícita e/ou ilícita que impossibilite a compreensão ou participação na entrevista.

Tamanho da Amostra no Brasil: 5 participantes;

O Cronograma de Execução está detalhado e prevê a etapa de Coleta de dados em campo entre 01/09/2022 e 31/10/2022;

O Orçamento Financeiro está detalhado e prevê um custo de R\$ 4.260,00 e é indicado Financiamento Próprio.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo geral: Compreender as vivências de mulheres idosas que sofreram violência doméstica, durante o contexto de pandemia da Covid-19, em Manaus, Amazonas;

Objetivo Secundário:

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.325.339

Objetivos específicos: a) Entender como os imbricamentos de gênero, raça, classe e geração (ou, gênero e geração) potencializam a violência doméstica entre mulheres idosas durante a pandemia de Covid-19b) Descrever práticas e pressupostos morais (símbolos, mentalidades) em torno de episódios de violência contra a mulher presentes nos discursos das idosas; c) Identificar serviços, políticas públicas ou quaisquer outras iniciativas que proponham acolhimento, orientação e/ou grupos de apoio e/ou reflexão para mulheres que vivencia ou vivenciaram situações de violência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a pesquisadora responsável:

Riscos:

De acordo com a Resolução Nº 466/12 toda pesquisa com seres humanos possui riscos, sendo os possíveis: danos morais, emocionais e sociais. Caso alguma dessas situações se concretize, a participante será encaminhada ao serviço de atendimento psicológico gratuito fornecido pela CSPA (Centro de Serviços de Psicologia Aplicada) da Universidade Federal do Amazonas, que será previamente contatado, através da apresentação do projeto e da assinatura de um termo de anuência. Devido à pandemia a participante estará vulnerável ao contágio pelo vírus da Covid-19, portanto todas as recomendações sanitárias serão seguidas, tais como: distanciamento físico das participantes, uso de máscaras N95 fornecidas pela pesquisadora, além de álcool em gel e comprovante de vacina.

Benefícios:

Proporcionar escuta, acolhimento e informação às mulheres idosas que se encontram em situação de violência doméstica; possibilidade de inserção de um projeto de acolhimento à essa população na FUNATI, que não possui nenhum projeto assim.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de protocolo de segunda versão do projeto "Violência doméstica contra mulheres idosas: uma questão social em meio a pandemia da Covid-19 em Manaus, Amazonas, em resposta ao

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 5.325.339

parecer nº5.285.618;

Pesquisador Responsável:

ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA - Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário FAMETRO; Mestranda em Processos Psicológicos e Saúde pela Universidade Federal do Amazonas (2021-2022) Pós-graduação em Promoção da Saúde e Desenvolvimento Social pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP-FIOCRUZ) (2021-2022); Pós-graduação em Gênero e Sexualidade pela FAVENI (2021-2022); Capacitação em Saúde do Adulto e do Idoso; Capacitação em Saúde Pública; Capacitação em Docência do Ensino Superior (2021-2021); Atuou na Fundação Centro de Controle de Oncologia (FCECON) (2020); Atuou no Setor Comercial do Centro Universitário FAMETRO (2018); Atuou no Centro Educacional Pingo de Gente e Laviniense Ensino Integrado; (2020). É pesquisadora nas áreas de Saúde da Mulher, Saúde do Idoso, Sexualidade e Gênero (Fonte: Plataforma Lattes);

Equipe de pesquisa. Estão indicados no PB;

Denise Machado Duran Gutierrez - Possui Graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1983), Mestrado em Psicologia da Saúde pela Katholieke Universiteit van Brabant (1993) e Doutorado em Saúde da Mulher e da Criança pelo Instituto Fernandes Figueira - FIO CRUZ, R.J. (2009). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, atuando principalmente nos seguintes temas: Cuidados da saúde na família, Intervenções com famílias e crianças nas instituições. Exerce o cargo de Coordenadora de Tecnologia Social no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA/Manaus) onde atua desenvolvendo projetos de inclusão social através da socialização do conhecimento científico. É autora de quatro livros na área da interface família-saúde e de educação, bem como de diversos artigos nos tópicos: suicídio entre idosos, relações de gênero e saúde, relações familiares e saúde, cuidados da saúde na família. Coordenou diversos projetos na temática da saúde da mulher, saúde da família e cuidados (Fonte: Plataforma Lattes);

Natureza do projeto:

Grandes Áreas do Conhecimento (CNPq)

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

Município: MANAUS

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.325.339

Grande Área 4. Ciências da Saúde

Grande Área 7. Ciências Humanas;

O protocolo trata de projeto que deve atender além da Res. 466/2012-CNS, Resolução nº 510/2016 - Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais e NORMA OPERACIONAL Nº 001/2013.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

FOLHA DE ROSTO: ADEQUADA. Apresentada no arquivo FolhaDeRosto.pdf, 18/03/2022 15:24:38, com a assinatura do pesquisador e do Dr. Ronaldo Gomes Souza, Coordenador Pós Graduação como instituição proponente;

TERMO DE ANUÊNCIA: ADEQUADO. Apresentado no arquivo CARTAANUENCIAASSINADAFUNATI.pdf 28/02/2022 17:32:29, a anuência assinada por Euler Esteves Ribeiro, Reitor da FUNATI;

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ADEQUADO. Apresentado no arquivo InstrumentoDeColetaDeDados.docx 18/03/2022 14:45:53;

TCLE: ADEQUADO. Apresentado no arquivo TCLE.docx, 18/03/2022 15:04:35

Recomendações:

Este CEP/UFAM analisa os aspectos éticos da pesquisa com base nas Resoluções 466/2012-CNS, 510/2016-CNS e outras complementares. A aprovação do protocolo neste Comitê NÃO SOBREPÕE eventuais restrições ao início da pesquisa estabelecidas pelas autoridades competentes, devido à pandemia de COVID-19. O pesquisador(a) deve analisar a pertinência do início, segundo regras de sua instituição ou instituições/autoridades sanitárias locais, municipais, estaduais ou federais. Pesquisas no âmbito da Universidade Federal do Amazonas devem atender ao estabelecido no Of. Circ. Nº009/PROESP/2020/2020/PROESP/UFAM e às orientações do Plano de Contingência da Universidade Federal do Amazonas frente à pandemia da doença pelo SARS-COV-2 (COVID-19): "As atividades de Pesquisa com seres humanos devem ser suspensas, à exceção das que estejam trabalhando nas

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

Município: MANAUS

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.325.339

áreas de

saúde, diretamente relacionadas ao Coronavírus ou que necessitem de acompanhamento contínuo, com as devidas precauções e autorização das autoridades de saúde pública do estado do Amazonas".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram encontrados óbices éticos;

É necessário de que o pesquisador responsável envie por Notificação, por meio da Plataforma Brasil, os relatórios parciais e final, conforme item XI.d. da Res 466/2012-CNS.

E-mail: cep@ufam.edu.br

Considerações Finais a critério do CEP:

Inserir paginação 1 de 2, 2 de 2 no TCLE.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1905925.pdf	18/03/2022 15:27:46		Aceito
Outros	CartaRespostaCEP.docx	18/03/2022 15:25:44	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	18/03/2022 15:24:38	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Outros	MedidasDeSeguranca.docx	18/03/2022 15:10:03	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	18/03/2022 15:04:35	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	18/03/2022 15:03:56	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.325.339

Outros	InstrumentoDeColetaDeDados.docx	18/03/2022 14:45:53	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Outros	cartaCSPAUFAM.pdf	28/02/2022 17:33:40	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Outros	CARTAANUENCIAASSINADAFUNATI.pdf	28/02/2022 17:32:29	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	28/02/2022 17:31:04	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	28/02/2022 17:30:16	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 01 de Abril de 2022

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

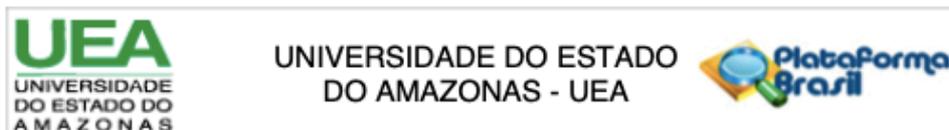
Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com

11.4. ANEXO 4 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA – UEA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência doméstica contra mulheres idosas: uma questão social em meio a pandemia da Covid-19 em Manaus, Amazonas

Pesquisador: ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56428922.6.3001.5016

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.395.124

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: Violência doméstica contra mulheres idosas: uma questão social em meio a pandemia da Covid-19 em Manaus, Amazonas Pesquisador: ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA

Trata-se de POc para o parecer 5.325.339 emitido pelo CEP da UFAM

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo geral: Compreender as vivências de mulheres idosas que sofreram violência doméstica, durante o contexto de pandemia da Covid-19, em Manaus, Amazonas;

Objetivo Secundário: Objetivos específicos: a) Entender como os imbricamentos de gênero, raça, classe e geração (ou, gênero e geração) potencializam a violência doméstica entre mulheres idosas durante a pandemia de Covid-19b) Descrever práticas e pressupostos morais (símbolos, mentalidades) em torno de episódios de violência contra a mulher presentes nos discursos das idosas; c) Identificar serviços, políticas públicas ou quaisquer outras iniciativas que proponham acolhimento, orientação e/ou grupos de apoio e/ou reflexão para mulheres que vivencia ou vivenciaram situações de violência.

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777
Bairro: chapada **CEP:** 69.050-030
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3878-4368 **Fax:** (92)3878-4368 **E-mail:** cep.uea@gmail.com

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

De acordo com a Resolução No 466/12 toda pesquisa com seres humanos possui riscos, sendo os possíveis: danos morais, emocionais e sociais. Caso alguma dessas situações se concretize, a participante será encaminhada ao serviço de atendimento psicológico gratuito fornecido pela CSPA (Centro de Serviços de Psicologia Aplicada) da Universidade Federal do Amazonas, que será previamente contatado, através da apresentação do projeto e da assinatura de um termo de anuência. Devido à pandemia a participante estará vulnerável ao contágio pelo vírus da Covid-19, portanto todas as recomendações sanitárias serão seguidas, tais como: distanciamento físico das participantes, uso de máscaras N95 fornecidas pela pesquisadora, além de álcool em gel e comprovante de vacina.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Resumo:

A violência contra as mulheres é um fenômeno de existência milenar, que se dá com grande influência das construções de gênero incrustadas no seio da sociedade, fundadas no pensamento patriarcal. As mulheres são entrelaçadas por camadas de opressão ao longo da história, que as alcançam em proporções e intensidades diferentes de acordo com questões de gênero, faixa etária, raça e classe social. Esses fatores influenciam para que mulheres idosas sejam grandes vítimas de violência doméstica, e que essa violência seja legitimada pela família. Com o advento da pandemia da Covid-19, notou-se o agravamento nos casos de violência doméstica contra as mulheres ao redor do mundo, e com as idosas não foi diferente. O fato se deve não apenas ao maior convívio que as mulheres idosas passaram a ter com seus familiares devido ao isolamento, mas também à instabilidade econômica e financeira que afetou muitas famílias; e todos esses medos e incertezas acarretam desregulações emocionais, possíveis abusos no uso de álcool e outras drogas, dentre outros fatores que podem vir a desencadear o aumento na ocorrência de casos de violência doméstica. Dito isso, a pesquisa tem como objetivo geral: Compreender as vivências de mulheres idosas que sofreram violência doméstica, durante o contexto de pandemia da Covid19, em Manaus, Amazonas. A pesquisa será de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e de campo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- carta de anuência - ok
- Carta atendimento psicológico UFAM - ok

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777
Bairro: chapada **CEP:** 69.050-030
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3878-4368 **Fax:** (92)3878-4368 **E-mail:** cep.uea@gmail.com

Continuação do Parecer: 5.395.124

- instrumento de pesquisa - ok
- medidas sanitárias - ok

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de um protocolo de pesquisa com seres humanos, o mesmo atende os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, somos pela APROVAÇÃO. Salvo o melhor juízo é o parecer

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	CartaRespostaCEP.docx	18/03/2022 15:25:44	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Outros	MedidasDeSeguranca.docx	18/03/2022 15:10:03	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	18/03/2022 15:04:35	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	18/03/2022 15:03:56	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Outros	InstrumentoDeColetaDeDados.docx	18/03/2022 14:45:53	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Outros	cartaCSPAUFAM.pdf	28/02/2022 17:33:40	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito
Outros	CARTAANUENCIAASSINADAFUNATI.pdf	28/02/2022 17:32:29	ELZA BEATRIZ BARROS DE PAIVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777

Bairro: chapada

CEP: 69.050-030

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3878-4368

Fax: (92)3878-4368

E-mail: cep.uea@gmail.com

Continuação do Parecer: 5.395.124

MANAUS, 09 de Maio de 2022

Assinado por:
ELIELZA GUERREIRO MENEZES
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777

Bairro: chapada

CEP: 69.050-030

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3878-4368

Fax: (92)3878-4368

E-mail: cep.uea@gmail.com